

José Ademilton Francisco da Silva

A MEMÓRIA DO ÊXODO NO DÊUTERO-ISAÍAS
UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LITERÁRIA

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Apoio FAPEMIG

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

José Ademilton Francisco da Silva

A MEMÓRIA DO ÊXODO NO DÊUTERO-ISAÍAS

UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-LITERÁRIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Johan Konings

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2017

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus: “O Pai das misericórdias e Deus de toda consolação, o qual nos consola em todas as nossas aflições” (Cor 1,3-4), que me concedeu o dom da vida, da vocação e a oportunidade da realização deste mestrado para melhor servir ao Reino de Deus, na comunidade a partir do exercício do ministério sacerdotal, também na dimensão acadêmica.

À Diocese de Caruaru, na pessoa do Sr. Bispo Diocesano, Dom Bernardino Marchió, por ter me liberado das atividades pastorais na diocese para poder me dedicar aos estudos a fim somar, futuramente, junto ao corpo docente do curso de teologia na faculdade da diocese. À minha família por compreender a minha ausência em momentos significativos da vida familiar.

Ao meu orientador Pe. Konings pela acolhida terna e generosa e por me incentivar, pacientemente, a continuar a pesquisa, quando momentos de desânimo bateram à porta. Às bibliotecárias Zita e Vanda por todo o apoio e incentivo. Ao meu pai espiritual, Mons. Roque pelo apoio moral e correção ortográfica do texto. Ao meu irmão no ministério sacerdotal, Pe. Erandi pela presença fraterna e incentivadora.

A todos que fazem a FAJE – faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia pela excelência e por representar um marco em minha trajetória acadêmica. Ao apoio financeiro da FAPEMIG.

Ao hospitaleiro povo mineiro pela acolhida e oportunidade de conhecer muito da grande riqueza arquitetônica, cultural e de fé deste povo de uma fé autêntica e entusiasta. De modo particular às Paróquias de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, Nossa Senhora de Lourdes, em Vespasiano e Nossa Senhora da Boa Viagem – Santuário Arquidiocesano da Adoração Perpétua – em Belo Horizonte, onde pude exercer meu ministério pastoral, nas pessoas dos seus párocos: Pe. Marcelo Santiago, Pe. Lauro Elias e Pe. Marcelo Silva, respectivamente.

Ao querido irmão e companheiro de caminhada nos momentos bons e difíceis do mestrado, Pe. Ademir, CN. Na pessoa dele agradeço aos demais colegas de turma, especialmente os de outras denominações religiosas, com as quais aprendi a riqueza da fé que brota da unidade. Em fim, a todos que de uma forma ou de outra, foram importantes para a realização deste sonho e concretização deste trabalho acadêmico.

Dizei aos cativos: 'saí!'.
Aos que estão nas trevas:
'Vinde à luz!'
Caminhemos para as fontes,
É o Senhor quem nos conduz!

(ReginaldoVeloso)

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a segunda parte do livro do profeta Isaías, o chamado Segundo Isaías ou Dêutero-Isaías, centrando-se na figura de um profeta anônimo que atuou entre os exilados em Babilônia no final do século VI a.C. O foco é a observação do paralelo que o profeta estabelece entre o exílio e o êxodo a fim de transmitir uma mensagem de esperança no coração dos exilados – esperança de um retorno para Jerusalém. A partir da recordação/memória da ação de Deus no passado de Israel, quando Deus o libertou da escravidão do Egito, a paradigmática experiência do êxodo, o profeta encoraja os exilados em Babilônia a esperar a realização de um novo êxodo. Anuncia, da parte de Deus, uma mensagem de consolo aos corações abatidos pelo exílio: o novo êxodo. Deus libertará novamente o seu povo, como o fez outrora. A partir de uma abordagem histórico-literária trazemos à tona episódios-chaves desse período da história de Israel, bem como alguns textos bíblicos e temas dêutero-isaianos que nos ajudam a aprofundar a imagem de Deus do Dêutero-Isaías e como esta foi determinante para a mensagem que ele transmitiu aos seus ouvintes, os exilados.

Palavras-chave: Dêutero-Isaías. Êxodo. Exílio. Egito. Babilônia. Consolação. Esperança. Recordação/Memória. Salvação- Libertação. Novo.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the second part of the prophet Isaiah's book, named Second Isaiah or Deutero-Isaiah, focusing on the figure of an anonymous prophet who served among the exiles in Babylon in the late sixth century BC. The focus will be on observation of the parallel that the prophet establishes between the exile and the exodus in order to transmit hope to the heart of the exiles - hope of a return to Jerusalem. From the remembrance / memory of God's action in Israel's past, when God liberated him from slavery in Egypt, the paradigmatic experience of the exodus, the prophet encourages the exiles in Babylon to wait for a new exodus. Announce, from God, a message of consolation to hearts crushed by exile: the new exodus. God will set his people free again, as he did once. From a historical-literary approach, we bring to the fore key episodes of this period of Israel's history, as well as some biblical texts and Deutero-Isaiah themes that help us to deepen the image of God in the Deutero-Isaiah and how it was determinant for the message he conveyed to his listeners, the exiles.

Key words: Deutero-Isaiah. Exodus. Exile. Egypt. Babylon. Consolation. Hope. Remembrance/Memory. Salvation-Release. New.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Dt-Is – Dêutero-Isaías

a.C. – Antes de Cristo

AT – Antigo Testamento

NT – Novo Testamento

Id., – Idem

Idid., – Ibidem

cf. – Confere (confira; conforme)

p. – Página

v. – Versículo

vv. – Versículos

s. – Seguinte

ss. – Seguintes

cap. – Capítulo

caps. – Capítulos

CBI – Comissão Bíblica Internacional

SBB – Sociedade Bíblica do Brasil

TEB – Bíblia Tradução Ecumênica

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O DÊUTERO-ISAÍAS: O PROFETA DO NOVO ÊXODO	13
1.1 O Dêutero-Isaías no conjunto da profecia clássica de Israel.....	14
1.2 Os profetas exílicos (587 – 538)	14
1.2.1 Os três profetas do exílio	17
1.2.2 Jeremias.....	17
1.2.3 Ezequiel	19
1.2.4 Dêutero-Isaías	21
1.3 O lugar vivencial da obra dêutero-isaiana e sua influência na mensagem	22
1.3.1 Ciro: o rei persa.....	25
1.4 A autoria e data do Dêutero-Isaías: posicionamento do Magistério Eclesiástico.....	26
1.5 O Dêutero-Isaías entre os exegetas	31
Conclusão	35
2 O CONJUNTO DA OBRA DÊUTERO-ISAIANA	37
2.1. Isaías: uma obra em três partes e em três momentos históricos.....	38
2.1.1 Os três livros	39
2.1.1.1 O Proto-Isaías	39
2.1.1.2 O Dêutero-Isaías.....	40
2.1.1.3 O Trito-Isaías.....	41
2.2. O Dêutero-Isaías: estrutura interna do texto – uma visão do conjunto da obra.....	42
2.2.1 O prólogo (40,1-11): o anúncio da libertação – novo êxodo e a Palavra de Deus....	43
2.2.2 Os dois grandes blocos centrais.....	43
2.2.3 O epílogo (55,6-13): um convite à permanente conversão	45
2.2.4 O primeiro bloco central: Libertação e retorno a Jerusalém (40,12–48,22).....	46
2.2.5 O segundo bloco central: Projeto de reconstrução de Jerusalém (49,1–55,5)	50
2.3. Profeta: um porta-voz.....	53
2.4. Um povo em crise de fé	55
2.5. Da história concreta à Teologia da História: só Deus é Senhor da História.....	58
2.6. O Deus de Israel e os ídolos pagãos	59
Conclusão	61
3 O NOVO ÊXODO: DA PROMESSA À REALIZAÇÃO	63
3.1 O processo de libertação começa a se tornar realidade	64

3.1.1 Os dias finais do império babilônio	66
3.1.2 Um novo êxodo se avizinha.....	68
3.1.3 É hora de sair.....	75
3.2 A Boa-Nova da salvação-libertação	78
3.2.1 Deus fará “algo novo”.....	80
Conclusão	86
CONCLUSÃO GERAL	87
REFERÊNCIAS	92

INTRODUÇÃO

Na abertura do capítulo quarenta do livro de Isaías, nos deparamos com as seguintes palavras do profeta:

Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que seu serviço está cumprido, que sua iniquidade foi expiada, que ela recebeu da mão de Iahweh paga dobrada por todos os seus pecados. Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para Iahweh; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus [...]. Então a glória de Iahweh há de revelar-se e toda carne, de uma só vez, o verá, pois a boca de Iahweh o afirmou’ (Is 40,1-3.5).

O termo “*Consolai*” ou “*confortai*”, como veremos em nossa pesquisa, aparecerá dezesseis vezes a partir do versículo primeiro do capítulo quarenta nos escritos isaianos: nove vezes nos capítulos 40–55, e sete vezes nos capítulos 56–66. Além de ser a palavra de abertura da segunda parte da obra isaiana – caps. 40–55, o termo *confortai* (*consolai*), como vimos acima aparece várias vezes ao longo do Segundo e Terceiro Isaías, dando assim uma tônica a estas duas partes: a imagem de um Deus que conforta, consola o seu povo.

Esta alegre notícia de consolação, o profeta anuncia a um público específico: o povo de Israel exilado em Babilônia. Uma pergunta norteará nossa pesquisa: como o autor do Dêutero-Isaías ajudou o povo exilado a se manter firme na fé no Deus único e verdadeiro e a conservar acesa a chama esperança de que Deus o libertará da humilhação de estar numa terra estrangeira? Como o profeta vivenciou o drama do exílio e anunciou uma mensagem de otimismo aos exilados. A estas e outras perguntas, vamos tentando dar respostas ao longo da pesquisa.

Sendo assim, o percurso empreendido para a abordagem do tema escolhido para essa dissertação e, naturalmente, para as questões com ele relacionadas, envolve a estruturação do trabalho em três capítulos, aos quais demos os seguintes títulos: O Dêutero-Isaías: o profeta do novo êxodo; o conjunto da obra dêutero-isaiana e o novo êxodo: da promessa à realização.

No primeiro capítulo situaremos o profeta em estudo dentro do conjunto da profecia clássica de Israel, especificamente, no conjunto dos chamados “profetas exílicos”, a saber: Jeremias, Ezequiel e o Dêutero-Isaías. Apresentaremos algumas características dos mesmos e os elementos centrais de suas mensagens e, por conseguinte, o significado de cada um deles para a vida de Israel na conturbada fase de sua história: o exílio babilônico. Falaremos das duas principais deportações pelas quais passou Israel: a primeira (597 a.C.) e a segunda (587

a.C); e como os profetas as acompanharam, ajudando o povo a ler os fatos à luz da fé em Deus que age no meio dos acontecimentos vitais da história de seu povo. Falaremos do lugar vivencial no qual o profeta exerceu seu ministério e como este lugar influenciou a sua mensagem e, por fim, abordaremos questões relacionadas a autoria do Dêutero-Isaías a partir dos rumos que a pesquisa bíblica acerca desse profeta tomou final do século XVIII, e especialmente a partir das últimas décadas do século XIX. Aqui destacamos o posicionamento do Magistério da Igreja a partir de documentos publicados pela CBI – Comissão Bíblica Internacional. Em seguida faremos uma exposição de como os exegetas tem estudado o referido profeta e quais os principais autores aos quais recorreremos nesta pesquisa.

No segundo capítulo, com o intuito de compreendermos melhor a riqueza da mensagem do profeta Isaías, apresentaremos, na medida do possível,¹ uma visão do conjunto de sua obra. Veremos que ela é organizada em três partes e fruto de três momentos históricos distintos: pré-exílio, o exílio e o pós-exílio. A primeira parte da obra isaiana – o Proto-Isaías – compreende os capítulos 1–39 e fala da vida antes do exílio de Judá na Babilônia, a vida em Jerusalém. A segunda parte – o Dêutero-Isaías – são os capítulos 40–55 e trata da vida de Israel na Babilônia perto do final do exílio. E, a terceira parte – o Trito-Isaías – os capítulos 56–66, está relacionada à vida após o exílio e o complexo processo de reconstrução de Jerusalém. De forma breve falaremos de cada uma dessas partes objetivando colher o núcleo central da mensagem de cada uma delas.

Em seguida, nos dedicaremos propriamente na segunda parte da obra que é objeto de nossa pesquisa: o Dêutero-Isaías, a fim de percebermos a forma como o autor sagrado estruturou sua obra e qual a mensagem ele que deixar em cada uma delas. Ela é composta por uma introdução – prólogo – (Is 40,1–11): o anúncio da libertação – o novo êxodo e a Palavra de Deus, por dois grandes blocos centrais: o primeiro fala da libertação e do retorno a Jerusalém (Is 40,12–48,22) e o segundo do projeto de reconstrução de Jerusalém (Is 49,1–55,5); e, a terceira parte é precisamente o epílogo – conclusão – (Is 55,6-13), na qual o profeta faz um convite à permanente conversão de Israel ao Deus único-criador-salvador-libertador. Ainda no segundo capítulo, destacaremos alguns temas² presentes no conjunto da obra

¹ Dizemos na medida do possível dada a complexidade e tamanho da obra, bem como a natureza da nossa pesquisa: dissertação de mestrado.

² Fizemos a opção, fundamentalmente, por uma abordagem histórico-literária, conforme sinalizamos no próprio título do trabalho. Com isso, não nos deteremos sobre a análise exegética de alguma perícopes, propriamente. Mas selecionamos temas que perpassam o Dêutero-Isaías, abordando-os à luz de elementos exegéticos e semânticos presentes nos textos bíblicos que fundamentam tais temas.

dêutero-isaiana, a saber: profeta: um porta-voz, um povo em crise de fé, da história concreta à Teologia da História: só Deus é Senhor da História e o Deus de Israel e os ídolos pagãos.

No terceiro capítulo abordará o tema objeto de nossa pesquisa propriamente. Nele veremos que o processo de libertação do cativo da Babilônia começa com o declínio do império babilônio a partir da morte daquele o levou ao seu apogeu: Nabucodonosor. Sob o comando deste, o império se consolidou se expandiu e tornou-se uma grande potência política e economia. Entretanto, com a sua morte, o império entrou num rápido processo de decadência, até ser conquistado por Ciro, rei da Pérsia. Veremos alguns que levaram ao final do império babilônio. Assim, trataremos sobre os dias finais do império caldeu e a ascensão do império persa sob o comando de Ciro. Este, por sua vez, adotou uma política de tolerância em relação aos povos conquistados, permitindo o repatriamento e, inclusive, patrocinando processo de reconstrução dos lugares que foram destruídos pela política militar de conquista dos seus antecessores. Ciro publicou um edito que permitiu o repatriamento de Israel: um novo êxodo se avizinha. O sonho de voltar para Sião começa a tornar-se realidade. Os profetas anunciaram, muitos esperaram e a espera não foi em vão. O profeta proclama em voz forte que é hora de sair, pôr-se em marcha, aplinar os caminhos tortuosos e desérticos. O SENHOR está consolando o seu povo permitindo que ele volte para Sião, a terra da Promessa. Esta é a Boa-Nova da salvação-libertação que o Dêutero-Isaías anuncia ao coração do exilados. Este é “algo novo” do qual o profeta já havia falado. Israel não deve ficar preso às coisas do passado, mas olhar para o novo horizonte que se descortina. O Deus que libertou outrora do Egito, realizando o antigo êxodo, libertará agora do exílio em Babilônia.

Na conclusão geral destacaremos que no decorrer da nossa pesquisa, concluímos que na segunda parte da obra isaiana, ou no chamado Dêutero-Isaías, o profeta anuncia uma mensagem de consolação para o povo exilado em Babilônia, a saber: que o SENHOR o libertará fazendo passar pela experiência de um novo êxodo.

Ao longo dos dezesseis capítulos, o profeta mostrará que Deus, o criador de todas as coisas e por isso mesmo senhor de tudo quanto existe, tem nas mãos os rumos da história, coisa impossível aos ídolos pagãos; e, por ter poder sobre os rumos da história, mudará o curso de história de Israel, fazendo sair da condição de exilado à de povo livre e de posse da terra que lhe fora tirada pelo império babilônio. Assim sendo, o profeta apresenta a mensagem de consolação da parte de Deus. O SENHOR é o salvador/libertador e consolador de Israel (Is 40,1ss). O profeta convida o povo a fazer memória das ações salvíficas de Deus ao longo da sua história. E, com isso, perceber como Deus sempre agiu em favor de seu povo em meio aos sobressaltos da história. Nessa memória histórica, ganha destaque o episódio da libertação do

Egito – o êxodo –. Este servirá de paradigma para compreensão do que acontecerá com Israel no presente momento de sua história – exílio babilônio – O que o fez outrora, o fará agora. Haverá um novo êxodo. Esta é a mensagem de consolação que Isaías anuncia a Israel.

Já no epílogo de sua obra, o Dêutero-Isaías apresenta esta mensagem de consolação: “Consolai, consolai meu povo [...], falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que **seu serviço está cumprido, que sua iniquidade foi expiada**(Is 40, 1-3). Veremos que esta consolação se torna concreta com a volta dos exilados para Jerusalém. É interessante salientar que nem todos quiseram voltar, pois já se tinham instalado em Babilônia: tinham terra, casas, trabalhos e certa autonomia econômica.

Outrossim, os que desejaram voltar puseram-se em marcha na certeza de que não caminhavam sozinhos, pois o SENHOR, qual pastor os conduzia. Puseram-se a caminho porque sabiam aonde este daria: Sião. Não caminhavam desnorteados. Sabiam que o caminho que ora iniciavam tinha um ponto de partida: Babilônia dos Caldeus e um ponto de chegada: Sião, a terra da promessa. É Deus conduzindo-os à terra da liberdade, como o fez outrora ao libertá-los do Egito.

Portanto, desejamos com esta pesquisa perceber o esforço do autor sagrado no sentido de ajudar as pessoas de ontem, os exilados, e de hoje, todos os crentes, a lançar um olhar para além do momento presente, principalmente quando esse é de sofrimento. E crer que Deus sempre libertará a criatura humana de toda espécie de dor e de escravidão.

1 O DÊUTERO-ISAÍAS: O PROFETA DO NOVO ÊXODO

Neste primeiro capítulo, situaremos o profeta em estudo, a saber, o Dêutero-Isaías dentro do conjunto da profecia clássica em Israel e, naturalmente, sua contribuição e relevância para este momento do movimento profético bíblico.

Sendo assim, de forma resumida, apresentaremos os três profetas exílicos: Jeremias, Ezequiel e o Dêutero-Isaías. Destacaremos algumas características dos mesmos e os elementos centrais de suas mensagens e, por conseguinte, o significado de cada um deles para a vida de Israel dentro de uma das fases mais delicadas da história deste povo: o exílio.

Apresentaremos também as duas principais deportações pelas quais passou Israel: a primeira (597 a.C.) e a segunda (587 a.C); e como os profetas as acompanharam, ajudando o povo a ler os fatos à luz da fé no SENHOR-DEUS que age no meio dos acontecimentos vitais da história de seu povo.

Abordaremos ainda, neste primeiro capítulo de nossa pesquisa, a questão da autoria, data e contexto histórico – lugar vivencial¹ – do Dêutero-Isaías e quais as influências dessa realidade sobre a mensagem do profeta, com um destaque à figura de Ciro, rei da Pérsia, e como sua política mudou os rumos da história de Israel. O que significou a conquista da Babilônia da parte dele e seu edito de repatriamento dos israelitas.

Veremos que os capítulos 40–55 constituem a segunda parte do livro de Isaías, por isso, são chamados de SEGUNDO ISAÍAS ou DÊUTERO-ISAÍAS. A história destes poemas narrativos tem a ver com o momento do exílio na Babilônia e também com o regresso dos judeus depois do cativeiro da Babilônia.

Esta parte da obra isaiana, tem características bem peculiares que a distingue dos capítulos que a antecedem (1–39) e lhe sucedem (56–66), o Proto-Isaías e Trito-Isaías, respectivamente. E, por isso, passou a ser objeto de estudo a partir da perspectiva de que seria uma obra de um autor que não o mesmo do Proto e Trito-Isaías.

¹ Terminologia usada por Uwe Wegner em seu Manual de Metodologia de Exegese do Novo Testamento para falar do **ambiente sócio, cultural e histórico de um texto**. Adotaremos a mesma, toda vez que falarmos de contexto do texto. Diz ele: “Lugar vivencial é uma expressão que procura reproduzir as palavras alemãs ‘Sitz im Leben’. *Sitz* significa ‘lugar/assento’ e *im Leben* quer dizer ‘na vida’. Literalmente ‘Sitz im Leben’ significa, pois, ‘lugar na vida’ = ‘lugar vivencial’. Alguns autores preferem outras traduções ou termos, como ‘lugar de origem’, ‘situação geratriz’, ‘ambiente vital’ ou ‘contexto histórico’” (WEGNER, 1998, p. 210).

Ainda neste primeiro capítulo, veremos como Dêutero-Isaías é abordado entre alguns exegetas atuais, como Spreafico, Alonso Schökel, Sicre Diaz, SimianYofre, Bright, Schmitz, Darder, Blenkinsopp, Reimer, Siqueira, Zabatiero, GuijarroOporto, Salvador Garcia.

1.1 O Dêutero-Isaías no conjunto da profecia clássica de Israel

Antes de adentrarmos propriamente no Dêutero-Isaías, situaremos o profeta em estudo dentro de um conjunto maior, a saber: a profecia clássica em Israel, especificamente, no conjunto dos profetas exílicos: Jeremias, Ezequiel e o Dêutero-Isaías.

1.2 Os profetas exílicos (587 – 538)

Para compreendermos melhor a atuação dos “profetas exílicos” queremos situá-los num breve panorama da história de Israel – o período do exílio babilônico – quando

os babilônios se revoltam contra os assírios e tomam o poder no lugar deles (em 612 destroem Nínive, capital da Assíria). Isso repercute em todo o Oriente Médio e acarreta uma série de conflitos. Um deles provoca a morte de Josias em 609 [...] ² A nação perde a coragem, a unidade, a fé. E não teve mais para governá-la senão reis efêmeros, jovens demais, incapazes [...]. ³

A partir dessa realidade, o país tornou-se uma presa fácil para os inimigos. E, ainda mais: “Os babilônicos continuam a política de conquista e de opressão dos assírios”, ⁴ usando a deportação dos conquistados como uma das suas principais práticas políticas. Sendo assim, parte da população de Judá, sobretudo os governantes e as personalidades mais influentes, foi deportada para a Babilônia em duas vezes: em 597 e 587.

A prática da deportação era comum naquela época. De forma que muitos colonizadores a aplicavam aos povos conquistados. Com o povo de Israel não foi diferente: “Tal medida tornou-se prática comum a partir de Teglat-Falasar III, segundo afirmam as inscrições assírias: atingiu muitas vezes a história de Israel”. ⁵

Os impérios assírio e babilônico deportavam os povos vencidos. E, essa prática tinha dois objetivos, como veremos na afirmação a seguir:

² Para o povo de Judá a morte de Josias foi um golpe terrível – um escândalo inexplicável – ver morto um rei muito jovem (39 anos) e cheio de projetos, principalmente o da reforma religiosa, purificando a religião judaica de muitas práticas vindas do paganismo. Ele era considerado um rei bom e fiel ao SENHOR Deus de Israel.

³ WIÉNER, 1984, p. 10.

⁴ *Ibid.*, p. 11.

⁵ DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 372.

Os assírios e os babilônicos deportavam os povos vencidos, no todo ou em parte, para a Mesopotâmia. Essa medida tinha por objetivo enfraquecer a energia nacional dos inimigos e, talvez, também colonizar seu próprio domínio, cuja população era muito pouco densa. Os povos deportados viviam ali no exílio.⁶

- **A primeira deportação (597 a.C.):** O rei Josias morreu no ano 609 a.C. Foi sucedido por seu filho, Joaquim, que se tornou vassalo de Nabucodonosor em 604 a.C. No entanto, três anos mais tarde, incentivado pelo Egito, rebelou-se contra Nabucodonosor. Este último, por sua vez, tratou dessa rebelião ordenando que Joaquim fosse preso e levado para a Babilônia:

Nabucodonosor só tratou dessa rebelião em 597 a.C., quando ordenou que Joaquim fosse preso com cadeias de bronze e levado à Babilônia. Foi nessa ocasião que Joaquim morreu, aos 36 anos de idade, não se tendo certeza se ele morreu de causas naturais ou como resultado de uma conspiração.⁷

A respeito desse episódio, escreve Klein:

Nabucodonosor deportou de Judá o rei Joaquim, membros da família real, nobres, proprietários de terras, líderes militares, anciãos, artesãos, sacerdotes e profetas. Embora o total dos deportados somasse apenas dez mil ou pouco menos (2Rs 24 14-16; Jr 52,58), eram pessoas das classes de liderança e sua perda representou severo golpe para a o reino meridional.⁸

Ainda sobre a primeira deportação, no verbete “deportação” do Dicionário Enciclopédico da Bíblia encontramos a seguinte afirmação: “... No undécimo ano do rei Joaquim (o primeiro do rei Joaquim), em 597, Nabucodonosor deportou numerosos israelitas. Fez partir o rei, a família real, cortesões, nobres, soldados, artesãos, serralheiros (armeiros), mas não os sacerdotes (2Rs 24,10-17) [...]”.⁹

- **A segunda deportação (587 a.C.):** Após a deportação de Joaquim para a Babilônia, Nabucodonosor nomeou como seu sucessor, Sedecias (tio de Joaquim). Porém, Sedecias, depois de 10 anos de governo, tomou a firme decisão de não pagar tributo ao

⁶ DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 372.

⁷ LAWRENCE, 2008, p. 102.

⁸ KLEIN, 2012, p. 15.

⁹ DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 373.

império babilônio. Este, por sua vez, não deixou por menos. A repressão foi imediata (2Rs 25,2-3; 8-10; Jr 52,12-14; 28-32):

No undécimo ano de Sedecias, no início do verão de 587, quando Jerusalém foi definitivamente tomada por Nabucodonosor, houve uma nova deportação. Levou-se o restante da população de Jerusalém, assim como os trânsfugas (o próprio Sedecias já havia sido capturado e seus filhos mortos diante de seus olhos). Foram deixados os pobres que nada possuíam; o comandante chefe babilônico deu-lhes campos e vinhas (2Rs 25,1-21; Jr 39,1-10; 52).¹⁰

Portanto, em 587 a.C., Nabucodonosor cercou Jerusalém, e mais uma parcela da população da cidade foi levada para a Babilônia. O exército babilônico, na expressão de Beaumont: “enfurecido”,¹¹ tomou a cidade e prendeu o rei, que foi deportado para a Babilônia:

O rei com seus familiares e o exército tentaram fugir, mas todos foram capturados e levados à presença do imperador babilônico. Nabucodonosor mandou degolar os filhos de Sedecias na presença do pai. Depois vazou os olhos de Sedecias e o levou acorrentado para a Babilônia (2Rs 25,4-7; Jr 52,6-11).¹²

Esta segunda deportação, de fato, arrasou Jerusalém com a destruição da cidade, do templo e deportação de uma grande parcela da população. A cidade ficou em ruínas e totalmente entregue às mãos dos povos caldeus e sua política de dominação e exploração. E os hebreus? Uns ficaram em Jerusalém, tentando se reerguer em meios as ruínas, outros espalhados (processo de diáspora) e os demais exilados na Babilônia.

No exílio, os hebreus parecem destinados à morte civil e religiosa: “A história de Judá parecia ter chegado ao fim”,¹³ com o desaparecimento de todas as seguranças precedentes, pois encontram-se em terra estrangeira e, portanto, impura. O rei davídico esperado está na prisão. A cidade santa – Jerusalém – e o Templo, Casa de Deus, estão destruídos e o SENHOR parece incapaz de defender o seu povo e, por isso, parece derrotado diante dos deuses estrangeiros dos vencedores.

Portanto, a crise de fé é profunda e parece sem saída. Aos poucos, porém, torna-se um verdadeiro trampolim para a formação de uma nova mentalidade religiosa e de uma nova

¹⁰ DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia, 2013, p. 373.

¹¹ BEAUMONT, 2012, p. 66.

¹² PEDRO; NAKANOSE, 2004, p. 12.

¹³ BEAUMONT, 2012, p. 66.

orientação de vida. Para isto, contribuíram significativamente, os profetas, como dissemos antes, assim chamados, *profetas exílicos*: Jeremias, Ezequiel e o Dêutero-Isaías.

Não pretendemos aqui, para não nos alongarmos desnecessariamente neste tópico, abordarmos amplamente os profetas Ezequiel e Jeremias. Apenas, faremos breves considerações sobre os mesmos. Logo em seguida, nos deteremos precisamente sobre o Dêutero-Isaías e sua contribuição para a vida do povo neste momento singular de sua história.

1.2.1 Os três profetas do exílio

Foram três profetas que surgiram num momento crítico da história de Israel e que ajudaram o povo a ver os fatos numa ótica de fé, a descobrir cada vez mais a presença amorosa de Deus que nunca o abandonou e a vislumbrar perspectivas de um futuro novo.

Como que resumindo o conjunto da missão desses profetas; mas, ao mesmo tempo, dando-nos uma ideia global da contribuição destes para o delicado momento da história de Israel – a tragédia da destruição de Jerusalém e a realidade do exílio babilônico – Bright afirma:

Anunciando-a incessantemente como um justo julgamento de Iahweh devido ao pecado da nação, esses profetas deram à tragédia uma explicação coerente, permitindo que ela fosse encarada não como uma contradição, mas como uma justificação¹⁴ da religião histórica de Israel [...]. O exílio poderia ser visto como um castigo merecido e como um expurgo que preparava Israel para um novo futuro. Com essas palavras, e afirmando ao povo que Iahweh não estava longe dele, mesmo na terra do exílio, os profetas preparavam o caminho para a formação de uma nova comunidade.¹⁵

1.2.2 Jeremias

O profeta Jeremias nasceu por volta de 650 a.C. Iniciou sua missão profética no décimo terceiro ano do reinado de Josias (Jr 1,2). Acompanhou o processo da reforma religiosa e da restauração nacional, empreendido por Josias. Projeto que fracassou com a morte do rei em 609 a.C.

Jeremias acompanhou o sofrido processo de decadência e de ruína total do reino de Judá. Presenciou as duas investidas de Nabucodonosor contra Judá e, por conseguinte as duas deportações: 597 e 587. Ele atravessou esta dramática história, participando ativamente dela

¹⁴ Justificação entendida como purificação e salvação da religião histórica de Israel. Um processo que ajudou Israel a amadurecer na fé.

¹⁵ BRIGHT, 2003, p. 418.

através da pregação e da denúncia proféticas,¹⁶ anunciando a ruína e advertindo os reis que se sucederam no trono de Davi.

Pois “ele estava convicto de que, por não haver cumprido suas obrigações para com Deus, Judá não veria o cumprimento das promessas do Senhor. O Juízo de Deus repousava sobre Judá. Em outras palavras, o reino do sul estava condenado”.¹⁷ Por isso mesmo, foi acusado de terrorismo, perseguido, preso e obrigado ao silêncio.

Entretanto, mesmo em meio à catástrofe ele viu a realidade de futuro. Ele anunciou um “novo” da parte de Deus: “Eis que dias virão – oráculo de Iahewh – em que selarei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova”(Jr 31,31). Wolff se pergunta: “Em que consiste a novidade?” Em seguida, ele mesmo responde:

Em primeiro lugar, a vontade de Deus será escrita no coração de Israel, ou seja, além do ensinamento, o povo receberá capacidade e vontade de obedecer (Jr 31,33). Em segundo lugar, não mais será necessário que ninguém ensine a ninguém, porque todos estarão em relacionamento direto com Iahweh (Jr 31,34a). Finalmente e, sobretudo, o cancelamento das faltas tornar-se-á o fundamento de uma nova aliança, que não poderá ser quebrada.¹⁸

O SENHOR em sua bondade e ternura está sempre perto do seu povo e pronto para perdoar-lhe o pecado que é causa do distanciamento desse mesmo povo da presença de Deus. A um povo que parece corrompido definitivamente pelo pecado e incapaz de se converter (Jr 13,23), cujo fruto é o castigo da ruína de Sião, o profeta anuncia que Deus vai estabelecer uma nova aliança. Pois, “a palavra de castigo não é a única que se deve cumprir na história”.¹⁹

Ainda para Abreco de Lacy,

há uma outra palavra anterior que deve cumprir-se apesar da rebelião do povo, porque não era condicional: ‘cumprirei as minhas promessas’ (em hebraico *qwm + davar + tôb*, 33,14). É a mensagem do livro da consolação (30,2) que fala de novidade. Se as palavras de condenação se cumprem a partir de Jr 37, falta o cumprimento das palavras de benção [...]. O cumprimento da condenação, testemunhada e explicada no ‘livro’, serve de prova para esperar a salvação.²⁰

¹⁶ “Uma mensagem com dois objetivos: a missão recebida por Jeremias, para ‘arrancar e demolir... para edificar e plantar (Jr 1,10) sintetiza admiravelmente os dois sentidos da palavra profética” (GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 14). Estes dois atributos que Jeremias dá à sua mensagem são a chave de leitura para se compreender toda a mensagem profética bíblica.

¹⁷ LAWRENCE, 2008, p. 102.

¹⁸ WOLFF, 1978, p. 89.

¹⁹ ABRECO DE LACY, 2006, p. 170.

²⁰ ABRECO DE LACY, 2006, p. 170.

Deus, em seu amor e misericórdia, restabelecerá com a casa de Israel a aliança que fora quebrada pelo pecado do próprio povo. O castigo tornou-se inevitável por causa do pecado – consequência das escolhas erradas do povo –. No entanto, Deus intervirá nessa mesma história resgatando, libertando esse povo e selando com ele uma nova aliança.

Na base de tudo está o rosto de Deus experimentado pelo profeta como aquele que decidiu intervir na história concreta do seu povo para purificá-lo através do castigo, aqui entendido como um “basta” de Deus à infidelidade à aliança, por parte de Israel. Deus, porém, ama de tal modo o seu povo a ponto de perdôá-lo e, pelo profeta, ajudá-lo a esperar a salvação (Jr 30-34).

Portanto, Jeremias depois de ter acompanhado e anunciado o processo de ruína de Israel por causa do pecado do povo, cuja consequência foi a dominação sobre este mesmo povo, por parte de povos pagãos que os levaram cativos, deportando-os – e o profeta acompanha essa dramática situação de Israel – ele anuncia, da parte de Deus, o perdão dos pecados e o restabelecimento da aliança.

1.2.3 Ezequiel

Ezequiel, num primeiro momento (593-587), justifica o exílio como castigo merecido por causa dos pecados cometidos, especialmente a idolatria (Ez 8–11; 14–16; 20–23); depois da chegada do segundo grupo de deportados (587-571) proclama uma mensagem de esperança ligada à presença do SENHOR entre os exilados (Ez 1–3; 10–11) e ao seu compromisso de renovar o coração deles (Ez 34; 36–37).

Em seguida, empenha-se em descrever como será o novo povo (Ez 37,1-14) e o novo templo (Ez 40–48). Pois

também ele viu que havia uma luz de esperança no fim do túnel da tragédia do exílio. O Senhor daria nova vida aos ossos secos de sua nação extinta, fazendo-a levantar-se novamente como um exército poderoso. Conduziria o povo de volta à terra, faria uma aliança de paz com ele e colocaria seu santuário no meio de Israel para sempre. Os últimos nove capítulos de sua profecia descrevem em detalhes um templo restaurado numa terra restaurada.²¹

Bergant e Karris apresentam em linhas gerais a mensagem de Ezequiel afirmando:

²¹ LAWRENCE, 2008, p. 105.

Ezequiel é porta-voz entusiasta e intransigente de Deus. Anuncia palavras de julgamento e estímulo à sua comunidade, quando ela enfrenta uma crise em sua existência religiosa e política. Ezequiel faz a comunidade judaica de Judá e Babilônia tomar consciência de sua falsa esperança em Jerusalém e seu falso desespero depois da queda da cidade em 587 a.C. De diversas maneiras [...] Ezequiel exige a responsabilidade individual, o arrependimento e a submissão à soberania de Deus.²²

O profeta percebe que a história do povo é marcada por constantes infidelidades deste. A história de Israel é considerada como uma apostasia contínua do povo, pois Israel deixa-se corromper desde o início. Muito cedo se entregou à idolatria no Egito e, depois, no deserto e em Canaã (Ez 16). Ele insiste de maneira explícita que o povo é corrupção total, desde o começo da sua existência. “Toda a história de Israel é história de pecado, que provoca o castigo inevitável”.²³

Mas, ao mesmo tempo, o profeta convida o povo e a terra à santidade, à semelhança de Deus. Ele – o povo – deve ser santo, como Deus é santo (Ez 20,12; 28,25). O profeta exorta a uma profunda mudança interior da pessoa humana, principalmente na sua relação com Deus, cuja santidade deve motivar e inspirar o jeito de ser e de agir do povo.

Contudo, Ezequiel deixa claro que o próprio Deus tirará o coração de pedra do povo e colocará um coração de carne – um coração novo: “Borrifarei água sobre vós e ficareis puros... Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei de vosso peito o coração de pedra e vos darei um coração de carne”(Ez 36,25-28). Deus vai transformar o coração de Israel.

Este Deus é fiel e, por isso, nunca abandona o seu povo. Ele está sempre presente no meio dele: “Deus continua sempre presente e ativo, mesmo em terra estranha. Ele não abandonou seu povo. “Sabereis que eu sou Javé” é o constante estribilho, repetido dezenas e dezenas de vezes. Aliás, é a convicção desta presença que mantém de pé Israel”.²⁴

Ademais, a visão do carro de Deus (Ez 1–3) mostra que Ele não está ligado unicamente à Terra de Israel, mas acompanha o seu povo por toda a parte. Esta certeza consola e encoraja principalmente os exilados. Eles não estão entregues à própria sorte em terra estrangeira. O SENHOR está com eles.

O Deus santo perdoa as infidelidades do povo, renova o seu coração, o acompanha continuamente e ainda lhe promete que ele mesmo o apascentará: “Deus anuncia que ele próprio apascentará as suas ovelhas, que as apascentará, seguindo o seu rasto (Ez 34,11-16)

²² BERGANT; KARRIS, 1999, p. 67.

²³ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2002, p. 693.

²⁴ GRUEN, 1985, p. 152.

[...]. Deus concluirá então nova aliança e habitará permanentemente com o seu povo (Ez 37,26-27)".²⁵

1.2.4 Dêutero-Isaiás

O Dêutero-Isaiás (555-539), concretiza as esperanças de Ezequiel anunciando a eminente libertação graças à presença do persa Ciro, instrumento fiel do SENHOR (Is 42,45). Deus aparece assim, como o Criador e o Libertador (Is 43), capaz de realizar um “novo êxodo”, ainda mais estupendo do que aquele do Egito (Is 49,52). Esta é a mensagem de consolação que o profeta é convidado a proclamar (Is 40,1ss) e que tem por garantia a Palavra de Deus (Is 40, 8; 55,1ss) e a presença de um servo, fiel até à morte (Is 42; 49; 50; 53).

Já no prólogo de sua obra (Is 40,1-11), o profeta apresenta como garantia e certeza da realização da consolação de Israel, a Palavra de Deus: “Seca-se a erva, murcha-se a flor, mas a palavra do nosso Deus subsiste para sempre” (Is 40,8). Para Darder,

o prólogo assinala a intervenção redentora de Javé em favor de seu povo a partir da simbologia da força transformadora da Palavra (40,8). A eficácia da Palavra, metáfora da atuação salvadora de Deus, transforma o povo ‘murcho’ (40,7) na comunidade que proclama a grandeza de Javé (55,13). O vigor da Palavra nascida no prólogo converte o povo abatido em uma comunidade triunfante.²⁶

O profeta, através de seus poemas, faz-nos participar do sofrimento de um povo exilado, vivendo em um tempo embaraçoso e de profunda crise, no qual este mesmo povo busca respostas para várias perguntas, inclusive relativas a ação eficaz ou não de seu Deus. Em outras palavras, o profeta apresenta

sua mensagem para um tempo de marasmo e de crise. Seus poemas fazem-nos participar do sofrimento de um povo exilado, das perguntas angustiantes que ele se põe sobre a eficácia de seu Deus para salvá-lo, e sobretudo de sua fé, capaz de reconhecer na lembrança de sua história passada, as raízes de sua esperança para o tempo presente.²⁷

Contudo, a mensagem do profeta nos leva a contemplar, sobretudo a fé do povo, capaz de reencontrar na lembrança – recordação – de sua história passada, as raízes de sua esperança para o tempo presente. Lançar um olhar para o ontem de sua história levará o povo a rever

²⁵ GRUEN, 1985, p. 196.

²⁶ DARDER, 2008, p. 42.

²⁷ WIÉNER, 1984, p. 5.

todas as ações maravilhosas de Deus em seu favor e o ajudará a manter firme a esperança de que Ele agirá do mesmo modo no momento presente.

Pois bem, o profeta em estudo está inserido neste conjunto histórico da vida do povo de Israel – o exílio babilônico – e seus desdobramentos para a caminhada de fé desse mesmo povo. Insere-se também dentro da herança profética de Israel, na fase classificada como profetismo clássico em Israel.

1.3 O lugar vivencial da obra dêutero-isaiana e sua influência na mensagem

O Dêutero-Isaías pode ser situado historicamente nos anos centrais do séc. VI a.C. Anos profundamente marcados pelo rápido declínio do império babilônico e o surgimento, crescimento e avanço de uma nova potência: o império persa.

Naturalmente, “ambos esses fatos, intimamente ligados entre si, condicionam a mensagem de Is 40–55”;²⁸ pois o profeta desenvolveu sua atividade nesses conturbados anos da queda da Babilônia de Nabucodonosor e ascensão da Pérsia de Ciro e sua entrada triunfante e vitoriosa em Babilônia: “A atividade do Dêutero-Isaías desenvolveu-se nos anos que precederam a sua entrada vitoriosa”.²⁹

Por isso, é necessário identificar e conhecer o máximo possível sobre o lugar vivencial – o ambiente sócio-cultural e religioso – no qual estava inserido o profeta. Diz Steinmann: “Sob pena de não se compreender o Livro da Consolação de Israel, é preciso lembrar-se de que o profeta que o escreveu vivia em um mundo bem original”.³⁰

Ou seja, é preciso ter bem claro diante dos olhos, o mundo no qual o profeta estava e para quem ele escreveu. O mundo é a conturbada situação Exílio na Babilônia e os destinatários de sua mensagem são o povo deportado, exilado pelo império de Nabucodonosor.

A deportação de 597 nunca foi assimilada pelos judeus. Com certeza, a maioria esperava pelo menos inicialmente, o rápido retorno a Judá, a Jerusalém. Entretanto, essa expectativa foi frustrada quando, no ano 587, um novo grupo de compatriotas foi levado para juntos dos “rios da Babilônia” (Sl 137).

A partir daí, foram surgindo e tomando espaço no coração e na mente dos exilados, sentimentos de desespero, revolta, tristeza e ódio (Sl 137/136; Jr 51,34-35). E, ainda mais,

²⁸ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 270.

²⁹ *Ibid.*, p. 271.

³⁰ STEINMANN, 1976, p. 9.

esses sentimentos vieram acompanhados de uma profunda crise de fé³¹ e de esperança (Is 40,27; 49,14).

Portanto, o Dêutero-Isaías exerce o seu ministério profético durante a última parte do exílio babilônico, exortando os judeus a não desanimarem. Para isso, apresenta o SENHOR-DEUS, criador do céu e da terra, Senhor da vida e da história, como o único Deus-salvador-libertador. Diante dele, todos os deuses babilônicos nada são e nada valem.

O tempo do Dêutero-Isaías é uma época peculiar, com problemas muito próprios. Muitos dos exilados estão frustrados e desorientados, sem entender porque é que Deus permitiu o drama da derrota de Jerusalém e do exílio em Babilônia. Com efeito,

parecia que o mundo estava acabando: Jerusalém saqueada, o templo destruído e o povo exilado na Babilônia. Onde estaria Deus? Será que havia abandonado seu povo? Seriam os deuses babilônios mais poderosos? Essas perguntas começaram a ocupar a mente do povo de Deus, mas as respostas que obtiveram os surpreenderam – respostas que transformaram a *nação* de Judá em uma *comunidade de fé*.³²

Enquanto isso, outros estão bem instalados e acomodados e já não pensam em regressar à sua terra e nem esperam nada de Deus:

Ao contrário da Assíria e de sua política de dispersão dos povos conquistados, a Babilônia permitia que seus vassalos mantivessem sua identidade [...]. os exilados começaram a construir lares, abrir negócios e prosseguir com suas tradições, embora adotando o aramaico, a língua oficial dos babilônios. Muitos ficaram ricos e outros, como Daniel e Neemias, alcançaram altas posições no governo.³³

Na fase final desta época, as notícias das vitórias de Ciro, o persa, sobre os babilônios, fazem esperar um rápido desmoronar do império babilônio. E, como o império persa tinha o costume de repatriar os exilados pelos impérios que o precederam, começa-se a esperar a libertação dos exilados. Gruen afirma:

Ciro II da Pérsia (559-529) projetou-se rapidamente: em 553 sujeitou os medos; em 546 os lídios. Chegara a vez da Babilônia, e os israelitas exilados já se alegravam de antemão: sabiam que os persas respeitavam a cultura e a realidade dos povos vencidos. Ciro, o novo instrumento na mão de Javé, certamente havia de libertar Judá do longo desterro.³⁴

³¹ Abordaremos este tema mais adiante.

³² BEAUMONT, 2012, p. 68.

³³ *Ibid.*, p. 68.

³⁴ GRUEN, 1985, p. 154-155.

Mas, se essa libertação chegar – perguntam os exilados – a quem é que deve ser atribuída: ao SENHOR ou aos deuses persas? Se é ao SENHOR, porque é que Ele escolheu um estrangeiro e não um membro do povo de Israel para realizar a obra maravilhosa da libertação?

No caso de a libertação acontecer, valerá a pena arriscar o regresso e enfrentar as dificuldades do recomeço? Haverá, ainda, um futuro para esse povo de Deus que parece ter sido abandonado pelo próprio Deus?

O Dêutero-Isaías aparece neste lugar vivencial. A sua mensagem destina-se a responder essas e outras perguntas fundamentais para o Israel exilado. Destina-se, outrossim, a consolar os exilados, razão pela qual os capítulos 40–55 do Livro do Profeta Isaías chamam-se precisamente: “Livro da Consolação”, pois o SENHOR irá consolar o seu povo ao libertá-lo por meio de seu escolhido. Gruen afirma: “pelo conteúdo, o escrito foi chamado de ‘Livro da Consolação’ (cf. 40,1); mas não lhe ficaria mal o nome de ‘Livro da Libertação’”.³⁵

Pois, como afirmam Alonso Schökel e Sicre Diaz, o motivo da consolação é que: “acabou essa vassalagem, espécie de serviço militar forçado [...]. Está pago o crime que foi a causa de tal vassalagem forçada.”³⁶ Há novas razões para que Israel tenha esperança.

É uma mensagem de conforto e de esperança dirigida a pessoas profundamente cansadas, abatidas e desconsoladas pelo estilo de vida ao qual foram obrigados em terra estrangeira, na condição de exilados. É uma palavra de consolo a pessoas escravizadas, espoliadas, saqueadas, enfraquecidas e algumas, talvez sem a menor esperança em tempos melhores. Muitas vivendo em situação de pobreza e miserabilidade (Is 42,7.22; 47,6; 50,6; 41,17; 49,13; 55,12).³⁷

Muitos textos bíblicos retratam esse clima de desolação e tristeza. Vejamos alguns:

- “Jerusalém, tu que da mão de Iahweh bebeste a taça da sua ira [...] uma taça de vertigem, que bebeste e esvaziaste” (51,17);
- “Esta dupla desgraça te sobreveio³⁸, quem se condoerá de ti? A devastação e a ruína, a fome e a espada; quem te consolará?” (51,19);

³⁵ *Ibid.*, p. 155.

³⁶ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 284.

³⁷ Ao longo da obra do Dêutero-Isaías, “a situação dos exilados é evocada diversas vezes. A horrível humilhação do povo é sugerida em termos impressionantes, sobretudo numa apóstrofe a Jerusalém (51,17-23)” (WIÉNER, 1984, p. 23).

³⁸ “Quer no sentido de punição superabundante, quer os flagelos do verso seguinte, contados dois a dois” (BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1447).

- “Os teus filhos jazem desmaiados nos cantos de todas as ruas, como o antílope apanhado na rede...” (51,20);
- “Te diziam: ‘Deita-te, para que passemos por cima de ti’! Assim fazias das tuas costas um chão batido, uma rua que serve de passagem aos transeuntes” (51,23).

E havia uma afirmação que ecoava no coração e nos lábios do povo: “Sião dizia: ‘Iahweh me abandonou; o Senhor se esqueceu de mim’” (49,14). Entretanto, “ao mesmo tempo em que dura esse ambiente de tristeza, outro acontecimento está para se efetuar, a subida triunfal de Ciro”.³⁹ A história de Israel tomará outro rumo.

1.3.1 Ciro: o rei persa

Em 539 a.C., o rei Ciro da Pérsia derrota o rei babilônico Nabônides, cruza o rio Tigre e conquista a Babilônia. Por essa vitória, os persas tornaram-se herdeiros do império babilônico: “As vitórias de Ciro colocaram sob seu controle todo o império babilônico”.⁴⁰

Ele percorreu um caminho de sucessivas vitórias até anexar ao seu já vasto império, os territórios do até então império babilônico:

Ciro II, o Grande, fundador do Império Persa, filho de Cambises, tornou-se o rei de Anshan, um reino vassalo dos medos em 559 a.C. Aliado a Nabônide, rei de Babilônia, Ciro revoltou-se contra Astíage, rei dos medos, 556 a.C.: conquistando Ecbátana, fez da Média uma satrapia do reino persa. Tomando Creso, na Lídia, em 547 a.C., tornou-se senhor da Ásia Menor, inclusive das cidades gregas da costa jônica. Em 546 a.C., deu início a uma campanha contra a Babilônia, campanha que se encerrou em 539 a.C. com a rendição da própria cidade de Babilônia.⁴¹

E, por meio de uma administração eficiente e ágil, baseada no princípio da descentralização, organizando o império em “*Províncias e satrapias*” e, contando com uma efetiva colaboração dos povos conquistados na administração; o império persa consegue manter por diversos séculos o controle da região dominada, antes pertencente ao império babilônico.⁴²

No ano seguinte, e, com a intenção de agradar os exilados, assim ter a sua simpatia e valiosa colaboração para o fortalecimento do império; Ciro publica um edito de libertação dos

³⁹ BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1424.

⁴⁰ BRIGHT, 2003, p. 432.

⁴¹ MCKENZIE, 1984, p. 157.

⁴² KONINGS, 2011, p. 37.

judeus exilados, oferecendo a possibilidade de repatriamento para aqueles que desejassem voltar a Jerusalém:

No primeiro ano do seu reinado na Babilônia (538), Ciro proclamou um decreto ordenando a restauração da comunidade judaica e do culto na Palestina [...]. Ciro não somente ordenou a reconstrução do templo, como também permitiu que os judeus que quisessem voltar para a pátria pudessem voltar^{43,44}.

Todavia, nem todos os judeus que viviam em Babilônia quiseram voltar para Jerusalém, pois “alguns tinham adquirido uma estância, outros possuíam florescentes negócios na Babilônia, outros ainda haviam enveredado para o comércio e os primeiros bancos internacionais etc. Ficaram no estrangeiro, dando origem à grande tradição da diáspora judaica”.⁴⁵

É diante dessa realidade histórica que o Dêutero-Isaías exerce sua missão profética, cujos conteúdos perfazem os nossos capítulos 40–55. Uma realidade complexa, na qual o profeta tentou ajudar os seus contemporâneos a não perderem a fé e encararem toda essa problemática à luz desta mesma fé no Deus-Criador, Senhor dessa mesma história e em seu poder salvador-libertador.

1.4 A autoria e data do Dêutero-Isaías: posicionamento do Magistério Eclesiástico

té se chegar ao consenso de que os capítulos 40–55 da Obra Isaiana, são de um profeta anônimo, foi percorrido um longo caminho de reflexões, discussões e levantamento de hipóteses, reunindo o posicionamento oficial da Igreja a partir da CBI – Comissão Bíblica Internacional –⁴⁶ e de vários estudiosos.

Desde o fim do século XVIII, e especialmente a partir dos últimos decênios do século XIX, os exegetas passaram a separar Is 1–39 (que, na maior parte, remonta ao profeta do século VIII a.C.) do restante do livro. Os capítulos 56–66 são considerados como pós-exílicos, ao passo que, para o resto, a opinião geral dos exegetas é que Isaías 40–55 forma uma unidade, e vem do período imediatamente anterior e imediatamente posterior à vitória de Ciro sobre Nabônides de Babilônia (539 a.C.).⁴⁷

⁴³ Esse ato de Ciro é conhecido como “*EDITO DE CIRO*” e, na Bíblia há dois relatos desse fato: 2Cr 36,22-23; Esd 1,2-4.

⁴⁴ BRIGHT, 2003, p. 432-433.

⁴⁵ KONINGS, 2011, p. 68.

⁴⁶ As próximas referências à Comissão Bíblica Internacional serão feitas com a sigla CBI.

⁴⁷ HARRINGTON, 2006, p. 297.

Em 28 de junho de 1908, a CBI, publicou o seguinte decreto posicionando-se acerca dos estudos em curso sobre a autoria dos capítulos 40-55 de Isaías:

Pode-se admitir [...] que a segunda parte do livro de Isaías (40–55), em que o profeta se dirige e traz, como se vivesse no meio deles, consolações, não aos judeus, contemporâneos de Isaías, mas aos judeus chorando no Exílio em Babilônia, não possa ter por autor o próprio Isaías, morto, muitos antes do cativo, e que seja preciso atribuí-lo a algum profeta desconhecido, vivendo no meio dos exilados? Não.⁴⁸

E prossegue o decreto da CBI:

É necessário atribuir um tal valor ao argumento filológico tirado da língua e do estilo e empregado para combater a unidade de composição do livro de Isaías, que obrigue um homem ponderado, versado na crítica e no conhecimento da língua hebraica, o encarar esse próprio livro como composto por vários autores? Não.⁴⁹

E, ainda, no mesmo decreto, posiciona-se a CBI da seguinte maneira: “Existem argumentos sólidos que, mesmo tomados em seu conjunto, sejam de natureza a demonstrar que o livro de Isaías deva ser atribuído não somente a Isaías, mas a dois ou mais autores? Não”.⁵⁰

Possivelmente a Comissão Bíblica previa na negação da autenticidade da autoria dos referidos capítulos de Isaías, uma possibilidade de se chegar a uma falsa ideia de revelação profética do até então chamado: Livro da Consolação de Israel. Pois “a maioria dos comentadores negava a possibilidade para Isaías de haver predito o reino de Ciro. Tal negação parecia, com razão, como contraditória de direito com uma teologia exata da inspiração”.⁵¹

De forma que parece-nos claro que, o que a CBI queria evitar é que os oráculos deixassem de ser reconhecidos como proféticos e inspirados, ou seja, como Palavra de Deus. Isso era o que mais a preocupava e importava. Ela sentia, portanto, que o reconhecimento desse caráter profético e inspirado dos capítulos 40–55, sobre o argumento da não autoria de Isaías, estava ameaçado, pois se negava abertamente que ele foi o legítimo autor dos referidos capítulos.

⁴⁸ STEINMANN, 1976, p. 5.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 5.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 5.

⁵¹ *Ibid.*, p. 6.

Isso, fez com que a CBI, assumisse esta postura, mesmo que provisória, da proibição de colocar em dúvida a atribuição, até então aceita e acolhida como verdadeira, da legítima autoria deste conjunto da obra do profeta. Contudo, o problema estava posto à mesa.

Para Steinmann:

Quase todos os exegetas católicos se recusavam a reconhecer o estilo, o pensamento, a maneira do grande Isaías nos oráculos do Livro da Consolação de Israel. Sem tratar diretamente da autenticidade, J. Chaine, Fisher, Condamin, Dubarle, Kissane, Coppens; consideravam os oráculos de Isaías 40–55 como compostos em vista do Exílio babilônico e como situando-se no ambiente do século VI e não do VIII. Em 1942, J. Coppens escrevia que a existência de um Segundo Isaías era uma opinião provável.⁵²

Ademais, pode-se perceber que, em todo o conjunto do Livro da Consolação de Israel, não há nenhuma referência direta ao Profeta Isaías do século VIII, como acontece no chamado Proto-Isaías: “visão que teve Isaías, filho de Amós, a respeito de Judá e de Jerusalém, nos dias de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias, reis de Judá” (Is 1,1). “A palavra que Isaías, filho de Amós, viu a respeito de Judá e de Jerusalém (Is, 2,1), ou ainda: “Proclamação sobre Babilônia, o que viu Isaías, filho de Amós” (Is 13,1). Aliás, o único personagem histórico citado pelo profeta é Ciro – rei persa do século VI.

Aliás,

nos textos a partir do cap. 40 o nome Isaías não é mais mencionado. Também os nomes dos reis de Judá citados em 1,1, cuja menção em 1–39 insinua uma ordem cronológica dos textos (Ozias: 6,1; Iotâm: 7,1; Acaz: 7,1.3.10.12;14,28; Ezequias: 36,1; etc.), concluem com o discurso de Ezequias em 39,8 sua presença no livro. Em lugar dos reis judaicos da segunda metade do séc. VIII é citado, em posição de destaque, nos vv. 44,28 e 45,1, o rei persa Ciro. Com isso, o texto em redor é transferido para os anos por volta de 540. De igual modo o nome ‘Babilônia’ (43,14;47,1;48,14.20) situa os caps. 40ss na moldura cronológica da crise babilônica do séc. VI, e não na crise neo-assíria da segunda metade do séc. VIII [...].⁵³

Dessa forma, pode-se afirmar que os capítulos 40–55 que constituem a segunda parte do livro de Isaías, por isso é chamada SEGUNDO ISAÍAS ou DÊUTERO-ISAÍAS, são de um profeta anônimo, comumente chamado de “*Voz que clama*” “que viveu no tempo do exílio de Babilônia (cerca de 540), duzentos anos após o profeta Isaías (que viveu por volta de 740)”.⁵⁴

⁵² STEINMANN, 1976, p. 7.

⁵³ JÜNGLING, 2003, p. 382-383.

⁵⁴ WIÉNER, 1984, p. 7.

“Dêutero-Isaías” é um nome convencional, com o qual os biblistas designam este profeta anônimo da escola de Isaías que, provavelmente, cumpriu a sua missão profética na Babilônia, entre os exilados judeus; embora alguns situem sua atividade profética em Jerusalém. Porém, estamos na fase final do Exílio, entre 550 e 539 a.C. Portanto é uma obra que remonta a um profeta do período exílico tardio.

Por não ser possível precisar quem é o autor, podemos afirmar que é um profeta que, nos tempos do exílio, acrescentou seus sentimentos e profecias às coleções de Isaías. Por isso afirma-se que, a partir do capítulo 40, o livro de Isaías foi composto por um profeta anônimo.

Desde muito tempo se havia constatado que, a partir do c. 40, o assunto era Babilônia, o exílio, Ciro – realidades todas do séc. VI e não do VIII. Maravilhavam-se a princípio, de que o profeta tivesse assim superado os limites do tempo e feito pelo pensamento um salto de dois séculos: ‘por uma poderosa inspiração, ele viu o fim dos tempos e consolou os aflitos de Sião’ (Eclo 48,24). Depois admitiu-se a ideia de que esses capítulos eram de outro autor, o qual, aliás, retomava certas ideias do antigo Isaías e considerava-se um pouco como seu discípulo. Hoje em dia, todos reconhecem esta diferença entre autores. E, não tendo nome melhor, deram o de “Dêutero-Isaías” (ou Segundo-Isaías) a esse profeta dos capítulos 40 e seguintes.⁵⁵

Ainda quanto ao autor existem divergências: uns afirmam que ele nasceu em Babilônia e ali terminou sua atividade profética. Na opinião de outros, ele voltou a Jerusalém após o ano 538 a.C. e ali continuou sua pregação, recolhida atualmente, no chamado Trito-Isaías que compreendem os capítulos 56–66 da obra isaiana.

Falando da autoria do Dêutero-Isaías, da pessoa do profeta e situando dentro do conjunto da obra de Isaías, Harrington afirma:

Não temos a menor ideia da identidade desse homem. O que se sabe é que ele certamente pertenceu à ‘escola de Isaías’ e encontrou sua inspiração na obra do seu mestre do século VIII.⁵⁶ Entre Isaías e o Dêutero-Isaías há várias semelhanças e nexos constantes [...]. É por isso que podemos falar de uma escola isaiana de pensamento e ver no Segundo Isaías o expoente máximo dessa escola.⁵⁷

⁵⁵ *Ibid.*, p. 7-8.

⁵⁶ Gênio religioso tão grande, marcou profundamente sua época e fez escola. Suas palavras foram conservadas e sofreram acréscimos. O livro que traz o seu nome é o resultado de um longo processo de composição, impossível de reconstituir em todas as suas etapas (BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1339).

⁵⁷ HARRINGTON, 2006, p. 297.

Ademais, era muito comum os discípulos de um profeta conservasse viva a sua memória a partir do uso do material que ele deixou, fazendo acréscimos e, como forma de homenageá-lo, atribuir a este, a autoria de material produzido posteriormente. Pois,

nos círculos fervorosos que alimentavam sua fé e sua piedade com as profecias, os profetas permaneceram como algo vivo e, ‘acrescentaram-se àquelas palavras, outras do mesmo gênero’ (Jr 36,32). Fazendo isso, os herdeiros dos profetas tinham a convicção de estarem preservando e fazendo frutificar o tesouro que receberam deles.⁵⁸

Entretanto, o Dêutero-Isaías, como tal tem características literárias que o distingue do Proto-Isaías, e lhe dão certa autonomia em relação ao profeta do século VIII. Para Steinmann, uma coisa está clara: “o tom, o estilo, o próprio vocabulário do Livro da Consolação de Israel estão em contraste com os do profeta do século VIII”.⁵⁹ E, outro elemento determinante é o fato do profeta fazer referência explícita a Ciro:

A esperança se cristaliza em Ciro, conquistador persa da segunda metade do século VI. Duzentos anos se passaram desde a pregação de Isaías. Os oráculos desse profeta ameaçavam facilmente, eram crivados de alusões aos reinos de Acaz e de Ezequias, de referências à história e à geografia da Palestina. Pelo contrário, o *leitmotiv* dos capítulos 40 –55 é o consolador.⁶⁰

Porém, nem mesmo se tem certeza do nome dele e, mesmo não existindo unanimidade entre os comentadores; a maioria admite ter esse profeta atuado entre os exilados da Babilônia nos finais do exílio, tomando como fundamento, como já afirmamos anteriormente, a menção a Ciro, ao qual ele se refere expressamente em 45,1-8; 41,1-15; 48,12-15.

Podemos assim, fixar os conteúdos dos capítulos 40-55 de Isaías entre o ano 555, quando começaram as campanhas vitoriosas de Ciro, e o ano 539, data da rendição da Babilônia: “Há unanimidade na pesquisa unicamente de que os caps. 40–55 devem ser interpretados a partir das condições dadas desde o final do tempo do exílio, por volta de 540 a.C.”⁶¹

Portanto, os dados oferecidos pelo livro, como por exemplo, a referência a Ciro: “Assim diz Iahweh ao seu ungido, a Ciro que tomei pela destra...” (45, 1), a ausência da referência do profeta a si mesmo como autor, como vimos que acontece na primeira parte do livro (Is 1,1) e a predominância de um estilo literário, levaram os estudiosos à conclusão de que o Dêutero-

⁵⁸ BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1338.

⁵⁹ STEINMANN, 1976, p. 7.

⁶⁰ MILIK, 1957, p. 26.

⁶¹ JÜNGLING, 2003, p. 394.

Isaías insere-se dentro de um momento histórico distinto daquele vivido pelo Proto-Isaías (1–39) e pelo Trito-Isaías (56–66).

1.5 O Dêutero-Isaías entre os exegetas

Nesta última parte do primeiro capítulo, expomos o posicionamento de alguns exegetas sobre o Dêutero-Isaías, a saber, Spreafico, Alonso Schökel, Sicre Diaz, Simian Yofre, Bright, Schmitz, Darder, Blenkinsopp, Reimer, Siqueira, Zabatiero, Guijarro Oporto, Salvador Garcia.

Partimos da premissa fundamental de que o autor do Dêutero-Isaías ajuda o povo exilado na Babilônia a se manter firme na fé no Deus Único e Verdadeiro e a conservar acesa a chama da esperança, pois Deus o libertará da humilhação de estar em terra estrangeira.

O profeta assim o faz, levando o povo a recordar as ações salvíficas de Deus em sua história, tomando como paradigma o Êxodo, a saída do Egito. É o memorial da salvação! Ao mesmo tempo em que ressalta que Deus é sempre o mesmo: ama e liberta o seu povo – o Povo Eleito.

O Dêutero-Isaías convida os exilados a olhar o ontem, o passado de sua história, para ler o hoje, o presente – o exílio –, e, assim, abrir perspectiva para o amanhã, o futuro; na certeza de que o amor de Deus por seu povo é o mesmo de sempre. É um convite a fazer uma memória histórica. E,

nessa ‘memória histórica’ destaca-se que Israel é ‘testemunha’ de Javé: ‘Vós sereis minhas testemunhas’ (43,10.12), almejando com isso a fidelidade do povo deportado a Javé. O imaginário de um novo êxodo perpassa esta parte [...]. O tema do novo êxodo parece ter sido muito caro a *golah* (comunidade exílica) babilônica, pois prepara o retorno.⁶²

Aqui nos perguntamos: Como o Dêutero-Isaías fez memória do Êxodo para incentivar os exilados em Babilônia a crerem num segundo êxodo, na libertação? Ou será que o primeiro êxodo foi um construto para espelhar o segundo?

Com a nítida intenção de fortalecer a fé do povo judeu exilado, o Dêutero-Isaías, prevendo o possível retorno para Jerusalém, reavivou a memória do Êxodo e a fé no SENHOR, o único Deus e Criador (Is 43,15-21; 44,1-8). O ponto de referência é a saída do Egito – o Êxodo do Egito. Nesse novo êxodo, o SENHOR irá à frente do seu povo, tendo como liderança o seu Servo (Is 40,1-11; 42,1-9). “O Dêutero-Isaías anuncia aos exilados da

⁶² REIMER, 2006, p. 11-12.

Babilônia um novo êxodo, isto é, uma salvação que se cumprirá segundo a categoria do Êxodo do Egito”.⁶³

O profeta é enviado para um povo vivendo longe de sua terra – a terra da promessa – privado de seus bens, com saudade do Templo de Jerusalém, sofrendo humilhação e desprezo numa terra estrangeira e, em meio ao culto aos deuses estrangeiros (pagãos) e, ainda, carregando sobre os ombros a sensação de culpa, pois muitos criam que estavam sendo castigados por Deus, por causa do pecado; ou como dizem Alonso Schökel e Sicre Diaz:

E junto com o ódio, os desejos de vingança, a nostalgia da terra prometida, os anseios de libertação. Entretanto, esses sentimentos vêm acompanhados de crise da fé e da esperança. As palavras do povo: ‘a minha sorte está oculta ao Senhor, o meu Deus ignora a minha causa’ (Is 40,27), e as de Sião: ‘O Senhor me abandonou, o Senhor se esqueceu de mim’ (Is 49,14) refletem muito bem a decepção de muitos conterrâneos do profeta.⁶⁴

Parte do povo⁶⁵ vivia um momento de profunda revolta em relação ao império babilônio, sentia saudades de Sião, aguardava o julgamento da parte de Deus em relação à Babilônia. Esperava a intervenção de Deus, como outrora o fez no Egito e, então, o libertasse daquela humilhação de estar sob o jugo estrangeiro.

Para Blenkinsopp: “Dirigindo-se àqueles exilados que não tinham sido absorvidos pelo meio ambiente e que tinham mantido a fidelidade à dinastia davídica e a um sentido nacional de destino, o profeta propõe-se solucionar a crise de fé que o exílio precipitara”.⁶⁶

E acrescenta que o profeta “procura fazê-lo por uma interpretação revitalizada da tradição interpretada dinamicamente à luz da experiência contemporânea, e o centro da tradição continua sempre a revelação do poder e da graça divinos no êxodo”.⁶⁷

Ao passo que o povo, ao mesmo tempo em que reconhecia os seus pecados, que acreditava ser causa de tamanha tragédia – o exílio – e deles pedia perdão e suplicava a Deus que permitisse a restauração de Sião.⁶⁸ Bright, numa tentativa de resumir todos esses sentimentos afirma:

⁶³ SPREAFICO, 1985, p. 15.

⁶⁴ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 271.

⁶⁵ Dizemos “parte do povo”, porque como veremos mais adiante, outra parte estava bem instalada em Babilônia e não pensava mais em voltar para Jerusalém.

⁶⁶ BLENKINSOPP, 1966, p. 39-40.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 40.

⁶⁸ Para Darder, todo o Dêutero-Isaías expõe esta temática do reconhecimento do pecado por parte do povo e seu processo de conversão: “A leitura global do livro de Isaías relata o processo de conversão do povo. O texto mostra como a intervenção de Deus transforma o povo pecador (1,2-17) na comunidade que, juntos às nações, adora ao Senhor em Sião (66,18-23)” (DARDER, 2008, p. 41).

Aquelas pessoas consideravam-se peregrinos numa terra estrangeira. Alimentavam um ódio mortal para com aqueles que os tinham levado a tal situação e, saudoso, suspiravam por Sião distante (por exemplo, Sl 137). Eles esperavam ansiosamente que Iahweh julgasse a orgulhosa Babilônia, e finalmente os libertasse (Is 13,1 a 14,23). As ruínas da Cidade Santa pesavam sobre seus corações. Confessando seus pecados (1Rs 8,46-53), eles rezavam pela restauração (Is 63,7 a 64,12) e pediam a intervenção de Iahweh como nos dias do Êxodo.⁶⁹

O profeta recebe, então, uma missão divina: semear a esperança no coração desse povo, exortando-o a crer na intervenção salvífica de Deus, diante de uma realidade de dor e sofrimento na qual se encontrava: “Consolai, consolai meu povo, diz o vosso Deus: falai ao coração de Jerusalém, gritai-lhe que sua servidão se cumpriu e está pago o seu crime” (Is 40,1-2). “Dizei aos cativos: ‘Saí’. Aos que estão nas trevas: ‘Vinde à luz’” (Is 49,9).

Pois é chegada a hora da consolação/perdão. Esta é a Boa-Nova:

Merecido o castigo pelos pecados (a milícia, ou a corvéia do v. 2) que agora está chegando ao fim; Javé está renovando a aliança. É tempo de perdão, é tempo de um novo começo, de uma nova história; um novo êxodo se avizinha (Is 9,3-5), por isso uma voz (indefinido) grita *no deserto* para se preparar um caminho para Javé levar seu povo de volta à sua terra.⁷⁰

O profeta levou a termo sua missão. E, ao mesmo tempo, participou da situação de abatimento e de quase desespero do povo. Coube-lhe, contudo, anunciar uma mensagem de **esperança e consolo**. Para Guijarro Oporto e Salvador Garcia, contudo, é importante salientar que

a consolação não se esgota com as palavras. São as próprias obras do Senhor que consolam: o retorno, a reconstrução de Jerusalém, o crescimento do povo, a integração às nações e, sobretudo, o abandono de todo pensamento de desconfiança do Senhor, e de toda prática idólatrica, com a qual poderiam ter se contaminado, com o passar dos anos, no exílio. A consolação é reconciliação e perdão.⁷¹

Esta consolação da parte de Deus é a mensagem central de todo o livro do Dêutero-Isaías:

⁶⁹ BRIGHT, 2003, p. 420.

⁷⁰ ZABATIERO, 2006, p. 25.

⁷¹ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 29.

A mensagem do Segundo Isaías não pode ser senão de consolação. A exortação com que inicia o texto (Is 40,1): ‘Consolai meu povo’, equivale, em Is 49,13; 51,3; 52,9, à certeza de que o Senhor consolará seu povo e que apenas ele poder ser, verdadeiramente, consolador (Is 51,12.9).⁷²

Ainda nesta perspectiva, afirma Darder:

O segundo Isaías começa com a voz de Deus que consola o seu povo submerso, abatido: “Consolai, consolai a meu povo, diz o vosso Deus (40,1). Nesta perspectiva, o conteúdo dos caps. 40–55 constitui a resposta divina ao clamor do povo em prantos expressado no livro das lamentações. A cidade e o povo que, tal como descreve o Livro das Lamentações, viram cessadas sua identidade, recebem, mediante a voz apaixonada do Segundo Isaías, o consolo divino que lhes devolve o sentido da existência.”⁷³

Esta mensagem acendeu a chama da esperança no coração do povo exilado. Esperança que brota da fé na certeza do poder de Deus. Ao falar do tema da *esperança*, no Dêutero-Isaías, Alonso Schökel e Sicre Diaz afirmam:

A esperança abre-se ao possível; o possível define-se pelo poder do autor: o autor é Deus, que fez o céu e a terra. Tudo é possível, tudo se pode esperar. É interessante notar a frequência com que aparecem no livro expressões de não existir, não ser, não poder, como fundo da ação de Deus [...] (Is 40,17.23; 41,11.24; 43,11.14; 45,18).⁷⁴

O profeta quer mostrar o poder absoluto de Deus que tudo criou, no qual todas as coisas existem e são. Diante d’Ele as nações não são nada, os poderes e poderosos do mundo são frágeis e passageiros. Ele sim, tudo criou e tudo pode. E seu poder é eterno. É nesse Deus todo-poderoso e eterno que o povo deve esperar; pois, o que parece impossível ao povo será plenamente possível a Deus.

Ele anuncia estas mensagens, colocando no coração do povo a certeza de que Deus o libertará da mesma forma que o fez por ocasião da escravidão no Egito. Assim, o autor estabelece uma relação entre as duas casas da escravidão: Egito e Babilônia. E, simultaneamente, mostra como Deus intervém, libertando o povo que é seu em ambas situações.

⁷² SIMIAN YOFRE, 2008, p. 74.

⁷³ DARDER, 2008, p. 44-45.

⁷⁴ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 274.

É o que podemos chamar de “um novo êxodo”, ainda mais maravilhoso do que o primeiro, o SENHOR reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, ainda mais bela que a primeira. Devolver-lhe-á a Terra da Promessa. Para Siqueira,

o mais importante é que o profeta anunciou, para a sofrida comunidade israelita na Babilônia, que um novo êxodo iria acontecer, fazendo renascer a esperança entre eles. Com isso, ele anunciou, de modo maravilhoso, que Deus, pela segunda vez, iria trazer de novo o seu povo para a liberdade na terra de Canaã.⁷⁵

O autor faz uma distinção entre dois tempos, o das ‘coisas passadas’ e o das ‘coisas vindouras’. É um novo tempo: tempo de consolo e esperança. A mensagem de esperança e de consolação divina, em meio ao sofrimento daquela gente, faz com que o profeta contemple e mantenha a esperança no porvir, como afirma Schmitz: “O consolo de Deus é, em última instância, uma realidade escatológica”.⁷⁶

O profeta percorre com esse povo um longo caminho para ajudá-lo a esperar em Deus e confiar unicamente nele diante daquela realidade na qual se encontrava. Era, por assim dizer, preciso saber esperar as demoras de Deus. Era preciso lançar, unicamente no SENHOR toda a confiança.

Para isso, olhar a própria história marcada pela presença amorosa e libertadora de Deus era o caminho mais adequado para perceber que Deus é quem conduz essa mesma história. E que, portanto, o poder de Deus é superior ao poder dos deuses estrangeiros, pois estes não têm nas mãos os rumos da história de Israel, mas unicamente o SENHOR-ADONAI.

Conclusão

Neste primeiro capítulo, inicialmente, situamos o profeta em estudo no período da profecia clássica em Israel. Vimos também que ele está entre os chamados “profetas exílicos” (587-538 a.C.,) juntamente com Jeremias e Ezequiel. Demos uma rápida olhada sobre a contribuição de cada um deles para a vida de Israel no doloroso período do exílio em Babilônia.

Os capítulos 40–55 ou Dêutero-Isaías formam a segunda parte da obra isaiana; e, inserem-se dentro de um lugar vivencial bem complexo: o exílio tardio e o início do pós-

⁷⁵ SIQUEIRA, 2006, p. 24.

⁷⁶ SCHMITZ, 1975, p. 790.

exílio babilônico. Ou seja, o final do império babilônico e o começo do império Persa. Um período muito conturbado na história de Israel. Porém, um período que ajudou o povo a tomar consciência cada vez mais de sua identidade de Povo de Deus.

Nesse lugar vivencial, Isaías recebeu de Deus a missão de animar o povo na fé, em meio ao sofrimento e incertezas do exílio e ajudar esse mesmo povo a se manter firme na fé no Deus-único-criador-Senhor da história. E, por conseguinte, alimentar a esperança da libertação da casa estrangeira.

O Deus libertador age por meio de seu enviado – Ciro, o Persa. Ele foi o instrumento que Deus usou para aniquilar o poder opressor babilônico e tornar realidade o que o profeta anunciara: a libertação do exílio e o retorno a Jerusalém. O povo acolheu Ciro como o enviado de Deus para fazer cumprir-se o que os profetas haviam anunciado.

Outrossim, neste primeiro capítulo também, vimos que foi preciso percorrer um longo caminho até chegar à conclusão de que esta segunda parte do profeta Isaías é de um autor anônimo que é comumente chamado de *Dêutero-Isaías*. Isto foi possível mediante a identificação de características teológicas e literárias que o distingui bem do Proto-Isaías e do Trito-Isaías.

Na última parte do capítulo, trouxemos em linhas bem gerais a contribuição da reflexão de alguns exegetas atuais acerca do profeta em estudo. De que forma eles o abordam e, naturalmente, em que a reflexão de cada um deles nos ajudou a aprofundar a mensagem do *Dêutero-Isaías*.

2 O CONJUNTO DA OBRA DÊUTERO-ISAIANA

O profeta Isaías organiza sua obra em três partes chamadas respectivamente de Proto, Dêutero e Trito Isaías. Por essa razão é o livro profético mais longo das Sagradas escrituras, com sessenta e seis capítulos. Ao longo das quais o profeta vai falando, fundamentalmente, da relação entre Deus e o povo e vice-versa.

Veremos que o Proto-Isaías (Is 1-39), fala da vida antes do exílio de Judá na Babilônia, o Dêutero-Isaías (Is 40-55) dirige-se ao povo que está no exílio, mais especificamente perto do final do mesmo, e o Trito-Isaías (Is 56-66), por sua vez, situa-se no período pós-exílico. Por isso, afirmamos que Isaías é uma obra em três partes e em três momentos históricos distintos.

Em linhas bem gerais apresentaremos cada um dos livros: conteúdo e mensagem, sem nos determos pormenorizadamente, pois, a nossa pesquisa será dedicada especificamente ao Dêutero-Isaías.

Depois de termos abordado cada um dos três livros da obra isaiana, vamos adentrar, especificamente, no segundo livro, ou seja, na segunda parte da obra – o chamado Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías – e como ela foi organizada internamente. A esta sim dedicaremos a parte maior deste segundo capítulo.

Veremos que o Dêutero-Isaías é formado por um prólogo (Is 40,1-11), dois grandes blocos centrais (Is 40,12–48,22) e (Is 49,1– 55,5) um epílogo (Is 55,6-13). E, que em cada uma dessas três partes, o autor sagrado aborda uma temática e transmite uma mensagem para os seus leitores.

Na sequência, apresentaremos alguns temas trabalhados pelo Dêutero-Isaías, a saber: o profeta é um porta-voz, um povo em crise de fé, da história concreta à teologia da história: só Deus é Senhor da História e, por fim, o tema: O Deus de Israel e os ídolos. O profeta trabalha estes temas a partir da vida concreta do povo.

Claro que toda escolha impõe limites. Há muitos outros temas que poderíamos abordar a partir do conjunto do Dêutero-Isaías, porém, a natureza do trabalho – dissertação de mestrado – não nos permite nos alongarmos muito.

Contudo, desejamos que a escolha que fizemos nos ajude a mergulhar um pouco mais nas riquezas que tem o Dêutero-Isaías e a descobrir um pouco do vasto mundo desse profeta anônimo. É uma obra de grande densidade histórica, literária e teológica.

2.1. Isaías: uma obra em três partes e em três momentos históricos

Composto por 66 capítulos, em termos de extensão, é o maior livro profético da Bíblia e pode ser dividido em três partes ou três pequenos livros: “O texto de Isaías, o livro profético mais longo da Bíblia, está dividido em três seções principais¹. Isto não exclui a possibilidade de que em cada parte possam aparecer inserções posteriores. Atualmente, o livro é organizado da seguinte maneira:²

• Capítulos 1–39	A vida antes do exílio de Judá na Babilônia
• Capítulos 40–55	A vida perto do final do exílio
• Capítulos 56–66	A vida após o exílio ³

Por muitos séculos imaginava-se que o profeta Isaías seria o autor de todo o livro⁴. No entanto, a partir de uma abordagem mais criteriosa dos escritos foi se percebendo que faziam referências a personagens que viveram e atuaram em situações bem distintas e, que, portanto, o texto falava de momentos e acontecimentos históricos diferentes da vida de Israel e não somente do momento histórico do Profeta Isaías do século VIII.

Nesta perspectiva se posiciona Jüngling ao afirmar:

As dimensões extraordinariamente grandes do livro, a diversidade de seus temas e a riqueza de formas lingüísticas com que eles foram elaborados, mas sobretudo as importantes divergências de conteúdo e forma que se manifestam nele, levaram a pesquisa crítica a subdividir o livro canônico de Isaías em três grandes partes:

1 – Is 1–39 (designação usual: Proto-Isaías)

2 – Is 40–55 (designação usual: Dêutero-Isaías)

3 – Is 56–66 (designação usual: Tritto-Isaías).⁵

Portanto, o consenso ao qual se chegou, é que teriam sido pessoas de diferentes épocas que teriam escrito os três pequenos livros que formam o conjunto, o todo da obra isaiana. Estes três pequenos livros passaram a ser chamados de: Proto-Isaías ou Primeiro Isaías (1-39),

¹ BEAUMONT, 2012, p. 63.

² Desde que B. Duhm (1892) introduziu no debate científico do livro de Isaías, após pleitos anteriores a favor de uma divisão do livro em duas partes, essa partição em três tomos, ela se afirmou até hoje como pilar fundamental da exegese de Isaías (JÜNGLING, 2003, p. 382).

³ *Ibid.*, p. 63.

⁴ Questão já abordada no primeiro capítulo quando falamos da autoria e data do Dêutero-Isaías.

⁵ JÜNGLING, 2003, p. 381.

Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías (40–55) e Trito-Isaías ou Terceiro Isaías (56–66). Assim sendo:

Atribuem-se os 39 primeiros capítulos ao Isaías do séc. VIII (mas alguns destes capítulos, 24–27; 34-35 e outros mais, são posteriores); os cc. 40–55 são de um profeta anônimo, ‘voz que clama’ durante o exílio de Babilônia, por volta de 540, e que é chamado, na falta de um nome melhor, o ‘Dêutero-Isaías’; os cc. 56–6 seriam obra de um discípulo que escreve após o retorno do exílio, cerca de ano 520.⁶

2.1.1 Os três livros

Vejam, resumidamente, cada um deles: autoria, data, momento histórico e alguns elementos da mensagem de cada livro. De antemão, deixamos claro que não é nosso objetivo deter-nos pormenorizadamente nos referidos livros, mas tão somente colocar elementos que nos ajudem a ter uma visão geral da obra isaiana.

2.1.1.1 O Proto-Isaías

O Proto-Isaías ou Primeiro Isaías (1–39), foi escrito, em sua maior parte pelo próprio Isaías. O tempo no qual viveu e exerceu o seu ministério – quarenta anos⁷ –, foi profundamente marcado por grande tensão internacional, pois o Egito estava em decadência e a Assíria avançava sempre mais de maneira a ameaçar Israel por ser uma rota de passagem entre as duas potências em conflito/disputa pelo poder. Judá era um lugar estratégico.

Inserido nessa realidade, o profeta cumpre a missão que Deus lhe confiou, e:

Denuncia a falta de valores espirituais (1,2-6), a injustiça social (1,21-28), a falsidade religiosa (1,10-20), o luxo (3,16-24) e o bem estar que levam o homem ao orgulho e ao distanciamento de Deus (2,6-22) [...] Cega ao futuro, surda às suas advertências, a nação se precipita para a sua ruína. Só um ‘resto’ subsistirá (10,22s). E o julgamento virá muito em breve na forma da dominação assíria.⁸

Salientamos que estes são apenas alguns dos muitos temas abordados pelo Proto-Isaías. Temas sobre os quais não vamos nos deter por não serem o objeto principal da nossa pesquisa.

⁶ WIÉNER, 1984, p. 5.

⁷ “O profeta Isaías nasceu por volta de 765 a.C. em 740, ano da morte do rei Ozias [...]. Exerceu o seu ministério durante quarenta anos, dominados pela ameaça crescente que a Assíria fazia pesar sobre Israel e Judá” (BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1338).

⁸ HARRINGTON, 2006, p. 281-282.

Outrossim, devemos destacar, como já mencionamos à cima, que alguns dos capítulos do Proto-Isaías são posteriores ao profeta do século VIII. Harrington, por exemplo, afirma: “É digno de nota que Is 1–39 contém uma proporção considerável de material posterior, parte do qual muito posterior ao Dêutero-Isaías”.⁹

Ainda acerca destes acréscimos, a Bíblia de Jerusalém traz o seguinte:

A análise demonstrou que o livro foi formado a partir de diversas coleções de oráculos. Certos conjuntos remontam ao próprio profeta (cf. 8,16; 30,8). Seus discípulos, imediatos ou longínquos, reuniram outros conjuntos, glosando às vezes as palavras do mestre ou juntando-lhes acréscimos. Os oráculos contra as nações, agrupados em 13–23, incorporam trechos posteriores, em particular 13–14, contra a Babilônia (do tempo do Exílio). São acréscimos mais extensos: ‘o Apocalipse de Isaías’ (24–27) [...]; uma liturgia profética posterior ao Exílio (33); um ‘pequeno Apocalipse’ (34 – 35), que depende do Segundo Isaías. Enfim, é tido como apêndice o relato da atuação de Isaías durante a campanha de Senaquerib (36–39) [...].¹⁰

2.1.1.2 O Dêutero-Isaías

O Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías (40–55) foi escrito no período do exílio tardio entre os anos 550 e 540 a.C. Ou seja, ele exerce seu ministério profético durante a última parte do exílio babilônico, exortando os judeus a não desanimarem: “A partir do cap. 40, se pressupõe que os israelitas a quem o texto de refere estão no exílio babilônico [...]”.¹¹ De forma que, atualmente: “Há unanimidade na pesquisa unicamente de que os caps. 40-55 devem ser interpretados a partir das condições dadas desde o final do exílio, por volta de 540 a.C.”.¹²

Com efeito, podemos afirmar que:

Seu conteúdo e contexto histórico são posteriores à obra apresentada nos capítulos de Is 1-39, referentes ao século VIII a.C., que têm como tema principal, oráculos ameaçadores com alusões aos acontecimentos dos reinados de Acáz e Ezequias.¹³

A mensagem do Dêutero-Isaías é profundamente revestida de esperança e consolação para Israel exilado. Ou seja, “trata-se de uma mensagem de reconforto e de esperança para o

⁹ *Ibid.*, p. 297.

¹⁰ BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1339-1340.

¹¹ RENDTORFF, 2006, p. 189.

¹² JÜNGLING, 2003, p. 394.

¹³ VAN DEN BORN, A. “Isaías”. In: *Diocionário Enciclopédico da Bíblia*, 1987, p. 741.

povo exilado, na qual o teólogo anuncia que a salvação é possível (cf. Is 40,27ss)".¹⁴ O profeta anuncia o fim do exílio e volta para Sião. Deus libertará o povo por meio de um servo escolhido por Ele e designado para essa missão. O que o povo deve fazer é esperar confiantemente em Deus que ama, cuida, protege e liberta o seu povo.¹⁵

2.1.1.3 O Trito-Isaías

O Trito-Isaías ou “Terceiro Isaías (56–66) foi escrito provavelmente em Judá, entre os anos 520 a 400 a.C. [...]. Por pessoas que inseriram aí a própria realidade em que viviam: o processo de reconstrução de Jerusalém em meio ao domínio persa e à exploração da elite judaica”.¹⁶

É, portanto, obra de um autor pós-exílico, contemporâneo do processo de reconstrução de Jerusalém, aproximadamente em 520 a.C. No seu conjunto, essa terceira e última parte da obra isaiana é considerada de autoria dos discípulos, dos seus seguidores. E, assim, se colocam em continuidade com o Segundo Isaías. “É o último produto da tradição isaiana, que prolonga a ação do grande profeta do século VIII”.¹⁷

Concentra-se na vocação do profeta (61,1ss) e contém vários oráculos, dentre os quais os mais importantes celebram a glória e o esplendor futuro de Jerusalém (60; 62) e anunciam os novos céus e a nova terra (65,17-25). Com destaque para os binômios “justiça-direito”; “salvação-justiça” (56,1–63,6) e “Deus-pai”; “Deus-mãe” (63,7–66,24), aplicados para descrever e compreender a relação do SENHOR com o seu povo, Israel.

Portanto, o Trito-Isaías está inserido no conjunto da obra isaiana, porém, com temas bem específicos que o distinguem das duas partes que o precederam: proto-Isaías e Dêutero-Isaías. E temas claramente relacionados com um momento específico da vida de Israel: o pós-exílio, cuja preocupação central era a reconstrução de Jerusalém. Para Reimer:

No centro do bloco está o cap. 61 com os temas da libertação. Perpassa o todo, a noção fundamental de que nesta fase de reorganização da vida do povo na província persa de Yehud (Judá), em que nomes novos serão dados, uma vida eticamente regrada deve ser fio condutor nas relações sociais. Aqueles que se mantiverem fiéis a Javé serão receptores da benção e serão

¹⁴WEBLER, J., 2006, p. 16.

¹⁵Por ser o profeta sobre o qual nos debruçamos no presente trabalho, abordaremos com mais detalhes a sua mensagem mais adiante. Aqui fizemos basicamente uma referência, a fim de situá-lo dentro do conjunto da obra isaiana.

¹⁶NAKANOSE; PEDRO, 2004, p. 9.

¹⁷BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1339.

os verdadeiros ‘servos de javé’ (“meus servos”), enquanto que outros experimentarão a ausência das benesses divinas.¹⁸

2.2. O Dêutero-Isaías: estrutura interna do texto – uma visão do conjunto da obra

Depois de termos abordado cada um dos três livros da obra isaiana, vamos adentrar, especificamente, no segundo livro, ou seja, na segunda parte da obra – o chamado Dêutero-Isaías ou Segundo Isaías – e como ela foi organizada internamente.¹⁹

Prólogo – introdução – (Is 40,1–11)	
Os dois grandes blocos centrais	
Libertação e retorno a Jerusalém (Is 40,12–48,22)	Projeto de reconstrução de Jerusalém (Is 49,1–55,5)
Epílogo – conclusão – (Is 55,6–13)	

Ao olharmos o esquema acima, damos conta de que a obra dêutero-isaiana é como se fosse um grande quadro ou um imenso painel, com um núcleo central que, por sua vez, é constituído de duas grandes partes, que aqui chamaremos de blocos centrais. Podemos resumir a mensagem deste bloco central da seguinte maneira, servindo-nos das palavras de Jüngling:

O texto delimitado pelo prólogo e epílogo dos caps. 40–55 fala da disposição de Deus para perdoar. Deus quer que seu povo seja consolado (40,1). Ele próprio conforta seu povo (49,13; 52,9; 51,12). A salvação de seu povo (45,8.17; 46,13; 49,6.8 etc.) constitui sua mais genuína ação, tanto que ele se chama simplesmente ‘salvador’ (cf. 43,3.11s; 49,26s).²⁰

Este quadro está envolto em uma moldura que permite a quem o contempla ter uma visão do conjunto do mesmo. A moldura consiste precisamente no prólogo – introdução – e, no epílogo – conclusão: “No âmbito do grande bloco textual a *delimitação* dos caps. 40–55 se propõe pelo fato de que uma parte introdutória (40, 1–11: ‘prólogo’) está em correlação com uma parte conclusiva (55,8–11: ‘epílogo’): o tema ‘a palavra de Deus’, introduzido no começo (40,8), é retomado no final (55,11)”.²¹

¹⁸ REIMER, 2006, p. 12.

¹⁹ Tomamos como referência a estrutura apresentada na obra: GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA. *Comentário ao Antigo Testamento II*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2008.

²⁰ JÜNGLING, 2003, p. 389.

²¹ JÜNGLING, 2003, p. 389.

2.2.1 O prólogo (40,1-11): o anúncio da libertação – novo êxodo e a Palavra de Deus

Estes onze primeiros versículos são uma introdução a todo o Dêutero-Isaías, ajudando assim, o leitor a compreender que todos os oráculos aqui pronunciados da parte do SENHOR através do profeta, situam-se dentro de um lugar vivencial muito claro: o anúncio da libertação do cativo da Babilônia a partir do decreto de Ciro, rei da Pérsia.

No prólogo, o profeta fala do novo êxodo e do cumprimento da Palavra de Deus em relação ao seu povo Israel. No v. 3 uma voz misteriosa e anônima proclama da parte do SENHOR: “Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para o SENHOR; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus’”. Para Bergant e Karris, não há dúvidas:

O tema do Êxodo torna-se explícito pela localização ‘no deserto’. A volta da Babilônia é vista como reconstituição da libertação original de Israel do Egito. A esperança de um novo êxodo encontrava-se já em Oséias (cap. 2) no século VIII, mas agora o Segundo Isaías proclama que o novo Êxodo está realmente acontecendo.²²

Jerusalém, que aqui representa todos os exilados, recebe ordens da parte do SENHOR de proclamar uma boa notícia – boa nova – a todas as cidades de Judá: “eleva a tua voz com vigor [...] dize às cidades de Judá: ‘Eis aqui o vosso Deus!’” (Is 40,9-10). A presença poderosa de Deus significa que a libertação tão esperada chegou. É hora de voltar e reconstruir Jerusalém.

Mas, não foi tudo tão simples assim, pois muitos não quiseram voltar, preferiram permanecer na Babilônia.²³ De forma que: “O profeta não só proclama a libertação, mas também exorta o povo a aceitá-la”.²⁴ O desafio está lançado e a oportunidade de voltar a Sião, oferecida da parte de Deus.

2.2.2 Os dois grandes blocos centrais²⁵

Antes de abordarmos cada um dos blocos separadamente, consideramos o que alguns autores, aos quais nos referiremos ao longo deste tópico, falam a respeito dos “dois blocos

²² BERGANT; KARRIS, 2008, p. 32.

²³ Sobre os motivos pelos quais muitos decidiram não voltar, já nos referimos no primeiro capítulo.

²⁴ BERGANT; KARRIS, 2008, p. 32.

²⁵ Estes dois grandes blocos centrais são considerados por vários autores como “corpo intermediário”. Dentre esses, destacamos os seguintes: Alonso Schökel; Sicre Diaz; Severino Croatto; Bergant; Karris.

centrais ou intermediários do Dêutero-Isaías. Em linhas bem gerais, qual o conteúdo e a mensagem de cada um deles?

Estes formam duas partes distintas: primeira parte (40,1–48,22): esses capítulos tratam, fundamentalmente, do processo de libertação do cativo da Babilônia. Libertação e retorno a Jerusalém, tendo como modelo o êxodo. O profeta insiste na temática de o Senhor como único Deus da História.

A segunda parte (49,1–55,13): dedica-se ao projeto de restauração de Sião, de reconstrução de Jerusalém. Predominam a figura do Servo do Senhor, cuja missão “não diz respeito só à restauração de Israel; ele precisa também ser ‘luz das nações’ (v. 6), como em 42,6”²⁶ e a Cidade de Jerusalém: “Sião, a mulher estéril, deve alegrar-se, fazer lugar para inúmeros filhos (54,1ss; 49, 19ss) [...]”.²⁷

Alonso Schökel e Sicre Diaz se posicionam da seguinte maneira acerca desta organização em dois grandes blocos:

O corpo intermediário é dividido geralmente em dois grandes blocos: 40–48 e 49–55. O primeiro focaliza a libertação de Babilônia e o retorno à terra prometida; Ciro cumpre missão importantíssima como libertador; e são frequentes as polêmicas contra os deuses gentios, para demonstrar que só Iahweh é o Senhor da história. A segunda parte (49–55) tem seu ponto central na restauração e glorificação de Jerusalém, apresentada, às vezes como cidade, outras vezes como esposa [...].²⁸

O profeta começa anunciando a iminência da libertação e comparando a saída da Babilônia ao antigo Êxodo, quando Deus libertou o seu Povo da escravidão do Egito (Is 40–48). Nesta parte, apresenta com muita ênfase a imagem de Deus, como o único libertador de Israel. Aqui, Ciro é apresentado como “o escolhido do SENHOR” e, por conseguinte, o instrumento de Deus para a efetivação desta libertação do povo exilado.

Na segunda parte do Livro da Consolação, o profeta anuncia a reconstrução de Jerusalém, essa cidade que a guerra reduziu a cinzas, mas à qual Deus vai fazer regressar a alegria e a paz sem fim (Is 49-55). De forma que, esta segunda parte do Dêutero-Isaías, centrará sua atenção no tema da restauração de Sião.

A obra se divide em duas partes que não são homogêneas, nem iguais (40–48; 49–55), a ponto de alguns comentaristas afirmarem que é obra de mãos

²⁶ BERGANT; KARRIS, 2008, p. 37.

²⁷ HARRINGTON, 2006, p. 298.

²⁸ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 280.

diferentes. Cada uma das partes consiste num mosaico de diversos oráculos, adornada com seções possivelmente autônomas ao de incrustações literárias. É desta forma que se considera o ciclo de Ciro (42,24–48,12) na primeira parte e os cânticos do servo, na segunda.²⁹

Duas partes que, abordadas conjuntamente, nos possibilitam a ter uma visão do todo da obra do Dêutero-Isaías; ajudam-nos a aprofundar a mensagem que o profeta quis transmitir a seus interlocutores, tendo como foco o mundo real, no qual se encontravam e a perspectiva de um futuro melhor.

Tudo lido e compreendido à luz da fé no Deus único e libertador que acompanha a vida e a história do povo, não de forma passiva e indiferente às dores e sofrimentos desse mesmo povo, mas, um Deus que intervém na história, fazendo valer o seu plano de amor, de vida e de salvação para o povo que Lhe pertence, libertando-o de toda espécie de dor e humilhação, especificamente aquelas pessoas mais sofridas na realidade do exílio da Babilônia.

2.2.3 O epílogo (55,6-13): um convite à permanente conversão

A aliança que o SENHOR selou com seu povo não foi quebrada. Ela é uma realidade perene, pois, o povo judeu, com a volta para Sião, foi restaurado. O profeta exorta esse povo a reconhecer essa ação salvadora e libertadora de Deus e a voltar continuamente o coração para Ele, buscando-O e invocando-O; mesmo quando não compreende os seus *planos e caminhos*, que nem sempre coincidem com os planos e caminhos do povo (Is 55,8-9). Porém, o povo deve ter uma certeza: nada escapa ao poder de Deus.

O epílogo se dedica a uma espécie de conclusão e resumo da obra do Dêutero-Isaías, tendo como foco o tema do poder da Palavra de Deus e a realização do novo êxodo: “Este final tem muito a ver com todo o livro. O tema é a saída da Babilônia [...] em clima de gozo e bem-estar, e numa marcha (em direção a Jerusalém) através de uma paisagem formosa e sombreada”.³⁰

Como trabalharemos mais adiante, este caminho tem um ponto de partida – Babilônia – e um ponto de chegada – Jerusalém. E, ainda mais: “trata-se de um caminho pelo qual Iahweh conduzirá seu povo através do deserto, em novo êxodo [...]. A nuvem luminosa

²⁹ ABREGO DE LACY, 2006, p. 213.

³⁰ CROATTO, 1998, p. 316.

(52,12; cf. 4,5-6) e a marcha pelo deserto [...], tornam-se, ao mesmo tempo, o tipo e o penhor do novo Êxodo, da Babilônia para Jerusalém”.³¹ A palavra se cumpriu: Deus libertou Israel.

2.2.4 O primeiro bloco central: Libertação e retorno a Jerusalém (40,12–48,22)

Esta primeira parte centra-se no tema da libertação e, por conseguinte, no retorno a Jerusalém, tendo como modelo o êxodo. Aqui há uma insistência na compreensão do SENHOR como o único Deus da História.

No comentário a esse primeiro bloco do Dêutero-Isaías, Bergant e Karris começam afirmando que: “A primeira parte do Segundo Isaías considera a boa nova do fim do exílio ocasião para comparar Israel e Babilônia e seus respectivos deuses”.³² Na mesma perspectiva se posicionam Guijarro Oporto e Salvador Garcia, pois, para eles, nesse bloco, o profeta centra sua atenção na “impossível comparação do Senhor com os ídolos babilônicos”.³³

Tentaremos trazer à tona vários outros temas abordados pelo profeta Isaías nesses capítulos 40,12–48,22. Com isso desejamos oferecer elementos para que possamos ter uma visão global do referido bloco.

A um povo cuja fé está abalada por causa da perda da terra prometida, da destruição do templo e do exílio; e, por isso, duvida da onipotência de Deus, o profeta inicia falando: “Com quem podereis comparar a Deus? Com quem podereis comparar-me” (Is 40,12-26). Ele anuncia o poder de Deus que é Senhor da História e com Ele ninguém pode comparar-se. Deus deve ser a fortaleza e a única esperança do povo (Is 40,27-31): “Javé pode e quer salvar”.³⁴

Ciro será o instrumento de Deus para libertar Israel (Is 41,1-7). O SENHOR, no pleno uso de sua autoridade escolhe o persa e, por meio dele, fará valer o seu plano em relação ao seu povo. “Não foram as circunstâncias históricas das nações, mas unicamente o Senhor que convocou o libertador do povo e o levou, de vitória em vitória, até terminar sua obra”.³⁵ O profeta quer deixar bem claro que, por meio de Ciro, o próprio Deus libertará Israel (Is 41,8-16). Será Deus, através do seu servo, quem libertará o seu povo e não outro deus.

O SENHOR conduzirá os libertados pelo deserto que será transformado em campos verdejantes (Is 41,17-20). Guijarro Oporto e Salvador Garcia afirmam: “Os israelitas exilados

³¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1315.

³² BERGANT; KARRIS, 2008, p. 32.

³³ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2008, p. 75.

³⁴ CROATTO, 1998, p. 34.

³⁵ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 76.

retornariam a Israel em marcha gloriosa, através de um deserto transformado em jardim [...]”.³⁶ O SENHOR fará uma extraordinária transformação da natureza, fazendo surgir água onde não é comum existir; plantará árvores frondosas no deserto – típicas de regiões abundantes em chuvas e não do deserto.

E, somente Ele tem o controle da história. As expressões “*nada, ninguém, nenhum*” (Is 41,24.26-26), apresentam a capacidade de Deus de prever e conduzir os rumos da história, ao passo que, os ídolos não têm essa capacidade. Aqui há um nítido pleito contra os ídolos (Is 41,21-29).

Aqui nos deparamos com o primeiro dos conhecidos “Cânticos do Servo do Senhor” do profeta Isaías (42,1-7). Alguém escolhido e sustentado por Deus com uma missão muito clara: “Levar as nações à verdadeira religião” (Is 42,1). O senhor o escolheu como luz para as nações e sinal da aliança entre Ele e o povo (Is 42,6).³⁷

Na opinião de Guijarro Oporto e Salvador Garcia “Is 42,8-9 é a continuação de Is 41,21-29”³⁸. E, nada mais acrescentam em termos de comentário a esses dois versículos. Bergant e Karris, por sua vez, abordam os vv. 8-9, como uma espécie de conclusão de um grande conjunto, a saber: 41,1–42,9. E, assim se posicionam sobre estes dois últimos versículos: “A passagem conclui com afirmações de que Deus não dá glória divina a ídolos (compare 41,6-7) e que ‘os primeiros acontecimentos, ei-los passados’ (42,9; compare 41,22-23.26)”.³⁹

Na sequência (42,10-13): A terra, de um extremo a outro, é convidada a entoar um *hino de vitória* – louvar o SENHOR por seus feitos salvadores em relação a Israel –. Louvar é uma forma de reconhecer o poder libertador e salvador do Deus de Israel que é um forte guerreiro que não teme enfrentar seus inimigos, porque sabe que sairá vitorioso. Ele é o único capaz de vencer os inimigos do seu povo. É um herói! (42,14-17).

Contudo, esse senhor guerreiro e herói está diante de um povo vencido, característica esta, descrita pelas palavras “*saque e despojo*” (Is 42,22), e incapaz de compreender a gravidade da própria realidade na qual se encontra. Estão como que “*cegos e surdos*” (42,18-

³⁶ *Ibid.*, p. 76.

³⁷ É grande a discussão sobre a identidade e missão deste servo, ora compreendido como uma pessoa, ora como próprio povo de Israel, ora representa um jeito próprio de agir diante de Deus ou ainda foi compreendido como sendo o próprio profeta. “O espírito do SENHOR está sobre ele, da mesma forma que sobre o rei messiânico em Is 11. Ele trará justiça às nações, mas de maneira não-violenta, não-agressiva [...] O servo é a aliança do povo, a luz das nações [...] Deus faz uma aliança com as nações pela mediação de Israel. O servo é também enviado para abrir os olhos dos cegos e libertar os prisioneiros” (BERGANT; KARRIS, 2008, p. 33).

³⁸ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 78.

³⁹ BERGANT; KARRIS, 2008, p. 33.

25). Entretanto, o amor misericordioso do SENHOR libertará seu povo, resgatando-o de uma situação de sofrimento e humilhação e reunindo-o novamente na terra da promessa que fora perdida. O Senhor resgata e reúne Israel (43,1-7).

E mais, o SENHOR é o único e verdadeiro Deus e o seu povo Israel é a sua legítima testemunha (43,8-13), pois experimentou historicamente e experimentará o poder salvador de Deus. “Os que antes eram cegos e surdos, agora são qualificados de testemunhas. São os únicos que podem testemunhar sobre o anúncio e a realização de eventos decisivos”.⁴⁰

Israel testemunhou, outrora, o êxodo do Egito, e, agora, testemunhará a nova libertação (43,14-21). As expressões: “*caminho pelo mar*”, “*carros e cavalos*”, “*estepe*” recordam o êxodo. O SENHOR abriu um caminho no mar e o povo, liberto, caminhou pelo deserto em direção à Terra Prometida (Ex 14,15ss). Agora o fará sair da Babilônia de volta, por um caminho análogo, à mesma Terra da Promessa.

Todavia, Deus denuncia o pecado de Israel que em alguns momentos rebelou-se contra Ele. Porém, ao mesmo tempo, revela seu desejo de reconciliar com Ele esse povo rebelde-pecador (43,22-28). Em sua misericórdia quer curar da sua rebeldia, reconciliando-o consigo.

Ele abençoa seu povo (44,1-5): O significado desses versículos pode ser dito com poucas palavras. Porém, a abrangência deles é muito grande e reflete o projeto que Deus tem para este povo: “Is 44,1-5 é uma benção para Israel-Jacó eleito desde o seio materno”.⁴¹ E essa benção de Deus é a fonte da fecundidade de Israel ante todas as nações.

Só o Senhor é Deus (44,6-8): O profeta apresenta e defende mais uma vez a ideia do único senhorio de Deus em relação aos ídolos, e que só Ele conduz toda a História de Israel e de todas as outras nações. E esse povo-Israel – perdoado, reconciliado e abençoado – é a principal testemunha dessa ação viva e eficaz de Deus ao longo de sua própria história.

Diante do senhorio de Deus, os ídolos nada valem (44,9-20). Nesse trecho, o profeta faz duas críticas: àqueles que fabricam os ídolos (os artesãos) e que põem neles a sua fé e esperança, cultuando-os e incentivando outros a fazer o mesmo e, aos próprios ídolos, pois não têm vida e, por isso mesmo, são incapazes de serem testemunhas vivas da ação divina na história de Israel.

Há uma verdade da qual o povo nunca deverá esquecer. Ao contrário, deve cada vez mais tomar consciência dela: ele pertence ao SENHOR e desse povo, Ele jamais se esquece (44,21-23). Para Guijarro Oporto e Salvador Garcia: “Este texto contém uma exortação do

⁴⁰ CROATTO, 1998, p. 91.

⁴¹ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 81.

Senhor a Jacó-Israel, convidando-o a que não se esqueça de que fora formado como seu servo, e que deve se voltar para Ele”.⁴²

Uma prova incontestável desta fidelidade de Deus é que Ele reconstruirá Jerusalém (44,24-28). Ele envia Ciro como pastor principal de Israel e representante d’Ele. Ciro será o seu encarregado para restaurar Jerusalém, o templo e as cidades de Judá. Assim, Aquele que libertou Israel, mantém sua fidelidade e sua palavra pronunciada pelos profetas em relação à sorte (destino) de seu povo eleito.

Na sequência, o Dêutero-Isaías narra a investidura de Ciro (45,1-8), o rei persa. O texto deixa claro qual é a missão de Ciro: “Dominar as nações e destronar reis, tudo por causa de Jacó ‘meu servo, de Israel, meu eleito’ [...] Sua relação com o Senhor é descrita com as expressões: ‘tomei-te pela mão, chamei-te pelo nome, ando diante de ti’”.⁴³

Ou seja, Deus em seu poder soberano, isto é, no exercício de sua autoridade soberana, decide servir-se de Ciro para libertar o seu povo (45,9-13). O nome de Ciro é explicitamente citado nesses versículos como aquele que, em nome de Deus, vem para libertar o povo do exílio.

Diante de tudo isso, as nações pagãs acorrerão a Israel (45,14-17): O v. 14 diz que as nações pagãs caminharão atrás de Sião e a seguirão; prostrar-se-ão diante dela e dirão: “Só contigo Deus está! Fora dele não há nenhum Deus”. Ora, se até nações pagãs reconhecem que não há outro deus fora do SENHOR, quanto mais os exilados.⁴⁴ Assim sendo, todas as nações, ao tomarem conhecimento do poder salvador e libertador de Deus, devem rejeitar os ídolos e adorar unicamente ao Deus de Israel (45,18-25).⁴⁵

Pois, os ídolos são ineficazes e Deus é fiel (46,1-13). A ineficácia deles consiste no fato de que não são capazes de salvar o povo. Aliás, são incapazes de caminhar com suas próprias pernas, de ouvir e de falar. O SENHOR ao contrário, foi quem carregou em seus ombros toda a história do povo eleito (Is 45,3-4). Este, sim, tem poder de interferir na história da humanidade, aqueles, não.

⁴²GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 82.

⁴³*Ibid.*, p. 82.

⁴⁴ A ideia de fundo é a seguinte: os exilados devem ser os primeiros a reconhecer o senhorio de Deus. Reconhecer a autoridade d’Ele implica rejeitar os deuses pagãos e desprezar completamente os ídolos esculpidos por mãos humanas, pois estes, não são capazes de salvar Israel daquela condição de exilados.

⁴⁵ O Deus que criou todas as coisas, tirando a terra do caos inicial (Gn 1,2) e tornando-a habitável; se faz sentir e ser reconhecido em toda obra criada. É mais um pleito contra os ídolos, no conjunto da obra do Dêutero-Isaías: “A polêmica contra eles – os ídolos – termina com uma exortação às nações para que se convertam ao Senhor, o único em quem se pode encontrar a salvação” (GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 83).

De forma que, Aquele que tem o poder de interferir na história, irá derrubar o poder Babilônico (47,1-15): Esse poema canta a queda da Babilônia, que será arrasada e humilhada por seus adversários. Ela será reduzida a ruína, assim como os ídolos de madeira que fabricou. Estes voltarão a ser simplesmente lenha que deverá ser devorada pelo fogo (Is 44,15-16).

Assim, Deus revela seu plano de salvação (48,1-11). Na opinião de Guijarro Oporto e Salvador Garcia surgem dois novos aspectos nestes onze versículos: “dois aspectos são novos na apresentação do tema: a obrigação de Israel de converter-se em mensageiro para transmitir o que viu e ouviu (Is 48,6); e a abertura para as coisas novas que o Senhor está por revelar”.⁴⁶ Além de reconhecer e anunciar aos outros tudo o que Deus realizou, é necessário ter o coração aberto para acolher as suas novidades, tudo o que está por vir da parte d’Ele.

Aquele, através do qual, Ele fará valer os seus planos, suas novidades para Israel, será Ciro (48,12-16). Que aqui não é chamado pelo nome, mas sim chamado de “*amigo do SENHOR*”. “Os vv. 14-15 reafirmam que Ciro fará a vontade de Deus contra a Babilônia”.⁴⁷

É tempo de sair da Babilônia! A partir de agora, eis o destino de Israel (48,17-22):

Esta passagem inclui dois temas diferentes. Is 48,17-19 é uma reprovação a Israel, e pretende explicar e justificar os sofrimentos e angústias suportados pelo povo durante seis anos no exílio. Em Is 48,20-22, o profeta exorta a que se proclame a salvação e a libertação levadas a cabo pelo Senhor. É tempo de sair da babilônia.⁴⁸

2.2.5 O segundo bloco central: Projeto de reconstrução de Jerusalém (49,1–55,5)

Nesta segunda parte, o Dêutero-Isaías centra sua atenção em torno da temática do projeto de reconstrução de Jerusalém. Predominam a figura do Servo do Senhor e a cidade de Jerusalém.

No segundo poema do Servo (49,1-7), ele é identificado como sendo o povo de Israel (Is 49,3). “O segundo cântico do Servo exalta Israel que, após ter reconhecido seus erros⁴⁹, é preferido por reis e príncipes, aos olhos de todas as nações”.⁵⁰

O SENHOR, realmente, consolou o seu povo (Is 40,1), ao convidá-lo a sair das trevas (Is 49,9) – sentido figurado para falar da condição de exilados – e voltar a Jerusalém (49,8-

⁴⁶*Ibid.*, 2004, p. 84.

⁴⁷ BERGANT; KARRIS, 2008, p. 37.

⁴⁸ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 84.

⁴⁹ “Is 49,4a é, fundamentalmente uma confissão de culpas. O Servo-Israel reconhece que pecou consumindo suas forças (Sl 71,9), por ter seguido algo que era vazio, o caos, a vaidade; isto é, os ídolos, o poder das nações e de seus governantes. A confissão é: ‘Havia consumido as minhas forças, pelo que não existia’ (Is 49,4)” (GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 85).

⁵⁰*Ibid.*, 2004, p. 86.

13). Um pastor irá à sua frente e será o seu guia: “A saída da Babilônia (48,20a) necessita de um apoio. A imagem usada em 9b é a do pastor [...]. Assim como na caminhada do êxodo havia protegido o seu povo (48,20), Javé assistirá agora os novos caminantes”.⁵¹ Esse pastor conduzirá o povo de forma segura no caminho de volta.

49,14-26: Esses versículos recordam, fundamentalmente, a fidelidade eterna de Deus que não se esquece de Jerusalém, assim como a mãe não é capaz de esquecer o seu filho (Is 49,14-16.25-26). Os vv. 17-21 deixam claro a mudança da sorte de Jerusalém que, por causa do amor do Seu Salvador, será reconstruída e repovoada. Dela não se dirá mais: “*abandonada*”.

Através do profeta, o SENHOR faz questão de deixar claro quem foi o responsável pela ida de Israel para o exílio e de todo o sofrimento dele decorrente (50,1-3): “Não foi ele quem despediu a mãe (Jerusalém, Israel) e vendeu como escravos os filhos (os israelitas), mas foram as culpas de mães e filhos que levaram ao desprezo e castigo de ambos”.⁵²

Na sequência (50,4-9), o Dêutero-Isaías apresenta o terceiro poema do Servo do Senhor. As expressões: *defensor, denunciar, comparecer, acusar, condenar* (Is 50,8-9), indicam que o servo tem consciência que enfrentará seus inimigos em juízo. Entretanto, tem também uma certeza: o próprio SENHOR que o constituiu seu Servo, se encarregará de defendê-lo. Ele sairá vitorioso!

O servo – povo de Israel – que confiou e esperou no SENHOR não foi decepcionado: A salvação que esperava, da parte do Senhor, chegou! (50,10–51,8). Ela não é mais uma promessa, uma suma realidade. E aqueles que acreditam na ação libertadora de Deus invocam o seu braço poderoso que fará valer seus planos de vitória sobre seu povo (51,9-16).

O braço poderoso que do caos tudo criou e que no passado realizou gestos extraordinários como secar o mar⁵³ e que libertou outrora o povo do Egito⁵⁴, realizará no

⁵¹ CROATTO, 1998, p. 208.

⁵² GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 86.

⁵³ O mar ou seus monstros representam o caos nos mitos da criação do antigo Oriente Próximo, especialmente da Babilônia e de Canaã [...]. Este simbolismo é aproveitado pela tradição hebraica para falar das façanhas de Javé; o modelo é a criação (ver o Salmo 89,11; Jó 26,12-14; 38,8; etc.), mas a realidade que se quer interpretar é a história. O esquema mítico da vitória de Deus sobre o mar serve para falar do ato criacional do êxodo, como é claro em Isaías 11,15-16 ou no Salmo 74,12-15 (CROATTO, 1998, p. 243-244).

⁵⁴ O v. 10b diz: “E fez do fundo do mar um caminho, a fim de que os resgatados passassem?”. Comentando este versículo, assim afirma Croatto: “A referência ao êxodo é explícita (v. 10b), onde os oprimidos no Egito são chamados de ‘redimidos’ [...] As formas verbais – quatro participios com ‘braço’ como sujeito – descrevem uma ação permanente mais do que passada [...]. O leitor sente desta maneira que aqueles gestos de Javé são também de agora” (CROATTO, 1998, p. 244).

presente da história deste mesmo povo, outro feito grandioso: o libertará do jugo opressor da Babilônia.

Por isso, em 51,17-23, o profeta exorta: “Desperta, desperta, levanta-te! Jerusalém” (v. 17). O SENHOR se dirige diretamente a Jerusalém, exortando-a a que fique de pé, depois de tantos sofrimentos (Is 51,17). Ele a consola, expressando o seu desejo e promessa de mudar a situação da cidade (Is 51, 20-23). E isso, Ele já está fazendo. Por isso a exorta a que fique de pé – sinal de que é vitoriosa.

“Desperta, desperta, mune-te da tua força, ó Sião!” (v. 1): este poema (52,1-6) é continuação do anterior. Para Guijarro Oporto e Salvador Garcia:

Se no anterior se anunciava o fim da ira do Senhor e se exortava Jerusalém a pôr-se de pé, agora, pede-se algo mais: Jerusalém deve vestir suas roupas de gala, lavar-se, livrar-se dos sinais de escravidão – as amarras [...].⁵⁵

Em 52,7-12, o profeta louva a Deus porque se tornou realidade a salvação de Jerusalém. A volta dos exilados é vista como a chegada do SENHOR a Jerusalém (Is 52,8). Por isso, as sentinelas, do alto das muralhas da cidade de Jerusalém, em coro, louvam ao SENHOR e, convocam toda a cidade a erguer um cântico de louvor a Ele por sua ação salvadora e libertadora em favor do seu povo.

Aqui encontramos o quarto e último cântico do Servo do Senhor apresentado pelo Dêutero-Isaías (52,13–53,12). Este cântico, mais que falar de um personagem histórico, quer levar o povo de Israel a encarar todo o sofrimento, pelo qual passou, como uma oportunidade de crescimento, de maturação na fé.

O cântico, “Concentra-se na futura transformação do servo de extrema humilhação à glória. Como essa mudança será testemunhada por reis e nações, devemos presumir que o Servo é a nação israelita ou alguém que a representa”.⁵⁶ Assim como o Servo passa da condição de humilhado à de exaltado, Israel terá a mesma sorte.

Israel é, novamente, um povo fecundo (54,1-10): Jerusalém não é mencionada explicitamente, “mas é personificada pelo profeta numa mulher que foi, sucessivamente, solteira, estéril, abandonada e viúva, e agora, volta a encontrar o esposo e os filhos”.⁵⁷ Deus conclui renovando e restabelecendo com Israel, sua aliança de amor.

⁵⁵ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 88.

⁵⁶ BERGANT; KARRIS, 2008, p. 39.

⁵⁷ GUIJARRO OPORTO; SALVADOR GARCIA, 2004, p. 90.

Dessa forma, Jerusalém será reconstruída (54,11-17): A cidade será reconstruída, materialmente falando (Is 54,11-13). Será o SENHOR mesmo quem designará os seus construtores. E estes, a reconstruirão com os mais nobres materiais: nada mais, nada menos que pedras preciosas (Is 54,13).

A aliança do SENHOR (55,1-5): é um trecho bastante complexo e com inúmeras possibilidades de abordar temáticas importantes para a vida de Israel neste novo momento de sua história: a volta para Jerusalém. Entretanto, é oportuno destacar que o centro de todos esses versículos está no tema da “*aliança perene*”, ou “*promessa inquebrantável*”, feita pelo SENHOR com o seu povo à semelhança da que ele selou com Noé (Gn 9,16), Abraão (Gn17,7.19), Aarão (Nm 18,19) e Davi (2Sm 23,5). De forma que:

Is 55,3 marca a mudança de destinatário da promessa inquebrantável feita aos patriarcas e a Davi; a partir desse momento, a promessa de uma *aliança perene*, dirige-se ao povo todo (cf. também Is 61,8; Jr 32,40). A promessa apóia-se nos favores anteriormente prometidos a Davi.⁵⁸

2.3. Profeta: um porta-voz

O profeta é um “porta-voz” – em termos genéricos – que transmite uma mensagem em nome de alguém, fala em nome de outra pessoa. Em língua portuguesa é esta a conotação que é dada ao termo profeta. Ou seja, alguém que fala e transmite uma mensagem em nome de outrem. No caso do profetismo bíblico, alguém que fala em de Deus. Derivado do grego: *prophétes* “é a pessoa que ‘fala na frente’ do outro, da parte de um terceiro, da divindade”.⁵⁹

Fiel à sua vocação profética, Isaías não mediu esforços para ser mediador entre Deus e o povo, como transmissor de uma mensagem de vida e esperança e para ajudar o povo a caminhar pelos caminhos do SENHOR – o verdadeiro Deus –, e não se deixar levar por falsos deuses – os ídolos pagãos.

Como os demais profetas de Israel, Isaías desenvolveu um papel fundamental no sentido de ajudar o povo a crescer na fé em Deus e se manter fiel a esta mesma fé. Ora a sua missão foi exitosa, ora não. A própria história atesta esta oscilação na fé, vivida pelo povo. No entanto, o profeta se manteve firme no sentido de guiar o povo no caminho de uma fé autêntica e de revelar-lhe a verdadeira identidade de Deus e quais eram os seus planos para este povo.

⁵⁸ *Ibid.*, p. 92.

⁵⁹ SICRE DIAZ, 1998, p. 9.

Ao mesmo tempo, o profeta tinha a missão de contestar as estruturas sociais que estavam distantes do projeto de Deus que ele veio anunciar em nome do próprio SENHOR. Como tantos outros profetas, o lugar vivencial de Isaías é profundamente marcado por situações de injustiça que destoam completamente deste projeto de Deus para a criatura humana, em específico, o seu Povo-Israel.

Outro desafio com o qual o profeta sempre se depara é a tendência do povo à deslealdade a Deus. Logo, o profeta estará sempre convocando este povo à lealdade ao SENHOR, “*o Santo de Israel*” (título que o profeta usa 26 vezes para se referir ao Deus de Israel). Será Ele e não outro quem fará o julgamento das nações e trará a salvação ao seu povo.

Não poucas vezes, sobretudo em momentos de instabilidade política, econômica e militar, Israel buscou estabelecer alianças políticas com povos estrangeiros.⁶⁰ Nesta conjuntura política, o profeta é enfático em dizer, principalmente às elites governantes que este não é o caminho. Só há um caminho seguro: a plena confiança em Deus.⁶¹

Em meio a toda essa conturbada realidade, o profeta não se calou:

Nos anos 734-732 ele aconselha o rei Acaz, de Judá, a se abster de qualquer ação direta e, em vez disso, a confiar no santo Deus. Isaías deverá reiterar em diversas ocasiões o posicionamento do ano de 734. O pleito em prol da fé contra qualquer forma de política de alianças continua determinante para a atividade de Isaías.⁶²

Isaías exorta então, que ao invés de buscar ajuda em outras pessoas e ou nações; que Israel confie, unicamente, no SENHOR. Só n’Ele está a verdadeira segurança para o povo. Já o Primeiro Isaías teve que deparar-se com essa realidade e, naturalmente, opor-se a ela.⁶³

⁶⁰ Um clássico exemplo é o da chamada guerra siro-efraimita (735-734 a.C.), ainda no tempo do Primeiro Isaías, quando os reinos de Damasco e Israel se aliam para se rebelarem contra a Assíria. Ambos os reinos propõem uma aliança com Judá a fim de serem mais fortes no processo (2Rs 15,37). O rei de Judá, Acaz, recusa a proposta. Então sofre represália, pois os dois reinos moveram guerra contra Judá. A fim de se defender, Acaz pediu socorro, ajuda a Assíria (2Rs 16,5-9). A Assíria aceitou ajudar. Porém, impôs suas condições: anexar o território de Judá ao seu império e, com isso, o pagamento de altos tributos.

⁶¹ A conjuntura sócio-política era muito agitada. Marcada por muitas incertezas. Judá e Israel situavam-se entre o Egito e a Assíria, as grandes potências de então. Sofriam as consequências das constantes investidas de uma contra a outra. Ademais, muitas vezes, Judá também se balanceava entre a política de uma e outra.

⁶² JÜNGLING, 2003, p. 395-396.

⁶³ A Bíblia de Jerusalém faz referência a dois exemplos, ainda no tempo do Primeiro Isaías, nos quais o profeta se colocou contrário às alianças políticas de Israel, nas quais deixava de crer unicamente em Deus e passava confiar nos conchavos políticos: “O rei de Damasco, Rason, e o rei de Israel, Facéia, quiseram arrastar o jovem Acaz, o qual recorreu à Assíria. Isaías interveio então e debalde tentou

Pois “Isaías, fiel aos seus princípios, queria que recusassem toda aliança militar e que confiassem em Deus”.⁶⁴

A única aliança que Israel deveria ter diante de si, seria aquela que outrora Deus fizera com o povo. De forma que:

A relação de fé da comunidade assenta ainda na aliança; Yahvé declara ainda a Israel: ‘Eu sou o vosso Deus!’ (41,10; 48,17; cf. a fórmula da aliança em Os 2,25 e Jr 31,33) e afirma o seu amor de aliança como outrora. Por causa do êxodo, o profeta pode garantir aos seus irmãos que Yahvé mantém a fidelidade da aliança e deixa aberto o futuro.⁶⁵

E, a esta aliança sim, o povo deve manter-se fiel. E, jamais fazer outro tipo de aliança. Ou fazer aliança com outrem que não Deus, cuja fidelidade não passa. A esta aliança Deus se mantém fiel. E, o povo por sua vez, também assim deve proceder. Para se manter fiel a esta aliança é fundamental o pressuposto da fé. Só na fé é possível encontrar sentido para se manter fiel à aliança em meio às vicissitudes da história.

Poderíamos afirmar que Isaías, prega uma política da fé: “Se não acreditardes, não subsistireis” (Is 7,9). Esta temática da fé e da confiança, unicamente em Deus, irá perpassar toda a obra isaiana. Será uma espécie de fio condutor. O profeta estará sempre recordando a Israel que a fé o manterá de pé e será a sua identidade, seu distintivo diante de todas as nações. A fé será também a garantia de que tudo isso se trará realidade. É preciso esperar na fé.

2.4. Um povo em crise de fé

A crise de fé pela qual Israel passava tem uma razão de ser: os elementos centrais da teologia davídica foram abalados; os pilares, por assim dizer, que davam sustentação à fé de Israel, haviam sido sacudidos. Elencamos alguns deles:

- **O templo e a cidade santa de Jerusalém foram destruídos:** Ora, aquele que sendo o único santuário de Jerusalém era o símbolo da fé comum no Deus único – já não existe mais. Com efeito, “a capital, Jerusalém, tem como centro o Templo, onde todos se encontram para as festas. Lá se oferecem os sacrifícios e Deus os aceita: intercâmbio

opor-se a esta política por demais humana [...]. Em Judá, Ezequias sucedeu a Acáz. Era um rei piedoso, animado do espírito de reforma. Mas as intrigas políticas renasceram e desta vez buscaram o apoio do Egito contra a Assíria” (BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1338-1339).

⁶⁴*Ibid.*, 2000, p. 1339.

⁶⁵ BLENKINSOPP, 1996, p. 41.

entre Deus e o homem, certeza de que Deus abençoa os seus (1Rs 8,27-30)”.⁶⁶ Como fica agora a crença na escolha divina de Jerusalém – Sião – como Santa e Eterna Morada de Deus?. Para Bright,

o dogma sobre o qual se baseavam o Estado e o culto tinha recebido um golpe mortal. Esse golpe [...], foi representado pela certeza da escolha eterna de Sião por parte de Iahweh para sua morada terrena e suas promessas incondicionais a Davi de uma dinastia que nunca teria fim.⁶⁷

- **A eleição divina da dinastia davídica:** O rei é personagem sagrado, descendente de Davi, conforme prometera Deus (2Sm 7,12-16), escolhido e ungido por Deus para a função de governar o povo. O seu poder era de origem sagrada. Entretanto, no exílio, “o rei está exilado, a dinastia arruinada, a estrutura política de que depende – o povo – é pagã e inimiga do Senhor”.⁶⁸
- **O SENHOR como Deus absoluto e transcendente:** O jeito de conceber Deus sofreu também um golpe:

O próprio *status* do Deus de Israel foi colocado em dúvida [...]. A teologia oficial e nacional ruiu sob os golpes de uma potência pagã. Os deuses da Babilônia seriam realmente entidades negativas, ‘não deuses’? Não seriam realmente deuses poderosos? [...]. Dessa maneira, era forte a tentação de deixar a religião ancestral (Jr 44,15-19; Ez 20,32).⁶⁹

- **A terra da Promessa:**

É baseado nestes e em outros elementos da teologia davídica que Isaías desenvolve a sua profecia e anuncia seus oráculos com o intuito de reavivar e manter acesa a chama da fé do povo que estava profundamente abalada.

Um das características mais marcantes de Isaías é a sua profundidade religiosa, “*sua grandeza religiosa*”. Podemos afirmar que o profeta é pregador da fé e da esperança. Pois, em momentos difíceis e delicados da história de Israel, nos quais a fé do povo ficou profundamente abalada e corria o risco de enfraquecer, e quando a esperança parecia

⁶⁶ WIÉNNER, 1980, p. 10.

⁶⁷ BRIGHT, 2003, p. 416.

⁶⁸ WIÉNNER, 1980, p. 11.

⁶⁹ BRIGHT, 2003, p. 417.

esmorecer diante das graves crises que a nação atravessava, ele pede que confiem unicamente em Deus.

De forma que, diante da realidade do exílio, ele tem uma preocupação muito clara: animar e manter viva a fé e a esperança dos exilados, que também se sentiam oprimidos em meio às divindades do império babilônio. Daí a sua insistência para que o povo sempre reconheça o SENHOR como o único Deus (Is 43,5-7). Somente d'Ele pode vir a salvação. Deus é a única oportunidade de salvação.

Por mais dura que seja a dificuldade e a provação, o povo não pode perder a fé e a esperança, pois um novo tempo surgirá. É preciso permanecer firme na fé e seguro na esperança. Só os que assim procederem verão a Glória de Deus. Este “resto” terá como rei, não uma figura humana opressora, mas o próprio Deus, que o guiará através do seu Ungido, o Messias.

Pois bem, como já tratamos no capítulo anterior, Israel encontra-se num dos momentos mais críticos de sua história: Jerusalém foi tomada e o povo se acha cativo na Babilônia. É exatamente nesse cenário que o Segundo Isaías deixa claro que o julgamento de Deus pelas faltas cometidas por Israel já se cumpriu com a ruína de Jerusalém. O que o povo deve esperar, agora, é o tempo da restauração. E, este está próximo, pois o SENHOR enviará um libertador.

O Deus Criador e Salvador (Is 43,15-21; 44,1-8), Ele mesmo se encarregará de salvar Israel. O Dêutero-Isaías consola o povo sofrido, ajudando-o a crer que o SENHOR, o “*Santo de Israel*” (Is 41,14) que tudo criou, renovará a criação. Que o Salvador-Libertador, trará de volta, como outrora, a liberdade ao seu povo. Ele o libertará e o recriará!

O que Israel precisa é não perder a fé e a esperança em tempos melhores. Um novo êxodo mais maravilhoso que o primeiro, reconduzirá o povo a uma nova Jerusalém, mais bela que a primeira. Ora, essa mensagem chega com uma verdadeira boa-nova para pessoas que estavam cansadas, enfraquecidas e perdendo a esperança (Is 40,29; 42,3), empobrecidas e sendo usadas como mão de obra barata nos grandes projetos do império babilônio (Is 42,7.22; 50,6). Enfim, vivendo uma situação de exclusão e marginalização, sem voz e nem vez (Is 53,3).

E, ainda havia um agravante: muitos acreditavam que o exílio era o castigo da parte de Deus por causa dos pecados do povo. Deus, então, estava penalizando esse mesmo povo com o exílio pelas faltas cometidas (Is 40,2; 42,24). A fé estava profundamente abalada.

2.5. Da história concreta à Teologia da História: só Deus é Senhor da História

Os capítulos 40–55 do livro de Isaías fazem a passagem da História Concreta⁷⁰ à Teologia da História, cujo centro é o SENHOR – Deus-Único-Criador-Libertador. Somente Ele é SENHOR DA HISTÓRIA. Ou seja, só Ele e não os ídolos têm o poder sobre os rumos da história humana e, naturalmente, sobre a história do Povo Eleito.

Como falamos no tópico anterior, o profeta fala a um povo cuja fé está em crise por causa dos últimos acontecimentos da sua história. Ele – o profeta – vê a necessidade de reavivar a chama da fé a partir da memória – recordação das ações salvíficas de Deus na vida e na história de Israel – tendo como referencial a experiência do êxodo.

Esta recordação tem como finalidade encorajar, consolar e semear a esperança no coração dos israelitas cativos no exílio da Babilônia. Pois,

[...] este profeta retrocede às origens da história de Israel, de volta ao deserto, o ponto de partida de uma nova fé em Deus. Sua transformação (40,3-5;41,17-20) proclama a glória do Senhor e é ao mesmo tempo (43,16-21;49,11) parte dos providentes cuidados que dispensa ao seu povo.⁷¹

Tudo isso para alimentar nos cativos a esperança na certeza de que Deus os libertará como o fez outrora, retirando-os da escravidão do Egito, por seu servo Moisés. Pois, “o passado era uma semente que continha o germe do crescimento futuro, mas é sobre o novo Êxodo que eles devem pensar agora (43,18s)”.⁷²

Haverá um segundo êxodo com algumas características semelhantes às do primeiro: o envio de um libertador, o anúncio da libertação, o caminho pelo deserto e a posse – entrada – na terra da promessa; e, com características ainda maiores que o primeiro, fundamentalmente, porque neste, o próprio SENHOR irá à frente do seu povo.

Para tornar realidade o seu plano de salvação-libertação do povo cativo, o SENHOR se servirá da mediação humana. O escolhido será Ciro, o Persa, que derrotando o rei babilônico, assume o comando do império. E que, adotando uma política de tolerância para com os seus súditos, proclama no ano seguinte, 539 a.C., um decreto – Edito de Ciro – permitindo àqueles

⁷⁰Como afirmamos no I Capítulo: A história destes poemas narrativos tem a ver com o momento do exílio na Babilônia e também com o regresso dos judeus depois do cativeiro da Babilônia.

⁷¹HARRINGTON, 2006, p. 297-298.

⁷²HARRINGTON, 2006, p. 298.

que desejassem, voltar para Jerusalém (2Cr 36,22-23; Esd 1,2-4). O tempo da servidão “acabou”.⁷³

Podemos dizer que, da história concreta, o profeta passa à teologia da história, à teologia do Deus criador e salvador, de modo que a teologia comanda a História, pois tudo depende do mistério da vontade divina, inscrita no centro da mesma história.

2.6. O Deus de Israel e os ídolos pagãos

Elucidaremos como o Dêutero-Isaías estabelece uma nítida contraposição entre o Deus de Israel e os ídolos pagãos. O Segundo Isaías contrapõe o monoteísmo de Israel ou politeísmo pagão babilônico.

Um dos grandes desafios que o Dêutero-Isaías, assim como todos os profetas de Israel teve que enfrentar, foi o do politeísmo – a crença em vários deuses – realidade bem marcante naquela época. Israel teve que percorrer um lento e longo caminho até chegar à crença num único Deus – o monoteísmo – ou seja, afirmar a existência de um Deus único e negar a existência de outros deuses.

Pois, antes, Israel até reconhecia o SENHOR como seu Deus e que este, por sua vez, exigia um culto exclusivo. No entanto, admitia e aceitava a ideia de que outros povos pudessem ter outros deuses. E, em muitos momentos na própria história de Israel, o povo abandonou a Deus e serviu aos ídolos. Um exemplo clássico foi o da confecção de um bezerro de metal fundido, colocado no centro do acampamento de Israel, no caminho do Egito para a Terra Prometida. Bezerro ao qual o povo prestou culto em lugar de Deus (Ex 32,1-10).

No entanto, como já dissemos, o povo cresceu e se firmou sempre mais nesta certeza de que há um só Deus, o SENHOR que domina e reina absoluto sobre todas as forças da natureza e que é Senhor dos homens e da história. Ele que tudo criou, tudo governa e faz surgir novas realidades para demonstrar o seu poder sobre todas as coisas.

Para esse crescimento por parte do povo na certeza da existência de um único Deus, o Dêutero-Isaías exerceu um papel importante ao insistir na ideia o Deus-Criador e Senhor da história. E, que nela intervirá libertando o seu povo. Só Ele fará isso e não outro. O Deus criador é o libertador:

⁷³ Usamos a expressão entre aspas porque sabemos que não foi bem assim. Não foi tão de graça e generosamente que Ciro permitiu o retorno – o repatriamento. Pois, sabemos que os persas adotavam a estratégia política de manter os povos conquistados (dominados) em sua terra natal, dando-lhes certa liberdade e cultural. Mas, em contrapartida, exigiam submissão política e pagamento de tributos para a manutenção da máquina administrativa.

O Segundo Isaías declara reiteradas vezes que Iahweh cria. As palavras que usa mostram o que ele quer dizer. São três: ‘formar’, ‘fazer’ e o verbo que só se predica de Deus e de mais ninguém, *bara*. O ato criador de Deus, posto que comparável ao do homem, é ao mesmo tempo único. Nisto também ele é Deus – ‘e não existe outro’ –; e ele cria não as coisas passadas, mas também os inícios presentes ‘coisas novas’, criadas agora.⁷⁴

A aliança que Ele estabeleceu não deixa dúvida: há um só Deus e um povo que Lhe pertence: “Estarei no meio de vós, serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Lv 26,12).

E, a esta aliança o SENHOR foi sempre fiel! Em vários momentos da vida e da história de Israel Ele lembrou-se e a renovou (cf. Ex 2,24; 6,4-5; 19,5-6; 24,1-11; 34,10.27; Dt 4,23; 7,9-10; Nm 25,12-13; 2Sm 7,16; 2Rs 8,19; Sl 88,4-5). Ele exorta: “Agora, pois, se obedecerdes a minha voz, e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos” (Ex 19,5). Assim,

toda a história de Israel está baseada na aliança do povo com Javé. Tal aliança deve nortear o comportamento de cada indivíduo, bem como o de toda a nação; é a aliança que confere ao povo de Israel sua missão de testemunha do verdadeiro Deus e de preparação da obra messiânica.⁷⁵

E, os profetas, o que não é diferente no Dêutero-Isaías, como veremos mais adiante, não mediram esforços para mostrar que o Deus-Único, não somente dirige a vida e a história de seu Povo Eleito, Israel, mas mostram que Ele dirige também os destinos dos outros povos (Am 9,7; Jr 27,5-8; Is 10,12).

Deus é Senhor de toda a terra. Seu poder se estende por toda a parte. Não há lugar para outros deuses. Num esforço contínuo para combater a grande influência dos cultos pagãos, bem como do sincretismo religioso, que continuamente ameaça a fé de Israel, os profetas sempre afirmaram a impotência dos falsos deuses, frente ao Deus Todo Poderoso e a vaidade dos ídolos (Os 2,7-15; Jr 2,5-13.27-28).

Este esforço tornou-se uma espécie de urgência, se quisermos usar uma linguagem de hoje, para os profetas do Exílio na Babilônia. O povo estava distante da terra, do Templo e sem sacerdotes; imerso numa cultura pagã. O desmoronar das esperanças nacionais poderiam suscitar dúvidas quanto ao poder de Deus. Aqui, o Dêutero-Isaías precisou ser enfático na polêmica contra os ídolos (Is 40,19-20; 41,6-7.21-24).

⁷⁴ HARRINGTON, 2006, p. 298.

⁷⁵ CHAVE bíblica católica, 2012, p. 19.

Para Darder, “o conteúdo de 40,12–44,23 destaca a grandeza de Javé e ressalta a futilidade dos falsos deuses para convencer o povo e mesmo ao leitor de que abandone a idolatria e volte ao regaço divino”. Continuamente o profeta vai estabelecendo essa contraposição entre o poder e a grandeza de Deus e a fraqueza e futilidade dos ídolos e convidando o povo a voltar-se unicamente para Deus. Todavia, o profeta tem diante de si o grande desafio de ajudar o povo a acreditar que o SENHOR triunfará.

Entretanto, o seu triunfo terá que acontecer sobre muitas realidades, que a Bíblia do Peregrino chama de “resistências”:

O Senhor tem que triunfar sobre as múltiplas resistências. Primeira, Babilônia, cruel e soberba, confiante em seus deuses e magos. Segunda, os deuses de Babilônia, que o Senhor desafia a que demonstre sua capacidade de prever e realizar. A terceira resistência é a mais grave, porque é dos judaítas, que recusam esperar. O povo se cansa e protesta (40,27); tem medo (41,13s); é cego e surdo (42,18-20); nostálgico (43,18) [...]. O profeta tem que converter à esperança esse povo fracassado ou resignado ou desanimado. Não basta crer (7,9), é preciso esperar [...].⁷⁶

Porém, Deus não desiste de seus planos de amor para seu povo. E, mesmo em meio a todas essas “resistências”, através dos profetas revela esses planos e também por suas ações, faz valer a sua vontade; e o povo vai se dando conta de que Ele não só fala, mas age, e que seu agir é pleno de amor para com o povo que ele elegeu e escolheu para ser seu.

Conclusão

Vimos que não é tão simples falar da estrutura com a qual o profeta organizou sua obra. Porém, aos poucos nos demos conta de que esta estrutura tinha a finalidade de ajudar a transmitir uma mensagem: consolar o povo e ajudá-lo a acreditar em tempos novos, que só poderiam vir da parte de Deus. Por isso, é importante que este povo o busque e o invoque, mesmo quando não compreende os seus planos; os seus caminhos.

O profeta, sintonizado com o seu tempo e numa profunda comunhão com Deus, vai transmitindo ao povo de Israel uma mensagem de consolo e de esperança da parte de Deus e ajudando Israel a tomar consciência, cada vez mais de sua identidade de povo da aliança, eleito por Deus para uma missão universal: ser “luz para as nações”.

Paulatinamente, vai percorrendo um caminho com o povo de Israel. Pedagogicamente, vai estruturando sua obra de forma a levar o povo a perceber a presença amorosa de Deus se

⁷⁶BÍBLIA do Peregrino, 2011, p. 1772.

revelando em meio às vicissitudes da história humana e, claro, da História de Israel. Ele – o Senhor – caminha com seu povo.

Assim, o povo sentindo concretamente essa presença de amor deve abandonar toda forma de idolatria e desconfiança em relação ao SENHOR e abandonar-se, confiando exclusivamente nele. E, assim, experimentar o seu amor fiel e que se renova a cada momento da vida pessoal e comunitária de cada membro e de todo o povo de Israel.

3 O NOVO ÊXODO: DA PROMESSA À REALIZAÇÃO

Neste terceiro capítulo, veremos que o povo exilado em Babilônia, inicialmente, convivia com a idéia da impossibilidade de voltar para Jerusalém, embora desejasse e até esperasse que isso acontecesse logo. Esta impossibilidade, advinha da constatação de que o império babilônio que o exilou era uma superpotência e adotava a mesma política dos assírios – a saber: a deportação dos povos conquistados.

Porém, como veremos, a história é dinâmica e tem demonstrado que as coisas passam, mudam; que impérios surgem e desaparecem. Com o poderoso império babilônico não seria diferente. De forma que, vinte e cinco anos depois da sua fundação dava sinais evidentes que enfraquecimento. E, ao mesmo tempo, no palco da história começa a despontar, ao sul, uma nova potência: o império persa, sob a égide do seu mais ilustre comandante: Ciro.

Pois bem, a ascensão meteórica de Ciro correspondeu aos dias finais do império babilônio. Elencaremos alguns motivos da decadência e falência do império babilônio, bem como os passos dados pelo império persa no seu movimento de crescimento – expansão – até se apoderar de todo o território dos babilônios.

Com todas essas mudanças na conjuntura sócio-política daquela época, afirmamos que a realidade começa a mudar, sobretudo pelas notícias de que o império persa se caracteriza pela tolerância, permitindo que os povos exilados gozassem de uma certa liberdade e até pudessem retornar às suas terras natais.

Com isso, um novo êxodo se avizinha. Talvez os profetas estivessem certos quando afirmaram que o exílio duraria aproximadamente setenta anos (Jr, 25,11-12; 29,1-23; Ez 29,10-11) (cf. Dn 9,2). Muitos viveram na espera do cumprimento dessas profecias. E as notícias das vitórias de Ciro e de sua política de tolerância alimentaram ainda mais a esperança de um retorno para Sião.

E essa espera não foi em vão. Um ano depois da entrada em Babilônia, Ciro publicou um edito permitindo a volta dos exilados. Veremos que alguns se dispuseram a voltar. Outros não, pois se tinham firmado política e economicamente em Babilônia. Veremos algumas das razões pelas quais uns quiseram, e outros não, retornar para a terra de Canaã.

Em todo caso, é hora de sair. Esta é a ordem do SENHOR através do seu enviado: Ciro. Esta saída significa que o SENHOR está resgatando o seu povo. Ele prometeu, Ele está cumprindo. Quem creu e esperou está vendo a realização da promessa.

É exatamente esta Boa-Nova da salvação-libertação que o Dêutero-Isaías anunciou: “Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em

alta voz que seu serviço está cumprido, que sua iniquidade foi expiada” (Is 40,1ss). O SENHOR consolará o seu povo, salvando-o/libertado-o do exílio. Este é o “novo” do qual fala o profeta.

Por fim, elencaremos alguns textos bíblicos que falam precisamente deste “novo” de Deus, ou seja, o “novo êxodo” em paralelo com “antigo êxodo” – a saída do Egito. O Deus que libertou outrora o fará novamente. E a razão é simples e suficiente forte: o povo lhe pertence e Ele pertence a esse povo. Não é uma pertença no sentido de posse, no sentido de domínio; mas de pertença recíproca e amorosa.

3.1 O processo de libertação começa a se tornar realidade

Num primeiro momento, ou seja, nos primeiros anos do exílio, o império babilônio parecia ter um poder invencível. Isso tornava difícil aos exilados pensar numa possibilidade real de volta para Jerusalém. A ideia de voltar um dia para casa se tornava cada vez menos cogitável, embora pensassem ou desejassem essa volta eminente.

No entanto, a história é dinâmica e tem mostrado inúmeras vezes que as coisas podem tomar rumos nunca vistos e nem imaginados: “De 605 a 562, Nabucodonosor conseguiu fazer da Babilônia a indiscutível potência mundial. Uma década mais tarde, porém, já era a Pérsia que se aquecia para ser protagonista no palco da história”.¹

Refletindo sobre a fase da história do Antigo Oriente Médio dentro da qual se inserem os escritos do Dêutero-Isaías, Siqueira afirma:

O contexto histórico dos capítulos 40-55 do livro de Isaías compreende dois períodos políticos dominados por dois impérios da Mesopotâmia: O Império da Babilônia, através do comando do seu mais notável comandante, Nabucodonosor (604-562 a.C.), empreendeu uma incursão à terra de Israel, trazendo trágicas conseqüências para o pequeno Reino de Judá. [...] essa invasão é vista pelos repórteres e teólogos bíblicos como um dos acontecimentos mais trágicos e significativos da história do povo israelita.²

Esse primeiro “período político” dessa fase da vida de Israel, marcado pelo poder do império babilônico, trouxe muito sofrimento, medos, dúvidas e incertezas para o povo. O exílio, que como já dissemos anteriormente, parecia ser definitivo, e a perda dos referenciais teológicos: a terra, a cidade de Jerusalém, o Templo e o rei davídico; mergulharam Israel

¹ GRUEN, 2005, p. 154.

² SIQUEIRA, 2006, p. 19.

como que num imenso túnel dentro do qual não conseguiu enxergar uma luz que indicasse uma saída.

Todavia, a própria história tem demonstrado impérios que surgem e que desaparecem. Com o aparente invencível império babilônio não seria diferente. E, praticamente, cinquenta anos depois da deportação que arrasou Jerusalém, a ascensão do império persa traz um novo capítulo para a história da humanidade e, naturalmente, para a história do povo de Israel:

De fato, em 539, 50 anos depois da queda de Jerusalém, a Babilônia era vencida, passando a ‘satrapia’ (província) da Pérsia [...]. O novo contemplado na roleta dos imperialismos terá dois séculos de glória e poder; depois, chegará a breve vez de outro, e outro, e outros.³

Ou como nos diz Siqueira:

O segundo agente da história do Antigo Oriente Médio foi a Pérsia. [...] Ciro tornou-se seu conquistador maior: derrotou a Babilônia, em 539 a.C. e isso trouxe muita alegria para os judeus exilados. O profeta anônimo do exílio o chamou de “ungido de Javé”, para afirmar que a razão dessa vitória era Javé (Is 44,28; 45,15).⁴

Pois bem, como dissemos antes: a história que é dinâmica tem mostrado impérios que surgem e que desaparecem: “Uma nova superpotência se levanta ao sul – a Pérsia – e, de repente parecia que as coisas tomariam um rumo diferente. Talvez os profetas estivessem certos; talvez ainda houvesse esperança”.⁵

Talvez a realização do sonho de voltar para Sião não estivesse mais tão distante. O sonho parecia estar, aos poucos, tornando-se uma realidade. As profecias pareciam estar se cumprindo e um novo capítulo da história se inaugurando. Por isso, o sentimento mais gritante, agora era o da alegria incontida no coração dos exilados.

E é exatamente neste cenário que o Dêutero-Isaías anuncia uma mensagem que faz renascer a esperança e enche Israel de alegria:

O Segundo Isaías fez uso da palavra quando a evolução da política internacional só poderia ser favorável a uma Israel que na tinha mais nada a perder. Em plena metade do século VI, o declínio da Babilônia e a ascensão prodigiosa do Persa Ciro fizeram renascer a esperança.⁶

³ GRUEN, 2005, p. 155.

⁴ SIQUEIRA, 2006, p. 19.

⁵ BEAUMONT, 2012, p. 70.

⁶ AMSLER, 1992, p. 303.

3.1.1 Os dias finais do império babilônio

Foi um império que pode ser considerado de pouca duração: apenas duas décadas e meia. Pois, “criado por Nabucodonosor e seu pai, teve o começo do seu fim marcado pela morte de Nabucodonosor, vinte e cinco anos depois da queda de Jerusalém”.⁷

O império babilônio, fundado por Nabopolasar, atingiu seu ápice com Nabucodonosor (605-562 a.C.). Sob o comando deste, o império se consolidou se expandiu e tornou-se uma grande potência política e econômica. Foi o tempo do apogeu do império babilônio!

A Babilônia era apenas um pequeno estado vassalo situado ao sul da Assíria. Apesar disso, Isaías já havia predito sua ascensão (Is 39,5-7). Sob o comando de Nabopolasar, que fundou uma nova dinastia babilônica e se revoltou contra seus senhores assírios, a Babilônia cresceu e invadiu a Assíria em 616 a.C., capturando Nínive pouco depois, em 612 a.C. A vitória dos babilônios sobre o exército assírio-egípcio em Carquemis, em 605 a.C., representou a derrota final da Assíria, cujos territórios e riquezas foram engolidos pelo novo Império Babilônio.⁸

Todavia, com a morte de Nabucodonosor, o poder babilônico iniciou um processo de decadência, declinando muito rapidamente: “Após a morte de Nabucodonosor (605-562), sua dinastia entra logo em decadência. O império passa aos povos do Irã, medos e, a seguir, persas. Ciro conquista a Babilônia [...]”.⁹

Apresentaremos os principais motivos que levaram ao enfraquecimento do poder do império babilônio e, conseqüentemente, à sua total ruína.

O primeiro motivo, e talvez o mais forte, foi que em um curtíssimo período de tempo – sete anos – o trono foi ocupado por três reis diferentes. Isso trouxe como conseqüência para o império, uma grande estabilidade interna: “Em um período de mais ou menos sete anos, três reis assumiram o trono, dois dos quais foram assassinados. Essa situação demonstra a fragilidade do império”.¹⁰

De forma sistemática, Bright apresenta um resumo desse período pós-morte de Nabucodonosor. Ou seja, o período de reinado dos seus sucessores. Diz ele:

O filho de Nabucodonosor, Amil-Marduk (562-560) [...], foi substituído depois de dois anos, com toda a probabilidade violentamente, por seu

⁷ BRIGHT, 2003, p. 421.

⁸ BEAUMONT, 2012, p. 64.

⁹ GALBIATI, 1988, p. 451.

¹⁰ NAKANOSE; PEDRO, 2004, p. 24.

cunhado Nergal-shar-usur (Neriglisar), provavelmente o Nergalsareser que aparece como oficial babilônio em Jr 39,3-13. [...] Ele morreu depois de quatro anos, deixando no trono seu filho menor Labashi-Marduk. Esse logo foi destituído por Nabu-na'id (Nabônides), descendente de uma família nobre de origem arameia de Harã, que se apoderou do trono.¹¹

Outro motivo foi que o governo de Nabônides, por sua vez, foi marcado por grandes desavenças internas, principalmente por causa da reconstrução do templo dedicado à deusa da lua: Sin.¹²Templo este que havia sido destruído em 610 a.C.

Com essa e outras medidas, Nabônides tentou recuperar cultos e ritos que há muito tempo, haviam sido abandonados. Isso despertou principalmente a inimizade dos sacerdotes de Marduque, que consideram Nabônides, um ímpio. De forma que: “Talvez sua devoção a Sin, a deusa-lua, o tivesse distanciado dos sacerdotes de Marduque na Babilônia e lhe pareceu melhor não voltar para lá”.¹³

Outra decisão que contribui significativamente para o declínio do império babilônio foi que: “Nabônides transferiu sua residência para o oásis Teima, no deserto da Arábia, a sudeste de Edom, onde permaneceu por dez anos [...]”.¹⁴ Durante todo esse período, quem tomou conta dos negócios em Babilônia foi o príncipe da coroa Bel-shar-usur (Belsasar).

Outra atitude do rei que desagradou profundamente os habitantes de Babilônia foi o seu descaso com a maior festa litúrgica babilônia: O Festival do Ano Novo¹⁵. Pois, “como o rei não foi à Babilônia na ocasião, não se celebrou o Festival do Ano Novo, clímax do ano litúrgico babilônio – fato que muitos cidadãos consideraram um sacrilégio”.¹⁶

Com efeito, pode-se afirmar que o verdadeiro motivo de Nabônides ter transferido a residência real para o oásis de Teima, foi por causa de uma revolta por parte dos Babilônios em virtude de sua política religiosa. Pois

dentro da Babilônia, havia provas de pânico (Is 41,1-7; 46,1ss) e de extremas desavenças. Devido a suas inovações religiosas, Nabônides havia perdido a

¹¹ BRIGHT, 2003, p. 422.

¹² Realidade também destacada por LAWRENCE, 2008, p. 110.

¹³ LAWRENCE, 2008, p. 110.

¹⁴ BRIGHT, 2003, p. 423.

¹⁵ “Viver em Babilônia é estar em contato com a prestigiada religião de Marduque. Essa religião culmina na festa solene do Ano Novo. É uma festa da ausência e do retorno: a seca é ressentida como uma ausência das divindades da natureza, e a chegada das chuvas significa seu benéfico retorno. A liturgia encena essa visão religiosa das estações do ano: são levadas para fora da cidade as estátuas dos deuses, para depois serem reconduzidas à cidade solenemente, em meio a aclamações que proclamam a realeza de Marduque; depois, celebra-se o matrimônio do deus com a terra que será de novo fecundada” (WIÉNER, 1984, p. 32).

¹⁶ BRIGHT, 2003, p. 423.

confiança de seu povo, uma boa parte do qual queria ansiosamente livrar-se dele. Seu esforço para reparar os males que havia causado, reinstituindo o Festival do Ano Novo, chegara atrasado.¹⁷

Todos esses acontecimentos, como já afirmamos anteriormente, trouxeram muita instabilidade ao império babilônio. Ele estava despreparado para enfrentar uma emergência nacional, a investida de um forte adversário, por exemplo. O império que outrora fora forte, e que parecia invencível, agora estava frágil e instável; portanto, vulnerável.

Foi exatamente em meio a essa conjuntura que surgiu uma nova e definitiva ameaça externa – o Império Persa, que sob o comando de Ciro, o rei da Pérsia, que derrotou o rei babilônico, cruzou o Tigre e conquistou a Babilônia, assumindo assim o seu comando, pondo um fim no poder opressor babilônico:

Rei de Anshã desde 539, Ciro revoltou-se contra o medo Astíages em 533; Ecbátana caiu em 550. Logo após ele se voltou para a Ásia Menor; em 546 venceu Cresos, rei da Lídia, e tomou Sardes. Confiando aos seus generais a tarefa de terminar suas conquistas na costa jônica, marchou contra a Babilônia. A situação se decidiu no outono de 539, no espaço de um mês mais ou menos: em 26 de setembro ganhou a vitória de Opis, e em 11 de outubro tomou Sipar sem combate. No dia seguinte um primeiro destacamento de Gobrias penetrou em Babilônia, que recebeu Ciro como triunfador em 29 do mesmo mês.¹⁸

Todos esses últimos acontecimentos históricos denotavam que a realidade dos exilados começava a mudar, naturalmente, graças ao declínio do poderoso império babilônio, naquele momento sob o comando do rei Nabônides e a ascensão império persa, tendo à frente Ciro.

Ora, todos “esses acontecimentos, sem dúvida, suscitaram a maior excitação entre os judeus, despertando as esperanças latentes de libertação”.¹⁹ Como já citamos no início dessa seção do trabalho, queremos repetir: “Talvez os profetas estivessem certos; talvez ainda houvesse esperança”.²⁰

3.1.2 Um novo êxodo se avizinha

A promessa da libertação começa a se tornar realidade. Um novo êxodo se descortina. Aqueles que confiaram nas palavras dos profetas e mantiveram acesa a chama da esperança

¹⁷ BRIGHT, 2003, p. 431.

¹⁸ AMSLER, 1992, p. 304-305.

¹⁹ BRIGHT, 2003, p. 424.

²⁰ BEAUMONT, 2012, p. 70.

na possibilidade de um dia voltar para Sião, começam a perceber que o sonho está se tornando uma realidade.

Refletindo sobre esses acontecimentos históricos, Lawrence diz: “Os judeus que creram na palavra profética de Jeremias se deram conta de que os setenta anos de exílio (calculados desde a primeira deportação em 605 a.C.) preditos por ele estavam chegando ao fim (Jr 25,11-12; 29,1-23)”.²¹

Ezequiel já havia anunciado que o exílio duraria aproximadamente setenta anos (Ez 29,10-11) (cf. Dn, 9,2). De forma que, o que antes – nos primeiros anos do exílio – parecia impossível acontecer, agora começa a tornar-se realidade.

Entretanto, precisamos frisar que:

Essa esperança não teria sentido se não devesse um dia concretizar-se pelo retorno para a terra dos antepassados. No entanto, a política babilônica não deixava prever uma tal eventualidade. Foi então que se espalhou a notícia das conquistas de Ciro”.²²

Portanto, as notícias das conquistas de Ciro trouxeram aos exilados a expectativa da concretização do sonho da libertação do jugo babilônico e da restauração de Sião. O sonho de reconstruir a terra que Deus havia dado. Por isso, “as notícias que chegam sobre as vitórias de Ciro fazem esperar uma pronta libertação. O profeta o confirma”.²³

Sendo assim, os últimos acontecimentos acenderam ainda mais a chama da esperança da restauração de Sião, pois a maioria dos exilados esperava a restauração de sua pátria-mãe. Esta esperança sempre se manteve viva no coração de muitos do povo, embora, muitas vezes parecia difícil de tornar-se realidade diante do jugo babilônico.

Todavia, era comum se ouvir que o império persa, diferentemente dos impérios assírio e babilônico, permitia o repatriamento dos povos conquistados. O tratamento político que dava aos conquistados era diferente: “Em vez de esmagar o sentimento nacional com brutalidade e deportações [...] seu intento era permitir que os povos sujeitados, tanto quanto possível, gozassem de autonomia cultural dentro da estrutura do império”.²⁴ Permitir o repatriamento insere-se dentro desse modo diferente de governar adotado pelo persa, Ciro.

É possível que essas notícias tenham alimentado ainda mais a esperança do retorno a Sião. Encaravam-nas como uma oportunidade para retornarem a Jerusalém. É como se, aos

²¹ LAWRENCE, 2008, p. 110.

²² WIÉNER, 1984, p. 15.

²³ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2004, p. 271.

²⁴ BRIGHT, 2003, p. 433.

poucos, o impossível se tornasse possível. O sonho se transformando em realidade. Afinal, “não se pode ter esperança? Ciro não seria o instrumento do Senhor para a libertação de seu povo, pecador mas perdoado? (cf. 45,1)”.²⁵

Ainda para Wiéner, o profeta tem um objetivo muito claro no conjunto da mensagem de sua profecia, quando se refere às vitórias de Ciro:

O que o profeta diz é que as vitórias de Ciro são favoráveis aos exilados; mais ainda, são elas o sinal do perdão definitivo do Senhor e preparam um futuro de glória superior a tudo quanto Israel jamais conhecera.²⁶

Todavia, muitos judeus não interpretaram as vitórias de Ciro por esta ótica. Sabemos que alguns judeus se resignaram ao estilo de vida na Babilônia. Pois, como nos diz Bright: “Embora não devamos diminuir as dificuldades e a humilhação que os exilados sofreram, o tratamento que receberam não parece ter sido demasiado severo”.²⁷ Naturalmente, com o passar do tempo, muitos foram se acostumando com o estilo de vida nesta terra estrangeira.

A partir da leitura de alguns textos bíblicos, podemos perceber algumas características do estilo de vida na Babilônia:

- Possivelmente não foram espalhados no meio da população local – os babilônios – mas provavelmente em espécies de colônias (Ez 3,15; Esd 2,59; 8,17);
- Na condição de exilados, obviamente não gozavam de plena liberdade de ir e vir. Porém, não há informações de que fossem tratados como prisioneiros;
- Era-lhes permitido construir casas e dedicar-se à agricultura (Jr 29,5ss). Com isso alguns ganharam dinheiro e fizeram patrimônio – terra e dinheiro;
- Encontravam-se para reuniões e orações comunitárias (Ez 8,1; 14,1; 33,30ss).

Sendo assim, não obstante as dificuldades que se impõem, naturalmente, sobre alguém que seja obrigado, por qualquer circunstância que seja, a viver fora de sua terra de origem – na condição de estrangeiro –; com os exilados em Babilônia não seria diferente, “a vida na Babilônia deve ter dado a muitos, oportunidades que eles nunca teriam na Palestina. Com o passar do tempo, como veremos, muitos judeus entraram no comércio e se enriqueceram”.²⁸

²⁵ WIÉNER, 1984, p. 15.

²⁶ *Ibid.*, p. 37.

²⁷ BRIGHT, 2003, p. 414.

²⁸ *Ibid.*, p. 414.

Gruen é enfático em afirmar: “Os deportados não eram escravos: tinham permissão de organizar sua vida comunitária e particular como achasse melhor: podiam reunir-se, ter seus líderes, comunicar-se com os que ficaram na pátria”.²⁹

E ainda acrescenta:

De fato, eles procuraram reviver do melhor modo possível a vida e as tradições de sua terra; naturalmente, tinham prazer em ouvir e recontar suas velhas histórias, acrescidas agora de pitadas de polêmica antibabilônica. Dedicaram-se à agricultura, ao comércio, e mais tarde até ao funcionalismo público. Abriram novos contatos com a florescente civilização babilônica.³⁰

Entretanto, a maior parte dos exilados, em especial as elites governamental e intelectual, mas também pessoas simples do povo se recusavam a aceitar a situação do exílio como sendo definitiva. A esse respeito afirma Reimer:

O exílio na Babilônia para porções significativas da elite e também de setores campestres passou a ser entendido com um tempo de depuração e maturação [...]. Eles passaram a ser vistos como o Israel que duplamente³¹ expiou a culpa de todo o povo. Por isso, o destino dessa gente não deveria ser a dispersão, a indiferença e a acomodação naquele contexto, mas o retorno e a reconstrução em Judá.³²

Por sua vez, Bright apresenta dois motivos pelos quais eles mantinham a espera na provisoriedade do exílio:

- Para ele, **o primeiro motivo**, é que: “... sem dúvida, devia-se em parte ao fato de que os exilados estavam convencidos de que tal situação seria provisória, uma espécie de acampamento e não uma habitação verdadeira e definitiva”.³³
- E **o segundo motivo**, ainda segundo Bright

deveu-se ao fato de que seus profetas, apesar de todas as suas condenações contra a nação, tinham continuado a assegurar a todos que a intenção de Iahweh era a restauração final de seu povo – e esta restauração se daria

²⁹ GRUEN, 2005, p. 150.

³⁰ *Idid.*, p. 150.

³¹ Duplamente é uma referência ao exílio em Babilônia e o processo de diáspora vivido durante o cerco a Jerusalém, desencadeado por Nabucodonosor. Para Reimer: “Reinterpretações proféticas no novo contexto da diáspora passaram a valorizar a experiência dos deportados” (REIMER, 2006, p. 16).

³² REIMER, 2006, p. 16.

³³ BRIGHT, 2003, p. 420.

precisamente na Terra Prometida (por exemplo, Jr 32,6-15; Ex 37). Por isso, eles somente podiam encarar o exílio como uma espécie de intervalo.³⁴

Talvez por isso, o povo via em Ciro a possibilidade de este intervalo conhecer o seu fim. E, assim, o povo acolheu efusivamente a tomada de Babilônia por parte dele, e o recebeu como o libertador – messias – enviado da parte de Deus.

A reação do povo pode ser percebida a partir da descrição que um trecho do “Cilindro de Ciro”, no qual o próprio Ciro descreve a reação dos habitantes de Jerusalém diante de sua tomada de posse do reino babilônico. Eis o trecho:

Todos os habitantes da Babilônia, bem como toda a terra da Suméria e Acádia, príncipes e governadores, se curvaram diante dele e beijaram seus pés, exultantes por serem seus súditos. Com o rosto resplandecente e grande alegria, o receberam como senhor, pois, graças ao seu socorro, haviam saído da morte para a vida e sido poupados de danos e calamidades.³⁵

A partir destas palavras, podemos deduzir, naturalmente, que os habitantes da Babilônia alegraram-se com a chegada de Ciro, pois viam nele o cumprimento da profecia e a esperança de tempos melhores. A esperança não foi decepcionada. Com efeito, ainda segundo Lawrence: “Ciro tratou bem os babilônicos. Na verdade, ele procurou tratar com respeito todos os seus súditos leais, inclusive os judeus”.³⁶

Era, certamente, uma estratégia usada para evitar possíveis revoltas contra o seu governo. Essa política adotada por Ciro no tocante à forma de tratar os seus súditos, contudo, ajudou a expandir o seu império a fim de que se tornasse uma superpotência. Mas, de fato, é uma forma diferenciada de tratar os súditos, independentemente do que estava por trás. Beaumont afirma:

Ao contrário dos governantes anteriores, Ciro demonstrava uma postura mais liberal e humanitária em relação aos povos conquistados, permitindo-lhes certa medida de autonomia e incentivando a prática dos costumes locais. Até mesmo permitiu que voltassem para suas terras natais, inclusive concedendo-lhes assistência financeira patrocinada pelo governo.³⁷

É, exatamente, em meio a toda essa conjuntura histórica, que o Segundo Isaías desempenha a missão que Deus lhe confiou. O profeta elabora sua obra para encorajar os

³⁴ BRIGHT, 2003, p. 420.

³⁵ LAWRENCE, 2008, p. 111.

³⁶ *Ibid.*, p. 111.

³⁷ BEAUMONT, 2012, p. 70.

exilados a não desanimarem e a terem a certeza de que o SENHOR os libertará novamente. Os fará vivenciar um segundo êxodo, mais glorioso que o primeiro.

Se no primeiro êxodo, Moisés, o escolhido por Deus para ser seu instrumento de libertação para os judeus escravos no Egito, teve que enfrentar a resistência do tirano Faraó (Ex 5,1ss), no segundo êxodo, Ciro, o rei persa, ele mesmo tomou a decisão de permitir que os israelitas saíssem da Babilônia e pudessem voltar a Jerusalém.

Essa permissão se deu por meio da promulgação de um decreto: o chamado “Edito de Ciro”. No ano 538 a.C., Ciro fez uma grande proclamação que mudou completamente a vida dos israelitas que estavam em Babilônia:

“Assim fala Ciro, rei da Pérsia: ‘Iahweh, o Deus do céu, entregou-me todos os reinos da terra; ele me encarregou de construir para ele um Templo em Jerusalém, na terra de Judá. Todo aquele que, dentre vós, pertence a todo o seu povo, que seu Deus esteja com ele e que se dirija para lá!’” (2Cr 36,23; Esd 1,2-3a).

No entanto, o Dêutero-Isaías quer deixar claro para o povo que, em ambas as situações, o SENHOR é o primeiro e único responsável pela libertação, quer seja escolhendo Moisés para tal missão (Ex 3,1ss), quer seja, inspirando Ciro, o persa, a tomar a decisão de permitir que o povo voltasse a Sião. De fato,

ele tinha ouvido (40,1-11) os arautos celestiais anunciando a decisão de Iahweh de aceitar a penitência de Israel e noticiando que, muito em breve, com uma ternura infinita, Iahweh iria recolher seu rebanho e levá-lo para a pátria. Toda a profecia é dominada pelo pensamento do Deus que vem para salvar o seu povo. Embora parecesse que a ascensão meteórica de Ciro e o iminente colapso da Babilônia tivessem contribuído para essa confiança da próxima libertação de Israel, ela não se fundamentava nessa situação política, mas na própria concepção que o profeta fazia do Deus de Israel.³⁸

E, ao longo do texto, vai ficando claro que a concepção que o profeta fazia de Deus é: Deus é o Criador de todas as coisas, Senhor da História e Salvador/Libertador. E, sendo assim, somente Ele tem o poder sobre os rumos dessa mesma história (Is 40,12-26; 41,21-24; 44,9-20; 45,18.22; 46,5-7; 46,9). Para o Dêutero-Isaías está claro que “a história de Israel é palco da ação de Deus. Ao longo da história, o povo de Israel assumiu diferentes visões do mesmo ato salvífico de Deus na história”.³⁹

³⁸ BRIGHT, 2003, p. 425.

³⁹ SIQUEIRA, 2006, p. 23.

Logo, o profeta está convencido de que tudo o que está acontecendo na história do povo é, em primeira e última instância, o SENHOR fazendo valer seu poder salvador, tornando concreta sua vontade, seus planos para o seu povo Israel.

E, ainda mais:

O Deus que envia o profeta como mensageiro é o Deus da criação; é também o Senhor da História de Israel. No coração daquele mundo pagão onde, sem dúvida, outros homens se apresentam como mensageiros de outros deuses, os exilados devem recordar quem é o seu Senhor e o que fez por eles.⁴⁰

O profeta tem diante de si, dois desafios: levar o povo a não se deixar levar pelo fascínio dos ‘outros’ deuses – os deuses babilônicos. E, fazer com que o povo recorde – faça uma memória de sua história – e, veja que Deus sempre agiu, em meio às vicissitudes dela em favor deste mesmo povo.

Por isso, para Reimer, o profeta para dar respostas ao primeiro desafio, apresenta uma mensagem de

[...] consolação ao Israel deportado da compaixão de Javé e também se expressa críticas não mais sociais, mas religiosas: o que está em discussão é o suposto fascínio de setores dos deportados pelos ‘outros’ deuses [...] o segundo Isaías procura ‘recompôr’ e ‘revestir a imagem de Javé com atributos tomados da teologia babilônica. Assim, Javé passa a ser o incomparável e não mais Marduc. Javé também é celebrado como o único, fora do qual não há outro deus.⁴¹

Ainda segundo Reimer, o profeta enfrenta o segundo desafio deixando claro que Deus é o Senhor da História, convidando o povo a fazer memória de sua história. Assim, ele perceberá e tomará consciência de que: “Javé é um Deus da história, que já atuou, fazendo as primeiras coisas, no passado. Agora, no presente, é capaz de fazer outras...”⁴²

Este outro que o SENHOR fará no presente da vida do Israel deportado, será precisamente um novo êxodo, um segundo êxodo. Neste, o próprio Deus sairá como forte guerreiro: “Iahweh sai como um herói, como se fosse um guerreiro o seu zelo se inflama, ele ergue o grito de guerra, sim, ele grita, atira-se vitoriosamente sobre os seus inimigos” (Is 42,13). E, irá à frente de seu povo. O próprio SENHOR e, não outro, irá à frente do povo na volta para Sião.

⁴⁰ WIÉNER, 1984, p. 19.

⁴¹ REIMER, 2006, p. 11.

⁴² *Ibid.*, p. 11.

O profeta garante que o SENHOR não sairá sozinho, mas levará consigo o povo que Lhe pertence: “Haveis de sair com alegria e em paz sereis reconduzidos. Na vossa presença, montes e outeiros romperão em canto, e todas as árvores do campo baterão palmas” (Is 55,12). O SENHOR os levará, os conduzirá.

Esta ação salvadora de Deus não passará despercebida. Mas, pelo contrário, não só os homens, mas toda a natureza reconhecerá a libertação realizada pelo SENHOR e o louvará por tamanho feito. A libertação de Israel será motivo de alegria e de louvor por toda a terra! (Is 42,10-13).

3.1.3 É hora de sair

O povo que é resgatado e conduzido pelo SENHOR sai de uma vida de escravidão (Is 49,7). Escravidão que contraria os planos de Deus para esse povo que outrora Ele libertou do poder opressor do faraó do Egito. A palavra de ordem é: **sair**. “Há três apelos para a saída repetindo cada vez o verbo ‘sair’ (linguagem típica para designar o êxodo) em 48,20-22; 52,11-12; 55,12-13)”.⁴³

Israel deve sair do cativeiro da Babilônia (Is 52,2), que tira do povo a vocação para a liberdade que Deus lhe dera ao libertá-lo do cativeiro egípcio. O povo eleito sairá do cárcere (Is 42,7), da escuridão (Is 49,9) do trabalho forçado (Is 40,1) e da opressão (47,6; 52,4). Pois

depois que se impôs com sucesso o caráter único do Deus Criador Javé contra todas as reivindicações de outros entes divinos (40,12–48,19), pode-se convocar para a retirada da Babilônia (48,20–55,13). A nova saída suplantará o Êxodo do Egito em esplendor. O verbo ‘sair’ (yâsa’), posicionado de forma planejada em 48,20; 52,11 e 55,12 desempenha uma função importante, sob aspecto formal e objetivo.⁴⁴

É chegada a hora de sair porque o SENHOR resgata o seu povo, visto que todas essas situações não condizem com os planos dele para este povo. O profeta quer deixar claro que a ordem do SENHOR é esta: que o seu povo saia daquela situação/lugar e retorne para Jerusalém.

Este povo deve pôr-se agora a caminho: “É hora de voltar para casa!”.⁴⁵ A peregrinação que ora de inicia tem um ponto de partida: a Babilônia e um ponto de chegada:

⁴³ WIÉNER, 1984, p. 39.

⁴⁴ JÜNGLING, 2003, p. 389.

⁴⁵ BEAUMONT, 2012, p. 70.

Jerusalém. Entretanto, o povo terá que percorrer um longo caminho (Is. 40,3-5): *o caminho pelo deserto*:

Nesta passagem, o tema é o caminho. Supõe-se que seja o da Babilônia para Jerusalém. No meio está o deserto (uns 1000 km). Ali, ao invés de rotas seguras, há antes caminhos e trilhas que facilmente se apagam. Mas, não se chega a Jerusalém por caminho reto, mas rodeando a Síria Setentrional, onde há vales e montanhas, que devem ser aplainados [*sic*].⁴⁶

Aí, o povo não caminhará sem rumo nem prumo, mas, sim, tendo a certeza que está a caminho de sua casa de outrora e de sempre: Sião. Naturalmente, agora, ele deve pôr-se em marcha, dispor-se a caminhar. Não é mais tempo de ficar sentado junto aos rios da Babilônia, chorando com saudades de Sião (Sl 137), mas caminhar pressurosos para a Terra da Promessa. Com efeito,

o triunfal avanço do libertador abria uma perspectiva de retorno. Israel, conduzido por Iahweh (Is 52,11s), jornadaará em solene peregrinação por uma *Via Sacra*, caminho processional, através do deserto sírio (Is 40,3s). Nessa Passagem, o deserto será transformado (Is 40,3-5; 41,17-19; 43,19s) e Iahweh reinará em Sião (Is 52,7). O retorno é um novo Êxodo, outra intervenção decisiva do Deus de Israel. Não se trata aqui apenas de imagens poéticas, porque a restauração é sinal de salvação; é uma redenção, uma nova criação.⁴⁷

E assim, aconteceu:

A volta dos judeus foi liderada por Sesbazar, o príncipe de Judá (Esd 1,8). O povo levou consigo os utensílios do templo do Senhor que Nabucodonosor havia tirado de Jerusalém (Esd 1,7). Sua jornada de volta a Jerusalém provavelmente foi realizada em 537 a.C.⁴⁸

Aquele que creu e soube esperar em Deus (Is 8,17) está vendo a espera, vivida da fé, deixar de ser um porvir e tornar-se um agora: “Um novo dia parecia estar despontando para Israel, surgindo um futuro cheio de promessas”.⁴⁹ O profeta “escreve para o seu povo, com o intuito de sustentar sua esperança e de prepará-lo para os acontecimentos que se aproximam”.⁵⁰

⁴⁶ CROATTO, 1998, p. 31.

⁴⁷ HARRINGTON, 2006, p. 299.

⁴⁸ LAWRENCE, 2008, p. 112.

⁴⁹ BRIGHT, 2003, p. 431.

⁵⁰ WIÉNER, 1984, p. 31.

Com efeito, o SENHOR prometeu e agora está cumprindo. Poderíamos dizer: felizes os que creram na promessa, pois estão vendo a sua realização! Felizes aqueles que pela virtude da esperança aguardaram confiantes o cumprimento das promessas: “Desponta em teu futuro a esperança – oráculo do Senhor. Teus filhos voltarão à sua terra” (Jr 31,17.23-24.31-32).

O SENHOR em seu poder é o único capaz de salvar Israel. E, ainda mais, o quer fazer. É assim que Israel deve conceber Deus: como aquele que pode e como aquele que quer salvar – quer, pode e estar fazendo: “Por isso, Javé é e pode ser o salvador, aquele que pode promover um novo êxodo, uma nova libertação”.⁵¹

Entretanto, uma condição é imposta ao povo: esperar nele (Is 40,31). É preciso esperar, paciente e confiantemente no SENHOR, pois aquele que é senhor da história tem os rumos dela em suas mãos, mudará o curso da história de Israel, libertando do cativo. Para Croatto está claro que:

O verbo hebraico usado indica um esperar com confiança, o mesmo que se emprega em muitos salmos de confiança (por exemplo, Salmo 25,3.5.21;27,14; etc.). O projeto de libertação, a boa notícia que o profeta começa a comunicar (Is 40,30) tem a ver com uma confiança radical em Javé como o Deus capaz e com vontade de salvar. Gerar esta confiança, criar esta esperança é o programa do texto [...].⁵²

O Dêutero-Isaiás não mediu esforços para semear a esperança no coração dos exilados. “Esperança de regresso à pátria”.⁵³ Para Alonso Schökel e Sicre Diaz, porém, o conceito de esperança de Isaiás transcende a realidade, na qual se encontram os destinatários de sua mensagem e aponta para um futuro de ressurreição, de vida e fecundidade:

Não se trata de curar uma doença, de consolar na aflição, de enriquecer o pobre; a esperança deste poema [o Dêutero-Isaiás] alcança o último e o todo: ser e não ser, morte e vida. Por isso, ao mesmo tempo que promove e fundamenta a esperança do retorno, transborda-o, e pode ser lido no contexto de ressurreição (como a imagem dos ossos de Ez 37). São freqüentes no poema as imagens de vida e de fecundidade.⁵⁴

O profeta coloca-se entre Deus e os homens para anunciar-lhes um futuro repleto de vida – Esta – doada por Deus, o criador de todas as coisas e doador da vida. Deus ao libertar o

⁵¹ REIMER, 2006, p. 11.

⁵² CROATTO, 1998, p. 44.

⁵³ CHAVE bíblica católica, 2012, p. 143.

⁵⁴ ALONSO SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 2002, p. 274.

povo do cativeiro devolve-lhes a alegria de viver, principalmente para os que, mesmo passadas mais de duas décadas alimentavam o desejo de regressar a Sião. É como se o cativeiro fosse um lugar de morte. A volta para Sião seria então um retorno à vida.

3.2 A Boa-Nova da salvação-libertação

Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que seu serviço está cumprido, que sua iniquidade foi expiada, que ela recebeu da mão de Iahweh paga dobrada por todos os seus pecados. Uma voz clama: ‘No deserto, abri um caminho para Iahweh; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus [...]. Então a glória de Iahweh há de revelar-se e toda carne, de uma só vez, o verá, pois a boca do de Iahweh o afirmou’ (Is 40, 1-3.5).

A Bíblia TEB usa o verbo *confortai*, que, segundo ela também pode ser traduzido por *consolai*.⁵⁵ Ele aparecerá dezesseis vezes a partir de agora nos escritos isaianos: nove vezes nos capítulos 40–55, e sete vezes nos capítulos 56–66. Segundo a Bíblia TEB: “como para responder aos gemidos das Lm (Lm1,2.916-21; 2,13)”.⁵⁶

Além de ser a palavra de abertura da segunda parte da obra isaiana – caps. 40–55, o termo *confortai* (*consolai*), como vimos acima aparece várias vezes ao longo do Segundo e Terceiro Isaías, dando assim, uma tônica a estas duas partes: a imagem de um Deus que conforta, consola o seu povo.

É esta a alegre notícia que o profeta anuncia ao povo exilado. É a Boa-Nova da libertação, da salvação! Assim, podemos afirmar que o Dêutero-Isaías é o primeiro evangelista da História da Salvação, pois anuncia a Boa-Nova da salvação,⁵⁷ da libertação para os cativos, com imagens e símbolos que ultrapassam qualquer história: “Isaías é considerado o ‘evangelista’ do Antigo Testamento”.⁵⁸

Inclusive, lê-se historicamente, este profeta em paralelo com os evangelhos – a Boa-Nova da Salvação anunciada por Jesus Cristo – Pois, Deus está sempre pronto e desejoso de salvar o seu povo de toda e qualquer espécie de situação que o prive de sua condição de liberdade, da liberdade de filho (a) de Deus.

⁵⁵ “Consolai (lit. permitir soltar um profundo suspiro de alívio). Este termo dá aos poemas o seu título (Livro da Consolação) BÍBLIA Tradução Ecumênica, 2015, p. 670.

⁵⁶ *Ibid.*, p. 670.

⁵⁷ Os capítulos 40-55 do Livro de Isaías são obra de algum longínquo discípulo do grande profeta. Ele consola os compatriotas, falando de ‘boa-nova’, anunciando em voz alta, em nome de Deus, a salvação e um glorioso futuro (GALBIATI, 1988, p. 451).

⁵⁸ JÜNGLING, 2003, p. 397.

Neste sentido: “os autores do Novo Testamento exploraram com avidez esse tesouro, onde descobriram a imensa ternura de um Deus que tem coração de mãe e anuncia a Boa Nova – Evangelho da Libertação”.⁵⁹ Libertação que atinge sua plenitude em Jesus Cristo – enviado para libertar, definitivamente, a pessoa humana de toda espécie de escravidão, principalmente, a do pecado.

A decisão de intervir, libertar e salvar é dele: “Javé pode e quer salvar”!⁶⁰ Ou como nos diz Gruen: “A libertação dos exilados [...] tem Deus como agente; cf. 40,28-31; 41,10.13s; 42,13-17; 43,1-7.12 (Deus não só fala, mas faz!)”.⁶¹

O tempo da humilhação passou. Deus que permitiu o exílio para que o povo pudesse tomar cada vez mais consciência de sua identidade de povo eleito com a missão de ser *luz para as nações*: “Eu, Iahweh, te constituí como aliança do povo, como luz das nações” (Is 42,6) – missão da qual o povo se distanciou por causa dos pecados – agora toma a decisão de perdoar os pecados do seu povo e, como prova desse perdão, o conduzirá de volta a Sião.

Assim, a vitória não é do povo, mas de Deus. Ele é:

Deus, vitorioso e todo poderoso que retorna a Jerusalém à frente de seu povo: é como um novo êxodo. Ele é Único e ninguém se Lhe compara; todo poderoso, pode também prever o que vai acontecer; é salvador e criador, Senhor do mundo e da história. Seu amor é fiel, terno e forte ao mesmo tempo.⁶²

E, é exatamente, revelando esse seu amor fiel, terno e forte que Ele, em seu poder e desígnio, quis salvar o seu povo, fazendo assim valer a sua vontade e seus planos para Israel. Em primeira e última instância, a vitória é dele, frente aos deuses pagãos que legitimavam a opressão do povo por parte dos babilônios. Com efeito, o próprio Deus vem chegando trazendo a vitória na mão (Is 40,9-10; 52,7-8).

O ator principal de toda essa trama é Deus, cujo amor para com seu povo não se esgota; e, movido por esse amor é capaz de perdoar os erros do povo e apresentar-lhe sempre seus projetos de amor, não raras vezes, historicamente falando, a um povo de coração endurecido.

O SENHOR está sempre pronto a dar uma nova oportunidade a esse que Ele ama. Pois, Ele “o vosso Deus”, decidiu libertar Israel. E, o faz por uma razão suficientemente forte:

⁵⁹ WIÉNER, 1984, p. 5.

⁶⁰ CROATTO, 1998, p. 34.

⁶¹ GRUEN, 2005, p. 155.

⁶² GALBIATI, 1988, p. 451.

Israel é seu povo: “És o meu povo”. O SENHOR diz: “Não temas, porque estou contigo, não te apavores, pois eu sou o teu Deus (Is 41,9-10). Para Croatto está claro que:

No v. 10, dentro do oráculo de salvação propriamente dito, há um duplo ‘eu’, que é enfatizado: Javé é aquele que ‘está com’ Israel, assim como estava com Moisés para a libertação do Egito (Êxodo 3,12) e é o Deus próprio de Israel ‘teu Deus’: ele e não outros deuses tem fortalecido e ajudado Israel (v. 10b).⁶³

Portanto, “se os exilados ainda assim são ‘seu povo’, Javé é, todavia, ‘vosso Deus’. E para que isso seja realidade é necessário que mude a situação. Desta maneira, o consolo oferecido não é resignação no sofrimento, mas libertação iminente (v. 2b, 5b, 11)”.⁶⁴

Este povo lhe pertence e Ele quer vê-lo sempre feliz, pleno de vida e felicidade. Por isso,

uma leitura atenta do conjunto do texto do Dêutero-Isaías nos deixa deslumbrados diante desse Deus extraordinariamente poderoso, presente a toda a história, criador do universo, dominando com seu olhar o futuro bem como o passado, predizendo esse futuro pelos profetas, esmagando os opressores, salvado seu povo [...]. Um Deus antes de tudo ativo, que se manifesta desde sempre através dos acontecimentos e que especial vai ‘fazer algo novo’. No momento em que fala o profeta – algo ‘novo’ – que, prolongará superando todas as maravilhas de outrora, em particular as do Êxodo.⁶⁵

3.2.1 Deus fará “algo novo”...

Em que consiste este “novo” de Deus? Como Ele o fará? Com quem contará? O Dêutero-Isaías, ao longo dos seus dezesseis capítulos, irá apresentar as respostas a todas essas perguntas. Esse novo acontece numa história concreta e se inserirá dentro do conjunto da história da salvação.

Este “novo” da parte de Deus é, precisamente, o novo êxodo. Tema que predomina e perpassa todo o texto do Dêutero-Isaías: “Constatamos na leitura de Isaías 40–55, que um dos temas dominantes é o do ‘novo êxodo’ [...] foi o Segundo Isaías que tomou esse tema e o colocou numa dimensão escatológica”.⁶⁶

⁶³ CROATTO, 1998, p. 55.

⁶⁴ *Ibid.*, p. 30.

⁶⁵ WIÉNER, 1984, p. 20.

⁶⁶ SIQUEIRA, 2006, p. 23.

Croatto apresenta uma unidade que inclui os capítulos 43,14–44,5 para falar especificamente deste novo do SENHOR que é a “libertação, o novo êxodo, o novo povo”.⁶⁷ Entretanto, ele mesmo fala que outros autores apresentam esse tema de maneira diferente dele, ampliando essa unidade.⁶⁸

Seguiremos o esquema proposto por Croatto. Dentro dessa unidade, ele apresenta quatro subunidades:

- **A antecipação da queda da Babilônia (43,14-15):** esses versículos falam dos enviados por Deus para derrubarem a Babilônia e libertarem os cativos. Os sujeitos dessa ação, entretanto, não são os enviados que, aliás, nem são mencionados; mas, o próprio SENHOR:

O verbo ‘enviar’ está sem objeto direto como é freqüente no uso hebraico para destacar a ação seguinte: ‘enviei à Babilônia *para fazer algo...*’ A ação, todavia, é *de Javé*, não dos enviados, que não são mencionados nem interessam [...] ‘enviei à Babilônia e fiz sair fugitivos todos eles’. Quem são eles? Certamente são os habitantes da Babilônia, logo em seguida designados como caldeus.⁶⁹

Poderíamos, então, afirmar que as temáticas que perpassam esses dois versículos são: o **sujeito** da libertação é o SENHOR, e a **mudança** da condição da Babilônia – de opressora a derrotada e humilhada –, bem como a **mudança** da sorte de Israel – de exilado a liberto –. Antes era Israel quem chorava, agora são os babilônios.

Neste sentido, afirma Croatto,

deve-se imaginar os gritos de desespero dos fugitivos em seu intento de salvar-se. O vocábulo hebraico *rinná* não significa unicamente ‘hurra/grito de júbilo’, mas também grito de dor, como nos cantos de súplica (Salmos 17,1; 61,2; 88,3; 106,44; 142,7).⁷⁰

- **O caminho pelo deserto (43,16-21):** há uma relação entre Is 43,16-17 e Ex 13-14: O SENHOR é o libertador/salvador de Israel: em ambas as situações, abre-lhe um caminho pelas águas e destrói os seus inimigos, tirando-os para o combate e os submergindo nas águas.

⁶⁷ CROATTO, 1998, p. 93.

⁶⁸ “Alguns a prolongam até 44,23, mas veremos que os v. 6-23 formam outra unidade muito bem estruturada. Outros consideram nosso texto como parte de uma unidade mais extensa (desde 42,14 até 44,23, ou 43,14 até 45,13) ou o repartem em duas secções (43,9-21 e 43,22-44,5)” (CROATTO, 1998, p. 93).

⁶⁹ *Ibid.*, p. 97.

⁷⁰ *Ibid.*, p.97.

Contudo, é o v.18 que nos dá a chave de leitura dessa subunidade: “Não fiquéis a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos”. Isso significa que: “Os prodígios do passado, travessia do mar e destruição do exército egípcio, serão ofuscados pelas maravilhas ainda maiores que Deus vai operar por ocasião do novo Êxodo”.⁷¹

Contudo, como é possível não lembrar as coisas do passado? As maravilhas que o SENHOR realizou outrora? Afinal de contas, essa lembrança alimentava no povo a esperança que acontecesse no presente o mesmo que aconteceu no passado: a intervenção de Deus, libertando-o do cativeiro babilônico. Com efeito,

para Israel, desde sempre, a lembrança do êxodo é a lembrança fundamental: a saída do Egito é o fato ao qual Israel deve a sua existência como povo, povo salvo, o povo do Senhor [...] E o exílio dá a esta lembrança uma nova atualidade: se o Senhor soube outrora arrancar o seu povo da opressão egípcia, não saberá hoje arrancá-lo do mesmo modo de opressão babilônica?.⁷²

O que o profeta quer deixar claro é que:

Reforçada a figura de Javé por suas ações no êxodo (v. 16-17), o profeta põe em sua boca uma exortação desconcertante: ‘não fiquéis a lembrar as primeiras coisas...’ Não lembrar o êxodo? É uma maneira de chamar a atenção para o que Javé se prepara para realizar no presente, algo novo, tão evidente que é impossível desconhecê-lo (v. 19a).⁷³

A ação do SENHOR, no presente da vida do povo de Israel será algo tão maravilhoso e grandioso que o povo não precisará lembrar o ontem para poder compreender o hoje de sua história. O novo que Ele realizará falará por si só e não deixará dúvidas quanto ao seu poder salvador e libertador.

Com outras palavras, podemos afirmar:

[...] que o mais maravilhoso não está naquele passado que Israel sempre considerou como inesquecível, mas no futuro. Não apenas haverá um novo êxodo, mas este será tão belo que se esquecerá o antigo. O Senhor é sempre criador, ele não terminou de maravilhar os seus.⁷⁴

⁷¹ BÍBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1431.

⁷² WIÉNNER, 1984, p. 50.

⁷³ CROATTO, 1998, p. 98.

⁷⁴ WIÉNNER, 1984, p. 50.

Com efeito: “O que é o novo que vai acontecer? Não será outra coisa senão a libertação do exílio, expressa novamente em símbolos que retomam a tradição do êxodo e do deserto já mencionada nos v. 16-17 [...]”.⁷⁵ O Deus que libertou ontem, libertará novamente agora: “A nova libertação conduzirá a uma nova Sião [...] assim, Iahweh consola o seu povo (49,15)”.⁷⁶

- **Ingratidão e castigo de Israel (43,22-28):** Não é uma subunidade fácil de compreender dada a complexidade da problemática apresentada, pois “esta pequena unidade pertence ao gênero literário da disputa (de Javé com Israel) com elementos de um pleito (v. 26)”.⁷⁷

Deus está insatisfeito com Israel porque o está deixando de lado e encantando-se pelos deuses estrangeiros? Ou está cansado dos pecados de Israel contra Ele e que levou o povo ao exílio? A nota da Bíblia de Jerusalém nos ajuda a compreender o que o texto quer nos dizer:

Este oráculo de queixa, excepcional no Segundo Isaías, joga com as palavras ‘cansar’ e ‘servir’. Enquanto Deus poderá ter cansado e servido Israel com imposições culturais, foi Israel que serviu e cansou a Deus com seus pecados. Contudo, Deus perdoará, se Israel reconhecer suas culpas (vv. 25-26).⁷⁸

Os pecados de Israel, além de o levarem ao exílio, fatigaram Deus. E o mais grave: Israel está sendo ingrato com Deus por todos os seus cuidados, historicamente falando, com esse povo que é seu, e venerando outros deuses. Por isso, Deus está reclamando o lugar que é seu no meio do seu povo.

E o faz por meio de sete negações – Abordaremos apenas duas –. A primeira delas é muito enfática: “Mas tu não me invocaste, ó Jacó, por que te cansaste de mim, ó Israel” (v. 22). Na opinião de Croatto: “É uma queixa de Javé que implica em desinteresse e até em cansaço em relação a ele (v. 22b)”.⁷⁹

Ainda para Croatto, na recriminação seguinte – a segunda – o texto fala de

uma opção por *outros deuses* em lugar de Javé. A fórmula ‘não a mim’, no início, marca o sentido da reprovação. Os v. 23a e 24a, que são paralelos e simétricos, sublinham o mesmo: ‘não trouxeste *para mim...* / não compraste *para mim...*’ (subentende-se então que isso fosse feito a outro deus. É um

⁷⁵ WIÉNNER, 1984, p. 50.

⁷⁶ HARRINGTON, 2006, p. 298.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 99.

⁷⁸ BIBLIA de Jerusalém, 2000, p. 1431.

⁷⁹ CROATTO, 1998, p. 99.

equivalente da crítica profética pela veneração a outros deus em lugar de Javé.⁸⁰

Contudo, o SENHOR entra em ação para inverter a situação. Ou seja, ele mesmo decide perdoar os pecados de Israel, desde que este se arrependa. Isso realça mais uma vez a primazia de Deus, que mesmo sendo ofendido pelos pecados do povo, toma a iniciativa de convidá-lo ao perdão, denunciando os seus pecados por meio do profeta; mas, assegurando o seu perdão ao Israel arrependido.

- **Benção de Israel (44,1-5):** Esse perdão se manifesta da salvação/libertação do povo do jugo babilônio. É o que veremos nessa unidade. O SENHOR concede a bênção do espírito a Sião, pois Israel não pertence a outrem que não ao SENHOR: Israel é ‘meu servo’ (41,8-9; 42,19; 43,10) e o ‘meu eleito’ (41,8-9; 43,10.20).

De forma que, na subunidade anterior vimos que Deus faz sérias críticas a Israel (43,22-28). Entretanto, nessa subunidade (44,1-5), o tom é outro: o SENHOR pronuncia um oráculo de salvação para Israel:

Esta unidade se compreende em si mesma pela forma e pelo conteúdo [...]. O começo (‘e agora’) assinala também uma costura com o que antecede, mas na forma de uma oposição: a última coisa dita havia sido a aniquilação e o desprezo de Israel (43,28b). Agora promete-se a renovação da estirpe (44,3b) e a honra de pertencer a Javé (v.5).⁸¹

E, a esse povo que lhe pertence e que Ele elegeu, concederá a benção do espírito como água de fecunda e terra e a faz dar muitos e bons frutos. Sendo assim,

os descendentes de Israel cumprem seu destino com a ajuda do espírito [...], que os vivificará como a água traz vida à terra seca. Pode-se comparar ao poder transformador do espírito em Ez 36, em que também há uma analogia com a água. Aqui mais uma vez encontramos um contraste entre a história pecaminosa de Israel até o presente e seu futuro como servo do Senhor.⁸²

Água e espírito têm em comum o fato de sugerirem a vida. Ou seja, após a aniquilação do passado (43,28), é necessário fazer “brotar” de novo o povo, semelhante ao outro profeta exílico que fala da ressurreição dos ossos secos (Ez 37,1-14). Também a árvore cortada, pode crescer de novo: “semente especial será seu toco” (Is 6,13).

⁸⁰ *Ibid.*, p. 100.

⁸¹ CROATTO, 1998, p. 102.

⁸² BERGANT; KARRIS, 2008, p. 34.

Todos estes textos acima destacados e outros que citaremos a seguir, deixam claro que o profeta está estabelecendo uma contínua relação entre o êxodo e o exílio, a partir de imagens bem conhecidas do povo de Israel que remonta/recorda a experiência paradigmática do “antigo êxodo” e prepara o povo para o “novo êxodo”.

Tomando por base um esquema proposto por Siqueira,⁸³ apresentamos uma relação de textos que estabelecem, como dissemos à cima, uma estreita relação entre o êxodo do Egito e a saída do exílio da Babilônia: 40,3-5: O caminho pelo deserto; 41,17-20: O deserto é transformado; 42,14-16: O SENHOR leva o seu povo por um caminho desconhecido, porém seguro; 43,1-3: Ele leva o povo a passar pelas águas e pelo fogo; 48,20-21: O êxodo da Babilônia; 49,8-12: Estes versículos falam da entrada nova e triunfante na Terra Prometida, na terra de Canaã; 51,9-10: A nova vitória no mar; 52,11-12: A maravilha do novo êxodo; 55,12-13: Israel sairá em grande alegria e muita paz.

Darder também apresenta uma sequência de textos que relacionam a saída do exílio da Babilônia e a saída do Egito – o antigo e o novo êxodo – o primeiro e o segundo êxodo. Diz ele:

O tema do segundo êxodo, o novo êxodo, desponta ao longo do livro de Isaías [...]. Os poemas contidos em 46,3-4 e 63,9 expõem como Deus levou nos braços o seu povo no mesmo sentido que o relata Ex 19,4. A mensagem de 43,1-6; 51,10 e 63,11-13 evoca a passagem pelo mar como relata Ex 14. A menção da água da rocha (48,21), alude ao prodígio de Moisés em Massa e Meriba (Ex 17,1-7). A presença de Javé conduzindo os seus (52,12) remonta à coluna de nuvem e a coluna de fogo, símbolos da presença divina que guiava pelo deserto o povo libertado do Egito (Ex 13,21; cf. Is 4,3). A manifestação da glória de Deus revelada no êxodo (Ex 24,16) aparece de maneira significativa no texto isaiano (35,20; 40,5; 58,8; 60,1) [...].⁸⁴

Para Siqueira algo é fundamental no conjunto destes e de outros textos escritos pelo Dêutero-Isaías:

O mais importante é que ele anunciou, para a sofrida comunidade israelita na Babilônia, que um novo êxodo iria acontecer, fazendo renascer a esperança entre eles. Com isso, ele anunciou, de modo maravilhoso, que Deus, pela segunda vez, iria trazer de novo o seu povo para a liberdade na terra de Canaã.⁸⁵

⁸³ SIQUEIRA, 2006, p. 23-24.

⁸⁴ DARDER, 2008, p. 49-50.

⁸⁵ SIQUEIRA, 2006, p. 24.

Conclusão

Vimos neste terceiro capítulo que a profecia acerca da libertação do exílio se cumpriu. O profeta anunciou um “novo” da parte de Deus. Este novo foi exatamente o “novo êxodo”, o segundo êxodo. O que nos primeiros anos do exílio parecia impossível, dada a grandeza e aparente invencibilidade do império babilônico, tornava-se realidade: um novo êxodo se avizinhava.

Entretanto para que ele se tornasse realidade, deu-se um processo histórico que exigiu daqueles que queriam retornar, a virtude da espera paciente. Esse processo deu-se início com o declínio do império babilônio, com a morte do seu principal comandante e aquele que o levou ao apogeu; e, com a ascensão meteórica do império persa sobre o comando de Ciro.

Com a morte de Nabucodonosor deu-se início ao que chamamos de os dias finais do império babilônio, que coincidem com ascensão, ao sul, do império persa. O processo de libertação começa a se tornar realidade. As notícias sobre a política de tolerância dos persas, que permitiam o repatriamento, alimentaram ainda mais o sonho do retorno a Sião. Talvez os profetas estivessem com a razão e ainda houvesse esperança de uma volta à terra da promessa.

É exatamente essa mensagem de esperança que o Dêutero-Isaías anunciou. De diversas formas foi semeando no coração dos exilados a semente da esperança no Deus único, salvador e libertador. A mensagem de consolo do profeta (Is 40,1ss) enche o coração dos exilados de alegria.

Entretanto, essa mensagem de consolo e esperança deveria tornar-se real, concreta; ou seja, essa esperança deveria ganhar forma e só teria sentido com o retorno, um dia, para a terra dos antepassados. E esta perspectiva de concretude da esperança foi se tornando aos poucos real e, por assim dizer, palpável – é hora de sair: “O verbo ‘sair’ (yâsa’), posicionado de forma planejada em 48,20; 52,11 e 55,12, desempenha uma função importante, sob aspecto formal e objetivo”.⁸⁶

Esta ordem transmitida pelo profeta, da parte de Deus, foi considerada uma Boa Nova da salvação-libertação. Aqui a mensagem consolo/conforto do profeta chega aos ouvidos e coração dos exilados como uma verdadeira boa nova da salvação. Deus prometeu salvar e agora está cumprindo. O tempo da humilhação passou. É hora de se por a caminho de Sião. É chegada a hora do “novo êxodo”. Toda a terra irá contemplar essa maravilha da parte de Deus da qual Israel será testemunha.

⁸⁶ JÜNGLING, 2003, p. 39.

CONCLUSÃO GERAL

No decorrer da pesquisa, concluímos que na segunda parte da obra isaiana, ou no chamado Dêutero-Isaías, o profeta anuncia uma mensagem de consolação para o povo exilado em Babilônia, a saber: que o SENHOR o libertará fazendo passar pela experiência de um novo êxodo.

Ao longo dos dezesseis capítulos, o profeta mostrará que Deus é, em primeiro lugar, o criador de todas as coisas e por isso mesmo é senhor de tudo quanto existe. Por ser senhor, tem nas mãos os rumos da história – coisa impossível aos ídolos pagãos –. Assim, o profeta apresenta um longo pleito entre o SENHOR-DEUS e os ídolos pagãos.

Em segundo lugar, o profeta apresenta a mensagem de consolação da parte de Deus. O SENHOR é o salvador/libertador e consolador de Israel: “Em Dêutero-Isaías, Deus é quem traz e trará a consolação para seu povo. Nas referências aos salmos, também é Deus quem traz a consolação que, muitas vezes, assume a forma de livramento das situações de perigo [...]”¹ e diríamos também de sofrimento como é o caso do exílio.

Em terceiro lugar, o profeta convida o povo a fazer memória das ações salvíficas de Deus ao longo da sua história. E, assim, perceber como Deus sempre agiu em favor de seu povo em meio às vicissitudes da história. Nessa memória histórica, ganha destaque o episódio da libertação do Egito – o êxodo –. Este servirá de paradigma para compreensão do que acontecerá com Israel no presente momento de sua história – exílio babilônio – aqui o profeta introduz o tema do novo êxodo. Esta é a mensagem de consolação que anuncia a Israel.

Há, portanto, um nítido esforço da ação divina na consolação do seu povo diante das situações de sofrimento enfrentadas pelo mesmo. O Dêutero-Isaías insiste em deixar isso bem claro para os exilados e, claro, para todos nós que entramos em contato com seu texto, à medida que ele frequentemente opõe sofrimento e consolação e lembra que Deus nos consola nos momentos de dor e sofrimento. Àquele que sofre, Deus consola. Com os exilados em Babilônia não seria diferente.

Por isso, o Dêutero-Isaías inicia o seu livro com um decreto do SENHOR: “Consolai, consolai meu povo, diz vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que seu serviço está cumprido, que sua iniquidade foi expiada [...] uma voz clama [...] (Is 40, 1-3).

Webler afirma:

¹ COLETA, 2014, p. 104.

O Dt-Is anuncia uma profecia de consolação [...]. Fala do único Deus fiel e presente ao longo da história, um Deus que tem piedade de Israel e que manda um salvador na pessoa de Ciro (cf. Is 41–45), enquanto os deuses da Babilônia estão condenados a perecer (cf. Is 47–48).²

Portanto, o Deus que sempre esteve presente ao longo da história do seu povo, não o fará diferentemente agora. Ele continua presente e agirá em favor deste povo, libertando-o do jugo babilônico.

Vimos que a invasão babilônica sob o comando de Nabucodonosor originou uma experiência amarga para o povo de Israel: alguns foram deportados e exilados em Babilônia e outros deixados em Jerusalém destruída e sem muita perspectiva (2Rs 25,1-21). Isso significou para eles uma verdadeira morte e destruição. A deportação trouxe graves consequências sociais, econômicas, políticas, psicológicas e até teológicas para Israel.

Essa complexa e dolorosa conjuntura levou muitos ao desespero, a ponto de afirmarem: “O SENHOR me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim” (Is 49,14). Portanto, desencadeou-se uma profunda crise de fé entre os exilados. E, mais, uma grave crise teológica: pôs em xeque o status do Deus de Israel. Isso se deu por alguns motivos:

- A teologia davídica nacional e oficial foi destruída sob os golpes de uma superpotência pagã;
- A dúvida crucial se realmente os deuses pagãos eram ou não “entidades negativas”, ou seja, “não deuses”, como declarava oficialmente a religião de Israel, contrapondo o Deus de Israel aos deuses pagãos;
- Os deuses babilônicos eram uma grande ameaça para os judeus exilados: teriam eles vencido o SENHOR? Seriam eles mais poderosos que o Deus de Israel?
- Era forte a tentação de deixar a religião dos antepassados, a religião ancestral (Jr 44,15-19). Ezequiel descreve com muita clareza essa tentação: “Seremos como as nações, como os povos de outras terras, servindo às árvores e às pedras” (Ez 20,32).
- Jüngling afirma: “Outros feridos pela calamidade, sentindo que ela era, de certo modo, a vontade de Iahweh, dirigiam-se à justiça divina com altas lamentações (Ez18,2.25; Lm 5,7)”.³
- Seria essa realidade algo que duraria para sempre?

É exatamente em meio a toda essa complexa conjuntura que o Dêutero-Isaías exerceu o seu ministério profético tentando dar respostas a estas e tantas outras dúvidas e

² WEBLER, 2006, p. 15-16.

³ JÜNGLING, 2003, p. 417.

questionamentos do povo exilado e levar-lhes uma mensagem de consolação da parte de Deus:

Em meio a esse contexto, o Dt-Is tenta recuperar a fé e a esperança dos israelitas desolados, ajudando-os a rever as ações salvíficas de YHWH ao longo da história (cf. Lm 1,18; Jr 31,34). Assim, o exílio babilônico se tornou um meio para fazê-los ver a grandeza de YHWH e perceber o seu amor fiel. Essa experiência lhes serviu para resgatar e fortalecer a fé em YHWH e organizar-se na resistência.⁴

Todavia, o que parecia ser o fim, foi na verdade, o início de um novo que deu a Israel a oportunidade de dar um passo de qualidade na consolidação de sua identidade na fé – o judaísmo –. Consideramos bastante singular, apesar de longa, a síntese que Bright apresenta a esse respeito:

A destruição de Jerusalém e o exílio subsequente marcam a grande linha divisória da história de Israel. De um golpe, sua existência nacional terminou e, com ela, todas as instituições sobre as quais sua vida de corporação de tinha expressado: nunca mais Israel será recriado precisamente da mesma forma. Com o Estado destruído e, como consequência natural, com o culto oficial supresso, chagara ao fim a antiga comunidade de culto nacional. E Israel se tornara, no momento, um aglomerado de indivíduos arrancados de suas raízes e vencidos, não mais um povo por algum sinal externo.⁵

Entretanto, continua Bright:

A maravilha está em que sua história não terminou, apesar de tudo. Israel não somente sobreviveu à calamidade, mas, formando nova comunidade das ruínas da antiga, retomou sua vida como povo. Sua religião, disciplinada e fortalecida, igualmente sobreviveu, encontrando aos poucos a direção que deveria tomar nos séculos futuros. No exílio, e depois do exílio, nasceu o judaísmo.⁶

E, naturalmente, o Dêutero-Isaías exerceu um papel fundamental nesse processo, sobretudo quando ajudou o Israel exilado a fazer memória de sua história e perceber que Deus sempre esteve presente.

A releitura do ontem, proposta pelo profeta, teve um alcance e importância determinante para a vida dos exilados, pois os ajudou a perceber que a história não é passada,

⁴ WEBLER, 2006, p. 22.

⁵ BRIGHT, 2003, p. 411.

⁶ BRIGHT, 2003, p. 411.

continua no presente e que Deus é o mesmo: usa o mesmo poder e mostra o mesmo cuidado, ternura e amor para com seu povo. Continua fiel à aliança de amor.

Deus ordena que o povo recorde a travessia pelo Mar Vermelho – saída do Egito – para lhes dar a certeza de que em seu amor fiel, o fará sair novamente de outra situação de privação da liberdade – o exílio babilônico –. Como afirmamos algumas vezes ao longo do texto, fará algo ainda maior e, que já estava acontecendo.

E Ele – Deus – o fará por dois motivos: primeiro porque Ele é fiel a aliança de amor que firmou com o povo que é seu. E, segundo porque Ele tem nas mãos os rumos da história – Só Ele é Senhor da História, pois Ele tudo criou com o poder de sua palavra e somente Ele tem o poder de recriar.

O Dêutero-Isaías insiste na ideia do ato salvador-libertador do Deus único como uma nova criação:

Às pessoas resignadas no exílio é anunciada coragem, pois Deus perdoa o pecado, provoca o retorno como um novo êxodo e possibilita nova vida [...]. Nos caps. 40–48 encontra-se ao lado de Gn 1–2 o mais largo testemunho da fé na criação. O Deus único é o Criador do céu e da terra. Ele, porém, continua ativo na sua condição de Criador, quando escolhe Israel. O perdão dos pecados é tanto resultado de seu poder criador quanto o retorno a Sião.⁷

O profeta passa da história concreta à Teologia do Deus criador e salvador. Defende que tudo depende do mistério da vontade divina inscrita no centro da mesma história. O Deus que outrora agiu libertando o seu povo da terra da escravidão: o Egito, e das mãos do tirano Faraó, conduzindo-o para a terra prometida, é o mesmo que, através de Ciro, rei da Pérsia, levará seu povo de volta à terra da promessa. Essa é a nova criação.

Assim, trazendo à tona a imagem do Deus-criador-libertador, o Dêutero-Isaías estabelece uma bela relação entre o ato criador de Deus no Gênesis e o ato libertador de Deus no Egito e, agora, no exílio em Babilônia. Darder sintetiza muito bem essa relação criação/libertação/recriação:

O cosmos, antes que se iniciara o processo criador, aparece como uma realidade ‘caótica, confusa e escura’ (Gn 1,2). De maneira análoga, o povo exilado e a comunidade que sobreviverá às mudanças do período persa também constituem, simbolicamente, uma entidade caótica, confusa e escura. Da mesma maneira que o Senhor converteu o universo caótico (Gn 1,2) em uma realidade ‘muito boa’ (Gn 1,31), converterá ‘creará’ (43,1-7) ao

⁷ JÜNGLING, 2003, p. 397.

povo angustiado pela dor do exílio [...] em uma realidade ‘muito boa’ que manifesta antes as nações a glória de Deus (66,12-23).⁸

Esta é a Boa Nova que o profeta traz aos exilados da parte de Deus: ele o criará e o fará testemunha de tudo isso perante as nações. A volta para Sião é vista como o novo ato criador de Deus ou como uma recriação: da terra do exílio para a terra da promessa, do caos e da desordem à comunidade ‘muita boa’ e testemunha da ação maravilhosa de Deus e assim, será também mediador entre Deus e as nações, levando-as à conversão ao único criador-salvador/libertador:

O segundo Isaias projetou Israel no papel de testemunha e mediador. Ergue-se no centro da história do mundo como testemunha do monoteísmo. Israel é também um mediador porque será instrumento de conversão de todas as nações. O Israel encarregado desse papel de responsabilidade é um Israel qualitativo: o ‘Resto’, os ‘pobres de Iahweh’, os servos do Senhor.⁹

⁸ DADER, 2008, p. 46-47.

⁹ HARRINGTON, 2006, p. 299.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2000.
- ABREGO DE LACY, J. M. *Os livros proféticos*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2006. (Introdução ao estudo da Bíblia, 4).
- ALONSO SCHÖKEL, L.; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I: Isaías, Jeremias*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Grande comentário bíblico).
- _____. *Profetas II: Ezequiel, Doze profetas menores, Daniel, Baruc, Carta de Jeremias*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002. (Grande comentário bíblico).
- AMSLER, S. *et al. Os Profetas e os livros proféticos*, São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Biblioteca de ciências bíblicas).
- ANTHONIOZ, S. “*À qui me comparerez-vous?*” (*Is. 40,25*): La polémique contre l'idolâtrie dans le Deutéro-Isaïe. Paris: Cerf, 2011. (Lectio divina).
- ARANGO, J. R. *Deus solidário com seu povo: o go'el no Dêutero-Isaías*. *RIBLA*, Petrópolis, n.18, p. 46-54, 1994.
- BEAUMONT, M. *Guia Prático da Bíblia*. Barueri, SP: SBB, 2012.
- BERGANT, D.; KARRIS, R. J. *Comentário bíblico: profetas posteriores, escritos, livros deuterocanônicos*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2008. v. 2.
- BÍBLIA do Peregrino. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- BLENKINSOPP, J. *Alcance e profundidade da tradição do Êxodo no Dêutero-Isaías, 40-55*. *Concilium*, Petrópolis, n.10. p. 37-46, 1966.
- BRIGHT, J. *História de Israel*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. (Nova Coleção Bíblica).
- CHAVE bíblica católica. 2. ed. Organizado pela Equipe Editorial Ave-Maria. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2012.
- COLETA, K. A. *O “Deus de toda consolação” no sofrimento de Paulo: um estudo exegético-teológico na Segunda Carta aos Coríntios*. Belo Horizonte: FAJE, 2014.
- CROATTO, J. S. Dêutero-Isaías, profeta da utopia. *RIBLA*, Petrópolis, n.24, p. 38-43, 1996.
- _____, J. S. *Isaías – a palavra profética e sua releitura hermenêutica: 40-55: a libertação é possível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (Comentário bíblico – AT, 2).

DARDER, F. R. *Isaías 40-66*. Henao: DDB, 2008. (Comentarios a la nueva Biblia de Jerusalén).

DICIONÁRIO enciclopédico da Bíblia. São Paulo: Edições Loyola : Paulus : Paulinas, 2013.

FARFAN NAVARRO, E. *El desierto transformado: una imagen deuterocanónica de regeneración*. Roma: PIB, 1992. (Analecta bíblica, 130).

GALBIATI, E. M. *A História da Salvação no Antigo Testamento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

GRUEN, W. *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

GUIJARRO OPORTO, S.; SALVADOR GARCIA, M. *Comentário ao Antigo Testamento II*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2008.

HARRINGTON, W. J. *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2006. (Biblioteca de estudos bíblicos).

JÜNGLING, J-W. *O livro de Isaías*. In. Introdução ao Antigo Testamento. ZENGER, E. et al. São Paulo: Loyola, 2003. (Bíblica Loyola, 36).

KLEIN, R. W. *Israel no exílio: uma interpretação teológica*. Santo André, SP: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2012. (Coleção temas bíblicos).

KONINGS, J. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LAWRENCE, P. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Barueri, SP: SBB, 2008.

MARTINI, C. M. *La debolezza è lá mia forza*. Casale Monferrato: Piemme, 2000.

MCKENZIE, J. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MILIK, J. T. *Dieci anni de scoperte nel deserto di Giuda*. 2. ed. Torino: Marietti, 1957. (Sintesi dell'oriente e della bíblia, 2).

NAKANOSE, S.; PEDRO, E. *Como ler o Segundo Isaías (40-55): da semente esmagada brota nova vida*. São Paulo: Paulus, 2004. (Como ler a Bíblia)

NOVA Bíblia Pastoral. São Paulo: Paulus, 2014.

REIMER, H. *A tradição de Isaías*. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n.89, p. 9-18, 2006.

RENDTORFF, R. *Teologia dell'Antico Testamento: volume primo: I testi Canonici*. 2. ed. Torino: Claudiana, 2006.

SCHMITZ, O. *Parakaléo/paráklesis*. In: GERHARD, F. (Ed.) *Theological dictionary of the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 1975. p. 773-799.

SEDA, KamelHarire. Crisid del exílio em Babilonia: una lectura de los oráculos de 'Segundo-Isaías'. JORNADA ANUAL DE LA SOCIEDAD CHILENA DE TEOLOGIA, 17, Valparaíso. *Crisisepocal: oportunidades y desafíos: a fe y a La Iglesia*. [Talca]: [s.n], 2006, p. 213-222, v. 6.

SICRE DIAZ, J. L. *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998. (Resenha bíblica).

SIMIAN YOFRE, H. *Isaías*. In: Comentário ao Antigo Testamento II. GUIJARRO OPORTO, S. et al. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 2008.

SIQUEIRA, T. M. *Segundo Isaías: o anúncio da permanente esperança*. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n.89, p. 19-24, 2006.

SKA, Jean Louis. *A palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo: Loyola, 2005.

SMITH, M. S. *O memorial de Deus: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006. (Biblioteca de estudos bíblicos).

SPREAFICO, A. *Esodo: memoria e promessa: interpretazioni profetiche*. Bologna: EDB, 1985.

STEINMANN, J. *O livro da consolação de Israel, e os profetas da volta do exílio*. São Paulo: Paulinas, 1976.

VAN DEN BORN, A. "Isaías". In: *Diocionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

WEBLER, J., "Eu te desenhei na palma das mãos" (Is 49,16): a misericórdia e a compaixão no Dêutero-Isaías, na teologia latino-americana e na espiritualidade cristã – um estudo interativo. Belo Horizonte: FAJE, 2006.

WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

WIÉNER, C. *O profeta do novo êxodo: o Dêutero-Isaías*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. (Cadernos bíblicos, 7).

WOLFF, H. W. *Bíblia: Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1978. (Biblioteca de estudos bíblicos, 3).

ZABATIERO, J. *A Boa-Nova em Isaías 40-66: um evangelho antes do Evangelho*. Estudos Bíblicos, Petrópolis, n.89, p. 25-32, 2006.

_____. *Servos do império: uma análise da servidão no Dêutero-Isaías*. Estudos Bíblicos, Petrópolis, RJ: Vozes, n.18, p. 37-43, 1998.